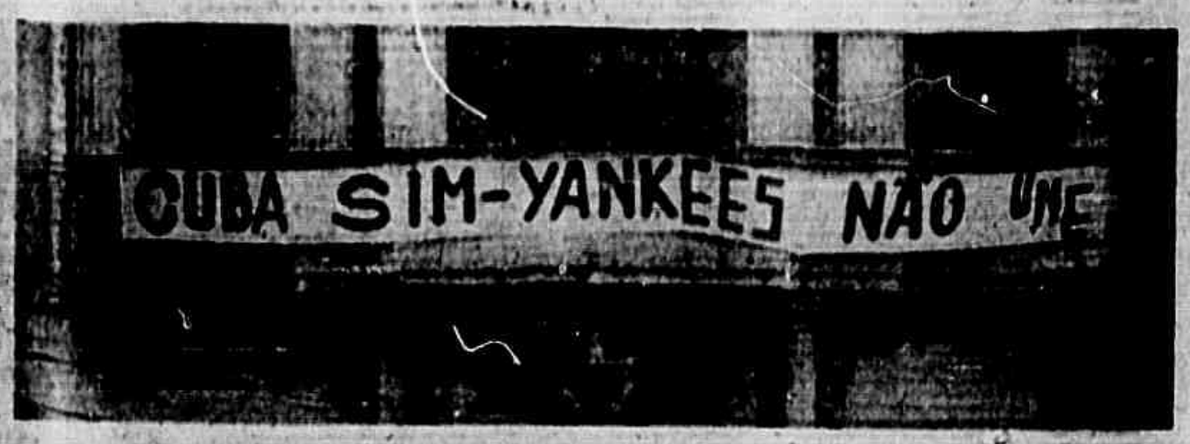
NOVOS RUMOS

ANO II — Rio de Janeiro, semana de 13 a 19 de janeiro de 1961 — Nº 98

Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmon Borges



Líderes Políticos e Sindicais Denunciam: Lacerda Quer Ser Ditador

Texto do Manifesto na 6ª pág.

O Partido Comunista Francês tornou-se o Partido da Nação

Artigo de M. THOREZ na 5ª pág. do 2º caderno

Petróleo: tomada de posição

Artigo de MARCO ANTÔNIO na 3ª pág. do 1º cad.

Rublo será nova moeda conversível

Texto na 6ª pág. do 1º caderno

Light no Brasil é sinônimo de fraude

Texto na 6ª pág. do 1º caderno

A «sadia» não gostou da palestra de Prestes

Texto na 3ª pág. do 1º caderno

EUA CONFESSAM:

Militares Ianques Preparam na Guatemala Invasão a Cuba

TEXTO NA 7.ª PAGINA

Por que Brizola disse não a Urubupungá?

Nota de JOSUÉ DE ALMEIDA na 2ª pág. do 2º caderno

Trabalhadores nas ruas exigem justiça para aeroviários

OS AEROVIÁRIOS e suas famílias, vítimas da aplicação do malsinado decreto antigreve 9.070, percorreram, na tarde do dia 10, as ruas centrais do Rio de Janeiro, em manifestação de protesto contra as demissões efetuadas pelas companhias de navegação aérea. A passeata (foto) foi organizada pelo Comando Geral de Defesa dos Aeroviários e da Direção [illegible], da qual participam 48 organizações sindicais sediadas na Guanabara. Representantes dos sindicatos desfilaram juntamente com os aeroviários demitidos e suas famílias, numa demonstração pública de solidariedade aos companheiros injustiçados. Durante o seu percurso, os manifestantes fizeram uma parada no Palácio Tiradentes, sendo recebidos por uma comissão de deputados, entre os quais Roland Corbisier, Lutero Vargas, Saldanha Coelho e Amaral Neto. A passeata terminou em frente ao Ministério do Trabalho, ocasião em que falaram diversos oradores condenando a atitude do diretor do DNT e reclamando medidas para a readmissão de todos os aeroviários dispensados (Reportagem na 2ª página do 1º caderno).

Sindicatos Paulistas Homenageiam o «Fidel do Sertão»

Texto na 6a. página

Mais Solidariedade

ORLANDO BOMFIM JR.

AGORA a denúncia foi feita dentro mesmo da cidadela do imperialismo. O «New York Times», com sua autoridade ocidental e cristã, divulgou a notícia, transmitida por um repórter que contou o que viu na Guatemala. Às expensas do govêrno dos E.U.A. e sob o comando direto de oficiais norte-americanos, está sendo preparada a invasão militar de Cuba. E não se trata de planos no papel, mas de atos concretos de adestramento de tropas, construção de aeroportos, etc. E tão detalhada e comprovada foi a denúncia que as autoridades ianques e guatemaltecas, apesar de seu costumeiro desaprêço pela verdade, não tiveram outro caminho senão confirmá-la.

NÃO SE trata, aliás, de um fato isolado. A verdade é que já existe tôda uma seqüência de fatos, tornados públicos, reveladores da política de gangster seguida pelo Departamento de Estado frente à revolução libertadora cubana. São as agressões econômicas, com o corte das importações e o bloqueio das exportações, os atos de provocação, sabotagem e espionagem, a persistente campanha de intrigas e calúnias tentando envolver os países latino-americanos, o rompimento de relações, e, agora, a preparação aberta da agressão militar.

ISSO NÃO significa, evidentemente, que o ataque se dará com a fôrça de uma fatalidade. Êle deve e pode ser impedido. Cuba, por várias razões, não está só. Sua defesa interessa a todos os povos particularmente aos da América Latina. E' em nossa própria casa que o choque está sendo travado. E que choque é êsse? De um lado, a sanguessuga imperialista, que quer manter sua repelente ventosa grudada ao corpo subdesenvolvido dos «bons vizinhos» do hemisfério. Do outro lado, um pequeno e valente povo, até bem pouco tempo submetido e explorado, que conquistou sua liberdade e constrói seu progresso — progresso e liberdade que não existem apenas como figura de retórica, mas são bens tangíveis por todos usufruídos. Pois essa é a luta travada também pelos demais povos latino-americanos. A vitória em Cuba é, por isso mesmo, igualmente nossa. Defendê-la é nosso dever, como parte inseparável de nossa própria luta.

POR OUTRO lado, a política intervencionista e agressiva do imperialismo ianque tende a acender um foco de guerra nas Caraíbas. Constitui, assim, ameaça à paz mundial. Põe em risco o anelo supremo da humanidade, que é impedir a tragédia de nova e mais devastadora carnificina. Também sob êsse aspecto, os interêsses de Cuba se confundem com os interêsses de todos os povos.

O POVO brasileiro tem manifestado, de maneira a não deixar nenhuma dúvida, sua solidariedade ao povo cubano. Numerosos são os documentos em que êsse sentimento se expressa. E nessas manifestações unem-se representantes de tôdas as classes e correntes políticas, sem qualquer distinção. Homens do govêrno e da oposição, senadores, deputados, vereadores, prefeitos, intelectuais, líderes operários, camponeses e estudantis, industriais e comerciantes, cerram fileiras tomando juntos posição contrária a qualquer intervenção em Cuba.

ANTE a injustificável iniciativa do rompimento de relações tomada por Eisenhower e o conhecimento de preparativos concretos de invasão militar, as manifestações de solidariedade receberam certo impulso. E' o caso, que serve de exemplo, da decisão da União dos Estudantes de São Paulo, que está levando à prática um plano de realizações que abrange o período de um mês e prevê, entre outros atos, uma série de pequenos comícios e um grande comício central seguido de passeata. Mas, é necessário compreender que, no seu conjunto, o movimento de solidariedade a Cuba ainda não atingiu o nível que sua importância e a gravidade do perigo impõem. Deve, pois, ser impulsionado com maior vigor. E urgentemente. A luta que está sendo travada faz parte, como dissemos, da nossa própria luta. E nela devemos empenhar tôdas as nossas fôrças, para alcançar a vitória.

Defende Teu Direito

SALARIO MINIMO. — A decisão recorrida afirmou que os Decretos de revisão de salário mínimo só entram em vigor dentro do prazo de 60 dias, fixado no art. 116 da Consolidação das Leis do Trabalho. — Recurso extraordinário conhecido e provido, unânimemente. A jurisprudência vitoriosa neste Supremo Tribunal Federal consagra a plena legitimidade do que está no art. 5 do Decreto executivo n.º 39.604-A, isto é, sua entrada em vigor na data ali estabelecida, pois revogado ficou o art. 116 da Consolidação. Ac. STF, 1.ª Turma (Rec. ext. 45.057), Rel. Ministro Cândido Mota Filho, "Ementário Trabalhista", dezembro-1960.

Todo ato governamental que, em condições normais, modificar ou alterar o salário mínimo, outros níveis fixando ou estabelecendo, estará sujeito ao prazo de carência de que trata o art. 116 da Consolidação. Todavia, em face de condições anormais decorrentes de fatôres de ordem econômica, implicando alteração profunda da situação econômica e financeira da região ou zona antes de decorridos três anos de sua vigência, poderá o salário mínimo, excepcionalmente, ser modificado. Nessa Hipótese, então, dado o caráter da excepcionalidade, sempre que invocado, não mais estará sujeito ao prazo de sessenta dias para sua entrada em vigor, o Decreto que novos níveis de salário mínimo estabelecer, mas aquele nêle disposto. Ac. TST — Pleno (Proc. RR 1.399/59), Relator Ministro Thélio Monteiro, D.O., 30-9-1960, pág. 568.

Segundo o acórdão recorrido, o prazo de 60 dias para entrada em vigor dos novos níveis de salário mínimo, fixado no art. 116 da Consolidação das Leis do Trabalho, não pode ser alterado por via de simples decreto do Poder Executivo. — Recurso extraordinário conhecido e provido para julgar procedente a reclamação. Consoante já entendeu êste Supremo Tribunal, "o prazo de 60 dias, previsto no art. 116 da Consolidação, diz respeito tão-sòmente à fixação inicial do regime de salários, ao passo que para as revisões ou prorrogações subseqüentes — que independem até de decreto executivo — é lícito estabelecer livremente quando há de vigorar o respectivo ato. Ac. STF, 2.ª Turma (Rec. ext. 43.003), Relator Ministro Lafayette de Andrada.

O salário mínimo excepcional de que trata o § 2.º do art. 116 da Consolidação é operável desde logo, respeitada a data da vigência estabelecida no Decreto que o institua. Em seu sentido formal, o Decreto autorizado pelo legislador (art. 116 da C.L.T.) é *ato administrativo*, porque emana do Poder Executivo. E é lei constitutiva, em seu sentido material e orgânico, porque fixa níveis salariais, ou os mantendo, ou os elevando, ou, excepcionalmente, os inovando. Nesse particular, dá-se como que uns "distensão legislativa", que, em sentido jurídico, é explícita delegação de poderes. Ac. TST, 1.ª Turma (Proc. 3.326/59), Relator Ministro Pires Chaves, D.O., 8-7-1960, pág. 235.

Este Tribunal, com o apoio reiterado do Supremo Tribunal Federal, vem interpretando que o prazo de sessenta dias estabelecido no art. 116 da Consolidação para vigência do salário mínimo, diz respeito, tão-sòmente, à fixação inicial do regime de salário, ao passo que, para as revisões subseqüentes, é lícito ao Executivo estabelecer quando há de vigorar o respectivo ato. Esta interpretação está, sem dúvida, mais acorde com os ensinamentos doutrinários, e traduz a adaptação do direito às exigências sociais do momento, finalidade que deve presidir a aplicação da lei, especialmente a de proteção ao trabalho. Considere-se, ainda, que o sentido da lei de salário mínimo é beneficiar o trabalhador, e o caráter de excepcionalidade em que foi decretada a majoração do limite mínimo de remuneração, evidencia a necessidade de sua aplicação imediata. Seria ilógico, contraditório que, promulgada a lei alterando o menor salário, fôsse adiada sua aplicação com evidentes e graves prejuízos para a parte que visou beneficiar. Ac. TRT, 5.ª Região (Proc. 213/59), Relator José Dantas do Prado.

B. Calheiros Bomfim

PELO CUMPRIMENTO DO ACORDO:

Estivadores e Portuários Permanecem Unidos Para Nova Greve Geral

O fato de as autoridades governamentais não haverem cumprido, até hoje, os itens do acôrdo firmado em 18 de outubro do ano passado com os estivadores, poderá levar essa combativa categoria profissional a uma nova greve geral em todos os portos nacionais.

A paralisação do trabalho, prevista para a segunda quinzena do corrente mês, se até lá não estiverem em execução os compromissos firmados pelo Presidente da Comissão de Marinha Mercante e o Ministro do Trabalho, contará, como na memorável greve desencadeada às sete horas da manhã do dia 18 de outubro, com a solidariedade total dos portuários, que também se encontram em luta por suas reivindicações específicas.

Reunião

A Federação Nacional dos Estivadores convocará, para os próximos dias, uma reunião do Conselho Deliberativo da entidade e dos representantes de todos os 57 sindicatos da estiva para examinar a atual situação e adotar as medidas necessárias para fazer cumprir o atendimento das reivindicações da classe, consubstanciadas no acôrdo de 18 de outubro firmado pelas autoridades.

Descaso

Certo é que as autoridades governamentais parece que perderam mesmo todo o senso de responsabilidade. Já não são mais as palavras, agora são os próprios compromissos e acôrdos solenemente assinados que não são cumpridos. A situação chegou a tal ponto que inúmeras categorias profissionais, entre as quais os marítimos e ferroviários, têm recorrido várias vêzes ao recurso extremo da greve, para fazer com que as autoridades sejam obrigadas a cumprir sua própria palavra escrita.

Manobra

O mais grave é que, depois de assinarem acôrdos comprometendo-se a atender as reivindicações dos trabalhadores, em prazos determinados, passem as autoridades a manobrar, procurando envolver a liderança sindical em formas «conciliatórias», segundo as quais itens dos ajustes firmados seriam modificados, de modo a serem atendidos com maior brevidade. Essa conduta cínica, reveladora de todo o despudor reinante nas altas esferas administrativas, generaliza-se a tal ponto que a Rêde Ferroviária pretendeu burlar a própria lei da paridade, tentando negociar com os ferroviários o pagamento dos 44% sôbre os salários em vigor em 1956, e não sôbre os de 1 de dezembro de 1960 conforme manda a lei. Agora é a Comissão de Marinha Mercante quem deseja negociar com o direito de férias e outras reivindicações conquistadas pelos estivadores. Mas a resposta dos estivadores, ao que tudo indica, será a mesma dos ferroviários: cumprimento da lei e dos acôrdos ou greve geral.

Promessa cumprida

E' certo que, sob o impacto da greve nacional que paralisou as atividades em todos os portos do país no dia 18 de outubro de 1960, as autoridades atenderam, no prazo estabelecido, a reivindicação dos estivadores, que exigiam o retôrno das Caixas de Acidentes de Santos e da Guanabara à administração de suas respectivas entidades sindicais. Entretanto, a abolição da chamada «estiva livre» até hoje ainda não foi resolvida, apesar de o prazo estabelecido tar se esgotado nos primeiros dias de novembro do ano passado.

Direito de férias

A Federação Nacional dos Estivadores, num esfôrço de colaboração com a Comissão de Marinha Mercante, visando o estabelecimento das novas taxas capazes de fazer face as despesas necessárias ao pagamento das férias aos estivadores, elaborou, sob demorada consulta aos seus filiados, uma tabela em conformidade com a qual as taxas deveriam ser acrescidas de 7% sôbre o montante de mão-de-obra e adicionais da taxa atual. Mas a CMM desprezou essa colaboração e elaborou uma tabela estabelecendo uma taxa de 5% a ser calculada apenas sôbre as despesas designadas no chamado Montante Mão-de-Obra, isto é, nos salários simples percebidos pelos estivadores ,excluindo até mesmo o aumento salarial de 35% que conquistaram em outubro.

Essa taxa, que seria recolhida aos cofres dos sindicatos para pagamento das férias aos estivadores, sendo por demais insuficiente, se aceita, determinaria uma rebelião da classe contra as suas próprias entidades, que não disporiam de recursos para o pagamento das férias conforme manda a lei. As autoridades, por seu lado, ficariam de camarote, respondendo a quem as procurasse, que o dinheiro estava com os sindicatos. A arapuca foi armada, mas os estivadores passaram por longe.

O correto

Na verdade, os estivadores gozam de outras vantagens, além de salário fixo, que devem e têm de ser consideradas nos cálculos para efeito do pagamento de férias. Por isso é que êles exigem que a taxa estabelecida seja cobrada sôbre o Montante Mão-de-obra Geral na qual se inclui salários e adicionais. Com efeito, os estivadores, quando trabalham à noite, recebem um adicional de 25%; se operam em cargas estrangeiras, um acréscimo de 50%; se em condições de periculosidade, uma taxa de 30%; se a carga é insalubre, um adicional de 35%. Ora, o salário do homem da estiva não é determinado apenas pela remuneração simples, mas pela soma de tôdas essas e outras vantagens. Portanto, no período de férias, êle deve receber a remuneração correspondente à soma total dos salários e vantagens recebidos quando em atividade, e não apenas aos salários simples, conforme extende a Comissão de Marinha Mercante.

Prazo

O Conselho Deliberativo da Federação Nacional dos Estivadores e os líderes da classe de todo o país estarão reunidos na Guanabara, nos próximos dias, quando darão um prazo às autoridades para que resolvam, de uma vez por tôdas, as questões que se comprometeram solucionar no acôrdo firmado em 18 de outubro de 1960. Êsse prazo, segundo adiantou à reportagem de NR o líder Osvaldo Pacheco, não irá além do dia 30 do corrente «porque a paciência dos estivadores já está esgotada».

Os portuários

Também os portuários, filiados a 43 sindicatos em todo o país, marcham ao lado dos estivadores, defendendo as suas próprias reivindicações. Felipe Ramos Rodrigues, secretário da Federação Nacional dos Portuários, falando a reportagem de NR, acentuou que, a exemplo dos seus colegas da estiva, os conferentes e consertadores de carga exigem o direito a férias remuneradas, para o que reivindicam a criação de uma taxa de 8% destinada àquele fim. Os trabalhadores em serviços de capatazia lutam, por outro lado, pelas seguintes reivindicações:

1) aumento salarial de 60% a partir de 1 de janeiro corrente;

2) adicionais de 5% por qüinqüênio de serviço, a contar dos primeiros cinco anos;

3) salário-família de Cr $1 000,00 para filho, espôsa ou companheira legalmente habilitada;

4) gratificação de férias;

5) Abono de Natal igual a um e doze avos do salário anual de cada trabalhador;

6) majoração de 30% sôbre a remuneração de todos os serviços executados sob chuva.

100 Sindicatos na luta

As lutas reivindicatórias que se processem nos portos de todo o país, lideradas pela Federação Nacional dos Estivadores e Federação Nacional dos Portuários, abrange a cêrca de 120 mil trabalhadores filiados a 100 sindicatos que se espalham por tôda a orla marítima, fluvial e lacustre. Êsses homens, a exemplo do que ocorreu em outubro do ano passado, poderão voltar a uma greve geral, por culpa exclusiva das autoridades ministeriais e da Comissão de Marinha Mercante que, além de não atenderem às reivindicações dos trabalhadores, negam-se a cumprir os acôrdos firmados.

O encontro dos operários latino-americanos

O líder sindical João Louzada foi eleito pelos trabalhadores da indústria de construção civil de São Paulo para representá-los no I Encontro Latino-Americano de Trabalhadores da Construção, Madeira e Material de Construção, que se realizou em Montevidéu, nos dias 12 e 13 de dezembro último.

O conclave contou com a participação de líderes operários da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Peru e Uruguai, e adotou uma plataforma de reivindicações comuns aos operários latino-americanos, e que deve ser conhecida pelos trabalhadores brasileiros, principalmente pelos da construção civil. O líder paulista João Louzada, que participou do conclave, salientou para o repórter de NR que está pronto a realizar palestras sôbre o que foi o referido encontro, desde que seja convidado com antecedência.

Prossegue Vitoriosa a Luta em Defesa Dos Aeroviários Demitidos

Centenas de aeroviários que continuam demitidos como grevistas promoveram uma passeata pelas ruas da cidade, na última têrça-feira, em companhia de suas mulheres e filhos. Os manifestantes, acompanhados de dezenas de líderes sindicais, que desfilaram empunhando as bandeiras das suas entidades, dirigiram-se à Assembléia Constituinte, onde entregaram aos parlamentares cariocas um memorial solicitando a solidariedade dêles e denunciando a conduta das companhias de navegação aérea.

No último dia 4, reunidos na sede do Sindicato dos Têxteis, num ato de solidariedade aos aeroviários, líderes representantes de 64 entidades sindicais resolveram endereçar um telegrama à ONU e outro à OIT (Organização Internacional do Trabalho), denunciando a violação ao direito de greve no Brasil. Na mesma reunião os líderes sindicais aprovaram o envio de um memorial ao Presidente da República protestando contra os últimos atentados às liberdades sindicais e ao direito de greve, exigindo a revogação pura e simples do decreto-lei 9.070, e solicitando a sua interferência junto aos parlamentares para que apressem a votação do projeto de autoria do deputado Aurélio Viana, que regulamenta o direito de greve.

A medida em que se intensifica o movimento de solidariedade aos aeroviários demitidos, as emprêsas de navegação aérea vão recuando do seu propósito de continuar violando o direito de greve e de estabilidade funcional. Dêsse modo, dos três mil operários que haviam sido dispensados como grevistas, mais de dois mil já retornaram ao trabalho, dentre os quais o líder sindical Altair Hespanha, presidente do Conselho Deliberativo do Sindicato Nacional dos Aeroviários, que trabalha há 16 anos na Panair, de onde havia sido afastado como grevista.

O Comando de Defesa dos Aeroviários e do Direito de Greve, continua se reunindo diàriamente na sede da Federação Nacional dos Marítimos, e apelando a tôdas as entidades sindicais que intensifiquem a realização de atos de protesto contra a demissão dos trabalhadores aeroviários e pela revogação do 9.070. Por outro lado, inúmeros parlamentares vêm envidando todos os esforços para assegurar os direitos dos aeroviários demitidos, e a Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara já se manifestou em favor da causa dos ex-grevistas. Na foto, uma das reuniões na sede da União dos Portuários do Brasil, quando falava o líder estivador Osvaldo Pacheco.

Nota Sindical

Greve: um Direito Que se Impõe

No mesmo dia em que os líderes de 64 entidades sindicais se reuniam no Estado da Guanabara, numa assembléia de solidariedade a milhares de trabalhadores aeroviários demitidos como grevistas, o promotor Fabiano de Barros Branco, da 23.ª Vara Criminal, pedia e obtinha do juiz Fonseca Passos o arquivamento do inquérito policial instaurado contra operários marítimos, ferroviários e portuários que haviam sido presos por participarem da greve nacional pela paridade.

O Promotor salientou, em seu despacho, que os trabalhadores agiram "premidos pela avassaladora onda inflacionária, usando a greve para fazer valer suas reivindicações salariais". Após caracterizar o referido processo com um "melancólico testemunho de uma época conturbada", o sr. Fabiano de Barros Franco acentua que "é bem verdade ser a greve proibida, e que o código profliga a paralisação coletiva do trabalho, mas, é tão angustiosa a situação do trabalhador que o Poder Executivo pensou mais em solucionar o problema, como de fato solucionou, pelo menos provisòriamente, através da chamada "paridade", do que punir os infratores, como autorizava a Lei."

Enfim, o arquivamento do inquérito policial instaurado contra os marítimos, portuários e ferroviários, à base das razões assinaladas pelo Promotor, é um testemunho da própria Justiça contra essa aberração jurídica que é o decreto-lei 9.070, instrumento de repressão aos movimentos grevistas e violador da própria Constituição Federal, que assegura ser livre o direito de greve.

Mas, de qualquer modo, o decreto-lei 9.070 continua em vigor, servindo ao patronato reacionário contra os direitos das massas trabalhadoras. Baseadas nêle é que as emprêsas de navegação aérea tentam violar o direito a estabilidade no serviço, lançando na rua, sem nenhuma indenização, centenas de seus empregados que contam 10, 20 e até 30 anos de casa.

É certo que não houve 9.070 capaz de impedir o crescimento das lutas reivindicatórias, que chegaram a levar cêrca de um milhão e meio de trabalhadores à greve no ano passado. Mas nem tudo são flôres, e aí está o mais recente exemplo, o das emprêsas de navegação aérea, de utilização do decreto antigreve contra a massa operária. Êsse e outros fatos ocorridos anteriormente deixam claro a necessidade de se fazer enterrar, definitivamente, o 9.070.

Aliás, o Comando de Defesa dos Aeroviários e do Direito de Greve, que conta com a adesão de mais de 60 entidades sindicais, inclusive 18 federações, compreendeu essa situação e tomou a si a tarefa de reativar a luta nacional pela revogação imediata do famigerado decreto do Govêrno Dutra e pela aprovação do projeto de regulamentação do direito de greve, de autoria do deputado Aurélio Viana, emendado pelas entidades sindicais.

A Campanha está reiniciada, e o Comando solicitou às entidades sindicais de todo o país que se reunissem em assembléia geral para estudar formas de apoio aos aeroviários demitidos e de luta pela regulamentação do direito de greve. Trata-se, agora, de levar avante a iniciativa, até que o direito de greve seja regulamentado, sem restrições.

Nilson Azevedo

Petróleo: Tomada de Posição

MARCO ANTONIO COELHO

O tema do petróleo voltou à ordem do dia, exigindo das fôrças nacionalistas e democráticas uma tomada de posição rápida, de forma a que uma ampla pressão de massas determine uma solução favorável aos nossos propósitos.

Inicialmente, é justo acentuar-se que o simples debate, das questões relacionadas com o petróleo, já constituiu uma vitória daqueles que defendem as posições nacionalistas, porque dêle está resultando um esclarecimento proveitoso em tôrno de muitos aspectos, antes pouco conhecidos e algo obscuros.

Quais os principais problemas em discussão?

O fato mais grave, em tudo que surgiu, reside na denúncia formulada na Câmara dos Deputados, pelo deputado Gabriel Passos, da ação profundamente nociva do ex-diretor do Departamento de Exploração da Petrobrás (setor encarregado da pesquisa), Mister Walter Link, antigo geólogo chefe da Standard Oil of N. Jersey, bem como pela equipe que formou e dirigiu nestes cinco anos. O país tomou conhecimento das afirmações dos documentos elaborados por Link e seus auxiliares, de que fora da bacia do Recôncavo Baiano não dispõe o Brasil de grandes reservas que permitam exploração comercial, dando a entender que as possibilidades da descoberta de maiores reservas na Bahia são, igualmente, precárias. As conclusões do geólogo-chefe da Petrobrás, evidentemente, foram lançadas como fundamentação científica para a campanha, que já se havia iniciado, de modificação da política energética brasileira. Em suma, as teses de Link surgiram para liquidar o monopólio estatal do petróleo e para se iniciar o estudo de uma nova solução para o fornecimento ao país do combustível que necessitará no futuro. Particularmente, voltou-se a insistir na tese da necessidade do petróleo boliviano.

Mas, foram surgindo no debate outros pontos de grande interêsse. Revelaram-se os contornos gerais dos graves erros cometidos pelo govêrno Kubitschek, e também, por diretores da Petrobrás, na condução da economia e das finanças da emprêsa estatal. Disse-se, inclusive, que êstes erros chegaram a um tal ponto que hoje a situação da Petrobrás é difícil, propalando-se até a assertiva da diminuição da sua capacidade de expansão. Arcando com os pesadíssimos ônus da pesquisa, em longínquas regiões da Amazônia e noutros Estados, sustentando diversas obrigações para a ampliação de seu parque industrial, tudo isso dentro de regime de inflação em que vivemos, a receita da Petrobrás não acompanhou a marcha ascencional das despesas, desde que os preços de suas mercadorias, especialmente da gasolina, conservaram-se quase que imutáveis, para não pressionarem ainda mais a onda altista. Em resumo, aguenta a Petrobrás em seus ombros uma grande parcela das falhas da política econômica e financeira do govêrno, sem receber as compensações necessárias. Pelo contrário, o Ministério da Fazenda, pelos seus diversos órgãos, e o Conselho Nacional do Petróleo, retardaram e retardam a entrega de recursos pertencentes à Petrobrás (exemplos: demora na liquidação das quotas do impôsto de combustíveis; atraso no pagamento do Fundo de Fretes; não recolhimento das obrigações de Capuava para com a Petrobrás; retardo no fornecimento de cambiais; diminuição pelo C.N.P. da remuneração da Petrobrás na estrutura de preços dos derivados do petróleo, vendidos ao distribuidor, etc.). Enfim, o virtual congelamento dos preços dos derivados, junto com as irregularidades assinaladas, representa um prejuízo anual que alguns calculam que atinja à cifra de cinco a seis bilhões de cruzeiros.

Deve-se somar a êsses desacertos cometidos pelo govêrno, com a complacência do presidente da Petrobrás, cel. Sardemberg, a demagogia do sr. Juscelino Kubitschek de propor certas obras de duvidosa rentabilidade, absolutamente não prioritárias, como a refinaria e o oleoduto para Belo Horizonte, sem levar em conta os interêsses da economia nacional e da Petrobrás. Por outro lado, não se pode mais menosprezar as críticas que são feitas a diversos aspectos da ação dos administradores da emprêsa mista, que caracterizam, entre outras, as seguintes falhas graves em seu funcionamento: falta de ação contra a sabotagem americana em vários setores; burocracia incompatível com uma emprêsa industrial de tal parte; desorganização administrativa que eleva o custo de realizações; não punição dos culpados pelas irregularidades; empreguismo que começa a desenvolver-se; não funcionamento da direção colegiada da emprêsa e falta de capacidade de alguns de seus diretores para enfrentarem vários encargos.

Todos êsses aspectos, complexos e graves, sôbre o problema do petróleo e da Petrobrás, surgem à tona, mas, inevitàvelmente, trava-se em tôrno dêles uma discussão política, onde os grupos e correntes procuram alcançar seus objetivos políticos.

Vemos, assim, os setores entreguistas entrarem em franca ofensiva, apoiados nas teses de Link e nos erros da Petrobrás (conferência de Glycon de Paiva na Escola Superior de Guerra), buscando, com novo afã e insistência, a derrocada do monopólio estatal do petróleo. Isto é nítido nos editoriais do «O Globo» e do «O Estado de São Paulo». O poderoso grupo econômico da Refinaria de Capuava, que tem seus interêsses de expansão contrariados pela legislação, tudo faz para ampliar os negócios que lhe rende lucros espantosos manobrando para refinar acima do que lhe é permitido, a fim de que possa também entrar no ramo da petroquímica, o filé de ouro da indústria do óleo negro.

Nos grupos que atuam na Câmara dos Deputados, constata-se que, além de certos objetivos corretos do ponto de vista nacionalista, procuram os janistas criar um clima para os ataques à administração atual, enquanto que os homens da situação silenciam sôbre certas coisas, para amanhã jogarem nas costas do novo ocupante do Alvorada determinadas acusações. Acrescente-se a isso, para tornar o ambiente mais complicado, certas divergências entre técnicos e políticos nacionalistas, que deixam transparecer, em suas atitudes, antigas querelas pessoais, que os impedem de assumir uma posição correta no debate, porque intentam saldar velhas contas, ao invés de buscarem as saídas corretas, de acôrdo com os interêsses mais gerais da nação.

Diante de todo êsse quadro, é imprescindível que os comunistas tenham clareza sôbre o que está acontecendo, a fim de que possam desempenhar o papel que nos cabe de fôrça de vanguarda e aglutinadora das demais correntes nacionalistas e democráticas. Verdadeiramente, a nossa posição de «defesa da Petrobrás» tem sido acertada, porque a emprêsa estatal, desde que foi criada, tornou-se o símbolo da luta antiimperialista e o ponto de apoio da campanha nacionalista. Se, de um ponto de vista econômico, representou um golpe nas pretensões dos poderosos trustes de petróleo, politicamente tornou-se uma arma da luta das massas contra o imperialismo. Não há porque lamentarmos a nossa atitude. Mas, nos últimos tempos não temos acompanhado as modificações que estão ocorrendo na Petrobrás. Não vimos com suficiente clareza que o fato de a Petrobrás não ter sido liquidada não derrotou em definitivo a «Esso», que alterou sua tática. Não sòmente a abraça de frente, mas decidiu liquidá-la por dentro, pela sabotagem no setor de pesquisas e em outros, pela sua derrocada econômico-financeira, seguindo o exemplo da Yacimientos Petrolíferos Fiscales, da Argentina. Sem dúvida, algumas vêzes nós, e outros elementos nacionalistas, temos apontado falhas na Petrobrás, sendo exemplo disto a denúncia das atividades de Link. Mas, no movimento geral de massas o que tem aparecido é a simples apologia da Petrobrás e a solidariedade irrestrita aos seus diretores, como se vê nas decisões dos congressos sindicais e estudantis, e nas reuniões nacionalistas. Devemos mostrar que é preciso defender a Petrobrás dos ataques imperialistas de fora, dos ferozes inimigos que propugnam abertamente pela derrocada da grande emprêsa, mas, ao lado disso, é indispensável defendê-la simultâneamente de seus inimigos internos, dos sabotadores e incapazes.

Nesta situação, que objetivos devem servir de roteiro para a luta dos nacionalistas?

Sem dúvida, nesta fase, o problema da mudança da orientação do Departamento de Exploração constitui a questão básica da emprêsa. É indispensável rechaçar cabalmente as teses de Link e seu grupo, pela suspeição dos seus autores. Não se pode adiar mais uma coisa — a libertação da Petrobrás do domínio, direto ou indireto, dos técnicos norte-americanos. Chegou a hora de contratar-se técnicos de outras áreas, inclusive dos países socialistas. Eis aí um ponto aceito por muitos setores não comunistas da opinião pública. E não se deve entregar a uma só equipe de técnicos o contrôle da pesquisa e exploração de tôdas as regiões onde se buscam reservas do fabuloso combustível.

Para a Petrobrás vencer a situação difícil que atravessa, ao lado da adoção de medidas oficiais visando fornecer maiores recursos financeiros, e, ainda, de lhe serem entregues sem delongas as verbas a que tem direito, é igualmente inadiável que se estenda a outros setores de atividade a ação da Petrobrás. Não se compreende, por exemplo, depois das denúncias do parecer Geisel, que se tolere a ação da Refinaria de Capuava profundamente prejudicial à Petrobrás. Visìvelmente, existe um acôrdo entre Capuava e a Standard Oil ambas com o firme propósito de verem por terra a grande emprêsa. Uma solução necessita ser encontrada a fim de possibilitar uma revisão do privilégio do grupo Soares Sampaio, que detém a maioria das ações de Capuava. Por outro lado, ninguém entende como existam restrições à entrada da Petrobrás nos diversos setores da petroquímica, bem como que se estabeleça o monopólio estatal da importação de óleo cru e derivados, de acôrdo com os projetos dos deputados Temperani Pereira, Ramon de Oliveira e Fernando Santana. Por último, chegou a hora de se pleitear com energia a entrada da Petrobrás na distribuição em grosso dos derivados do petróleo, colocando um ponto final na existência das Esso, Atlantic, Shell, etc., que se aproveitaram largamente do desenvolvimento do consumo nacional de derivados de petróleo, sem que para isso tivessem contribuído com coisa alguma.

Estamos convencidos que não sòmente é possível a de[illegible]a dos planos dos imperialistas [illegible]ues de liquidarem a Petrobrás, como acreditamos que todos êsses erros da mesma possam ser corrigido, desde que uma pressão de massas se faça sentir, presente e poderosa.

Os comunistas darão a sua contribuição para que novamente se ouça nas praças públicas a voz simples e poderosa dos homens do povo. Nossa colaboração nunca se limitou à elaboração de planos de gabinetes ou a artigos inócuos. Sempre foi o esfôrço gigantesco da mobilização tremenda da opinião pública, não obstante tôdas as adversidades e incompreensões. Não por acaso, os trustes de petróleo vêem em nós os seus piores inimigos. Aceitamos isto como um galhardão para o nosso Partido.

Prestes, o Velho e a Menina

Realizou-se no dia 8 último, no sítio São Bento em Caxias, festa campestre organizada por uma comissão popular em homenagem ao 63.º aniversário de Luiz Carlos Prestes. Mais de duas mil pessoas participaram dos festejos, durante os quais foram prestadas inúmeras manifestações de carinho e aprêço ao líder comunista que lá compareceu. Show com artistas populares, baile, a coroação da "Rainha da Festa", (a menina Mara Garcia), além de um lauto churrasco marcaram os festejos que se iniciaram às 8 horas da manhã e duraram por todo o dia. Numa pequena solenidade realizada no período da tarde, Prestes falou agradecendo à manifestação e traçando um rápido quadro da situação que atravessa o país, dos resultados da conferência dos Partidos Comunistas e Operários realizada em Moscou e da situação internacional. Na ocasião usaram da palavra várias pessoas, saudando o líder comunista que se vê na foto ao lado da menina Mara Garcia, que êle coroou, e da qual recebeu uma linda corbelha.

Kubitschek e Kruschiov Trocaram Mensagens Pela Paz e Amizade

Por ocasião da passagem do ano, o presidente Kubitschek e o primeiro-ministro Kruschiov trocaram mensagens de boas festas, em nome dos respectivos povos e governos. A mensagem do govêrno soviético veio assinada pelo presidente do Soviet Supremo da URSS, Leonid Breznev, bem como por Nikita Kruschiov, com as seguintes palavras:

"Em nome dos povos da União Soviética e em nossos próprios nomes, enviamos-lhe, Senhor Presidente, e ao povo brasileiro, amante da paz, os nossos sinceros cumprimentos e votos de felicidade e bem-estar, por motivo do Ano Novo. O povo soviético sempre experimentou e experimenta sentimentos de grande simpatia e respeito ao povo brasileiro, como a todos os demais povos que aspiram a fortalecer sua independência e viver em paz e amizade. Expressamos a esperança de que no Ano Novo tôdas as nações pacíficas e os povos amantes da paz façam esforços para alcançar resultados práticos na solução do desarmamento completo e universal, no desenvolvimento das relações amistosas e no fortalecimento da colaboração entre os povos, à base dos princípios da coexistência pacífica. Permita-nos, Senhor Presidente, expressar a segurança de que no ano de 1961 as relações entre os nossos países se desenvolverão para o bem dos povos de nossos dois países e no interêsse da consolidação da paz na Terra".

A resposta do Presidente Kubitschek foi assim redigida:

"Em meu nome e no nome da Nação brasileira, venho agradecer e retribuir a Vossas Excelências e aos nobres povos da União Soviética os cumprimentos e bons votos formulados ao ensejo das comemorações do Ano Novo. Com igual aprêço e respeito pela pátria de Vossas Excelências, apraz-me manifestar-lhes a certeza de que, fiel à sua vocação pacífica, o Brasil está sempre disposto a colaborar de maneira efetiva, através de honrosos caminhos, para que a humanidade possa alcançar os benefícios da paz tão ardentemente desejada por todos os povos".

Prestes novamente absolvido

O Supremo Tribunal Federal, em sessão plena realizada em Brasília sexta-feira última, decidiu por unanimidade manter a absolvição dada pelo juiz Aguiar Dias, da 9ª Vara Criminal do Rio de Janeiro a Luiz Carlos Prestes e seus companheiros comunistas, responsabilizados pelo manifesto do PCB publicado na «Imprensa Popular», em agôsto de 1950, e que eram por isso acusados de «crime contra a segurança nacional». O voto do relator, ministro Ari Franco, argumentou que «estava extinta a punibilidade da propaganda de processos violentos para subverter a ordem político-social, sendo improcedente a ação penal, por insuficiência de provas». Com Prestes, foram então absolvidos Carlos Marighela, Diógenes Arruda, Pedro Motta Lima, Aristeu Aquiles, João Amazonas, Pedro Pomar, Armênio Guedes, Amarilio Vasconcelos e outros.

Contra Prestes, dependendo igualmente de decisão do S.T.F., existe ainda o recurso do Procurador do Estado contra a sentença de absolvição dada a êle pelo juiz Monjardim Filho, na 3ª Vara do Rio, em processo semelhante ao que agora foi objeto do voto unânime do Supremo Tribunal.

A "SADIA" NÃO GOSTOU DA PALESTRA DE PRESTES

A imprensa de aluguel reagiu com uma fúria pouco comum à repercussão da conferência de Prestes na ABI, sôbre a reunião dos partidos comunistas em Moscou. Não se sabe o que a deixou mais em dores: se o fato, que ela própria não pôde esconder, de que a conferência de Prestes despertou tal interêsse na opinião pública que a direção de NOVOS RUMOS, que a patrocinava, teve de convidar centenas e centenas de pessoas a que voltassem para casa, pois o amplo auditório da ABI já se encontrava superlotado; ou se a revelação pública do fato de que os comunistas brasileiros, através da delegação que enviaram a Moscou, estiveram representados e tiveram mesmo uma atuação importante numa reunião que, segundo as palavras "insuspeitas" de "O Globo", "decidia dos destinos do mundo".

Além dos comentários mentirosos e azedos feitos no bôjo das próprias notícias que deram da conferência — o que quase todos êles fizeram — os jornais da "sadia" dedicaram artigos e tópicos editoriais, de tamanho e tom variáveis, à palestra de Prestes. Êste é o caso de "O Globo", do "Correio da Manhã", do "Jornal do Brasil" e da "Tribuna da Imprensa". O curioso do fato, entretanto, é que nenhum dêles encontrou coisa alguma a dizer sôbre as teses defendidas pela Declaração de Moscou e expostas por Prestes na ABI. Ao que parece, depois de muito escafunchar as palavras do conferencista, e nada encontrando que pudesse ser refutado ou desmentido, os esforçados jornalistas da "sadia" não tiveram outro recurso senão "apelar para a ignorância", na atitude consagrada pela saborosa e muitas vêzes sábia gíria carioca. Passaram a inventar coisas, a colocar frases na bôca de Prestes e para depois refutá-las, e por pouco duvidavam da própria existência de Prestes.

Veja-se, por exemplo, o ponto em que mais se apóia o "Correio da Manhã", para criticar Prestes e os comunistas. Tenta êste jornal pôr em dúvida — num tópico que, diga-se de passagem, de tão grosseiro e vulgar, não faz jus à fama de que gozava merecidamente a sua equipe de editorialistas, ainda poucos meses atrás — a realidade do encontro de Prestes com Kruschiov, em Moscou. Pretendendo assim lançar o ridículo sôbre os comunistas, é êle próprio que se molha no ridículo, pois a "United Press" — cujos telegramas publica diàriamente — divulgou a notícia do encontro para todo o mundo capitalista, e não o deixa mentir.

A mesma contradição entre o que se diz e o que se faz fica patente no longo editorial esgrimido por "O Globo" contra Prestes e os comunistas. O jornal dos Marinho gasta o fosfato de seus redatores e o espaço caro de sua primeira página, para "provar", com grande acúmulo de tolices, que Prestes e os comunistas brasileiros nada valem, nada representam, estão desprezados e esquecidos pelo povo. Fôsse verdade isso, por que preocupar-se tanto com êles?

Tanto o "Correio da Manhã" como "O Globo", entretanto, utilizam-se de outro artifício, em sua tentativa de desacreditar Prestes. Êste, em sua conferência, referindo-se à situação política no Brasil, comentou o fato de que Jânio deve a votação popular que recebeu, em grande parte, às suas promessas de caráter progressista, como o reatamento diplomático com a URSS, o reconhecimento da China Popular, a legalidade para o PCB, o apoio a Cuba, a melhoria das condições de vida do povo. Esta é uma verdade, afirmada não apenas pelos comunistas; ainda poucos dias atrás, o "Jornal do Brasil" comentava o mesmo fato.

Aquêles dois jornais, no entanto, retiraram dêste comentário de Prestes a referência à legalidade do PCB, isolaram-na, e passaram a dizer que Prestes teria atribuído a vitória de Jânio exclusivamente a essa promessa de legalidade. Daí a afirmarem que Prestes estava aderindo a Jânio foi um passo. É um processo grosseiro de deformação e mentira, muito usado pelos que não têm o que dizer e estão em desespêro de causa.

Tampouco o "Jornal do Brasil" ou a "Tribuna da Imprensa", nos editoriais que dedicaram ao assunto, encontraram qualquer coisa para dizer que saísse do terreno dos comentários pretensamente graciosos e gratuitos. Caíram no mesmo alçapão em que "O Globo" e o "Correio" se jogaram: gastaram muita tinta e papel falando de um assunto que, a acreditar nêles, não merece que se fale dêle.

Prestes, em sua conferência, mostrou o clima de insegurança e desorientação que reina no chamado "mundo ocidental", no terreno das idéias. A reação da imprensa "sadia" à sua exposição não é senão um novo e significativo exemplo dessa insegurança e dessa desorientação. Um exemplo que êle poderá citar, em suas próximas conferências.

Fora de Rumo

As circunstâncias em que o sr. Jânio Quadros embarcou no "Durango" acrescentaram-lhe mais um título glorioso. As agências telegráficas reconheceram de plano "sua capacidade de ludibriar os jornalistas". Os telegramas explicam. Despediu-se o sr. Quadros dos homens de imprensa que montavam cêrco ao seu hotel "com um cordial até amanhã, levando-os a crer que de fato comparaceria à entrevista coletiva prometida para domingo".

• • •

Para o êxito da operação contribuiram velhos lobos-do-mar, da marinha mercante inglêsa. A operação de desatracação do "Durango" fêz-se em cinco minutos. Verdadeiro "record". O navio largou pouco depois do embarque "do presidente eleito, com seus familiares". Familiares em lugar de parentes, palavra esta rigorosamente riscada, nos últimos meses, do vocabulário racionado dos noticiaristas, que não gostam de carregar excessos de bagagem, mesmo quando, se trate de bagagem literária.

Telegrafa-se de Lisboa informando que "muitos jornalistas continuam vigilantes à porta do Hotel Condestável, desconfiados de que o presidente brasileiro não tenha embarcado e volte a aparecer de um momento para outro". Muita água ainda há de passar sob as pontes do Tejo e do Douro, antes que desapareça por completo, em Portugal, o espírito sebastianista.

• • •

Não se sabe exatamente onde desembacará o ilustre passageiro do "Durango". No Rio? Em Santos? No lago de Brasília, com auxílio de helicóptero? Dolorosa interrogação. O que se sabe é que o estadista especializado em ludibriar a imprensa encontrará, no Palácio da Alvorada, problemas de morte, à espera de solução. Vai defrontar-se, também, com a votação, pelo Congresso, do direito de greve, da remessa de lucros para o exterior, da nacionalização dos depósitos de bancos estrangeiros, do contrôle das despesas de publicidade das companhias estrangeiras de petróleo, além de alguns projetos de reforma agrária.

• • •

No capítulo moralismo, que é um dos fortes do sr. Jânio Quadros, há o processo do feijão podre. O Juiz titular da Décima Vara pediu a prisão preventiva de dois comerciantes implicados no caso, mais deixou de fora, entre outras pessoas gradas, o coronel Mindelo. Já em 1936 o coronel Mindelo foi processado por crime de responsabilidade, no assassínio, sob tortura, de um prêso político. O então capitão Mindelo era secretário de Segurança em Pernambuco. Safou-se graças ao Estado de Guerra preparatório do Estado Novo. Quando chegar a marechal, o coronel Mindelo estará em condições de citar na ponta da língua os artigos e parágrafos do Código Penal, por experiência própria. Tal como o sr. Jânio Quadros, o coronel Mindelo ostenta títulos de glória. O primeiro, pela capacidade de ludibriar jornalistas. O segundo, pela virtuosidade que revela na execução dos mais arriscados trabalhos.

NR em Pernambuco

Camponeses de Escada Fizeram Greve e Ganharam Aumento

Escada (PE), janeiro (do Correspondente) — Os trabalhadores agrícolas dos engenhos Limoeiro Velho e Harmonia, neste município, realizaram uma greve de 48 horas objetivando a conquista de aumento de salário. O movimento abrangeu a totalidade dos assalariados dos 2 engenhos (120 trabalhadores) e, apesar da ação da polícia enviada do Recife para pôr fim à greve, foi vitorioso.

As causas

Trabalhando nas piores condições, os assalariados recebiam paga miserável; por cada 100 feixes de cana de 20 canas cada que cortavam e amarravam, recebiam Cr$ 60,00; os cambiteiros (os homens que carregam a cana em cavalos) ganham também Cr$ 60,00 em média, havendo alguns que conseguiam receber Cr$ 80,00; o carreiro (o homem que transporta a carga de cana nos carros de boi), recebia Cr$ 80,00 de diária; os que trabalhavam no corte da cana recebiam em média Cr$ 80,00 por cada conta de 10x10 que tiravam (muitas vêzes levavam mais de um dia para tirar uma conta).

Com a greve, entretanto, os donos de engenho tiveram de ceder e se comprometeram a reajustar os pagamentos à base de um aumento médio de 50% sôbre os salários que vinham pagando aos assalariados.

Sentimento de vitória

Os resultados da greve dos trabalhadores dos engenhos de Limoeiro Velho e Harmonia foram recebidos em tôda a região festivamente. O movimento, apesar da tentativa policial de amedrontar os grevistas (um dêles inclusive foi prêso, mas 2 dias depois era libertado em virtude da ação dos advogados das Ligas Camponesas), repercutiu nos outros engenhos e os trabalhadores dêstes já se mobilizam a fim de exigir seus direitos.

Fortalecer a unidade

Outro aspecto da greve foi o reflexo que a mesma teve na entidade dos trabalhadores da região. Fundada há algum tempo, já pediu registro de sindicato no Ministério do Trabalho, vem realizando suas reuniões normalmente na sede do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Escada, cedida pela entidade numa demonstração evidente do espírito de solidariedade entre os trabalhadores da cidade e do campo. A entidade tem em seu programa as seguintes reivindicações: pagamento do novo salário mínimo e carta patente do Sindicato.

BARNABÉS GANHARAM 40%: PREFEITO DERROTADO PELA PRESSÃO POPULAR

Ourinhos, dezembro (do Correspondente) — Os funcionários municipais desta cidade, após a realização de um grande movimento unitário, conquistaram, contra o veto do Prefeito, aumento de 40% de vencimentos concedido pela Câmara Municipal em memorável sessão realizada em 18 do corrente.

Recebendo salários miseráveis, os barnabés ourinhenses se dirigiram ao prefeito Luiz eFrreira ,do PDC, solicitando a majoração dos mesmos. Êste na audiência com os representantes da classe, prometeu fazê-lo e assim o fêz através o envio de mensagem ao legislativo. No entanto, esta não satisfazia às necessidades do funcionalismo, pois deixava uma grande parte dêles, apesar do aumento, recebendo vencimentos inferiores ao mínimo estabelecido para a região.

Por intermédio do vereador Álvaro Ribeiro de Moraes, do PTB, que se transformou em porta-voz dos barnabés no plenário da Câmara, foi então apresentado um substitutivo ao projeto do Executivo, substitutivo êste que concedia um aumento de 40% ao funcionalismo em geral e favorecendo especialmente os mais sacrificados, os trabalhadores da limpeza pública.

Primeira vitória

Marcada a data da discussão da questão na Câmara, os funcionários realizaram uma grande concentração no edifício do Legislativo. As galerias ficaram inteiramente tomadas e muitos ficaram de fora esperando o resultado da votação. Apesar da resistência oposta pelos vereadores da bancada situacionista, principalmente pelo líder democrata-cristão, o substitutivo do vereador Álvaro de Moraes foi aprovado.

Após a vitória, comemorada festivamente pelos barnabés, o prefeito democrata-cristão vetou a decisão da Câmara, o que provocou repulsa na cidade e a organização de um vasto movimento de solidariedade ao funcionalismo. O movimento foi de tal amplitude que, quando da sessão do dia 18, em que os vereadores iriam examinar o veto, grande multidão compareceu à Câmara para solicitar a rejeição do mesmo. A pressão popular foi de tal natureza que o veto foi rejeitado por unanimidade, sendo mantido então o aumento de 40% aprovado anteriormente.

NR no Espírito Santo

CONSELHO APROVA PLANO DE EXPANSÃO SINDICAL

Vitória, janeiro (do Correspondente) — O Conselho Sindical do Estado, após a realização de diversas reuniões e debates, aprovou um extenso plano de Organização e Educação Sindicais visando ampliar o movimento sindical no Espírito Santo. O citado plano, além da criação de entidades sindicais em Colatina, Cachoeiro, Aracruz, Linhares, Barra de São Francisco e Vitória, prevê a construção do Palácio dos Sindicatos na área cedida pela Assembléia Legislativa, assim como a criação de um grande jornal sindical.

O referido plano trata também dos problemas referentes ao combate à carestia de vida e da defesa da Companhia Vale do Rio Doce contra as investidas da Hanna.

Gráficos pleiteiam aumento

Por iniciativa do sindicato, os trabalhadores gráficos de Vitória estão debatendo o problema do Salário Profissional, a mais sentida reivindicação da categoria, em virtude do fato de as emprêsas jornalísticas do Estado virem pagando salários nunca superiores ao mínimo aos trabalhadores.

Após a realização de três reuniões, uma comissão de 9 membros do sindicato que manteve contactos com os gráficos de Vitória, apresentou a seguinte tabela:

GRUPO A

Especialidade	Salário atual média	Salário pedido
Linotipista	7.500,00	12.000,00
Chefe de of.	8.500,00	12.750,00
Paginador	7.400,00	11.100,00
Tipógrafo	7.300,00	10.950,00
Impressor	7.300,00	10.950,00
Encadernador	7.300,00	10.950,00
Cortador	7.300,00	10.950,00
Poutador	7.200,00	10.800,00

GRUPO B

Estão enquadrados nêsse grupo: distribuidor, emendador, fundidor, ajudante de impressor, ajudante de paginador, auxiliar de encadernação e ajudante de mecânico. Esses operários ganham, no momento, o salário mínimo de Cr$ 7.200,00 e reivindicam o salário profissional de Cr$ 9.360,00.

Câmara aprovou projeto beneficiando amigos do prefeito

Vitória, janeiro (do Correspondente) — Foi recebida com ares de verdadeiro escândalo, nesta Capital, a aprovação pela Câmara, às vésperas do Natal, do projeto 228/60 oriundo do Executivo, concedendo isenção de impostos durante 10 anos às indústrias alimentícias que tenham sua capacidade de produção aumentada em 50%. O referido projeto visava ùnicamente beneficiar o «Moinho Buaiz», de propriedade da família Buaiz, amigos do prefeito de Vitória, e foi chamado pela população de «o grande presente de Natal do chefe do Executivo aos seus amigos.

Apesar da advertência de alguns vereadores, inclusive do presidente da Comissão de Finanças, que revelou que a matéria a ser votada envolvia quantias vultuosas e por isso mesmo não poderia ser aprovada a toque de caixa, tal aconteceu em virtude da manobra de alguns vereadores situacionistas que, através de requerimentos de urgência urgentíssima, consumaram o ato.

Antes da votação foi apresentado um substitutivo estendendo a medida às indústrias novas que fôssem instaladas na cidade, imediatamente rejeitado.

Segundo apurou a reportagem, o presente do Prefeito à família Buaiz corresponde a uma economia de milhões anualmente pelo não pagamento dos impostos municipais. Circulam rumores na cidade de que a retribuição do favor foi generosa tanto para o chefe do Executivo como para os vereadores que aprovaram o projeto.

Coluna do Leitor

PONTE MORRINHOS-ALXENDIA

Camponeses da fazenda dos Macacos, em Morrinhos, no Estado de Goiás, escrevem-nos denunciando negociatas e manobras eleitoreiras que se fizeram e vem se fazendo tendo como pivô a construção da ponte que liga os municípios de Morrinhos e Alxendia. Após afirmar que antes da eleição de 3 de outubro os candidatos de local se comprometeram a construir a ponte, e assim foi feito com o início das obras semanas antes do pleito, acusam-nos agora de não terem cumprido a promessa, pois logo depois de 3 de outubro os trabalhadores cessaram e, o que é mais grave, a ponte parece que não vai mais ser construída no local anteriormente previsto, mas em outro, para favorecer os interêsses de um latifundiário da região.

XISTO NO PARANÁ

Joel da Silva de São Mateus do Sul (Paraná), escreve-nos para externar suas opiniões a respeito do problema do petróleo no Brasil e se refere particularmente ao problema da exploração do xisto betuminoso em São Mateus, «trabalho que vem se arrastando há muitos anos, quando todos sabem que na região foi constatada a existência de grande quantidade do produto».

EXPLORAÇÃO EM BRASÍLIA

Um leitor da nova capital nos escreve denunciando as arbitrariedades cometidas pela Cia. Comag. em Brasília, contra os trabalhadores que nela trabalham. «Além de atrasar em dois e três meses o pagamento — afirma o missivista — a companhia desconta ilegalmente 10% do salário dos trabalhadores».

HISTÓRIA DE RETIRANTE

Sebastião Araújo, pernambucano e lavrador, resolveu realizar a marcha para o Sul. Seu destino era Belo Horizonte, onde tentaria começar tudo de novo, uma nova vida de trabalho sem sêca e sem fome. Procurou o Pôsto de Imigração de Aracaju e lá conseguiu um passe para viajar com a família. Em carta que nos escreve narra a odisséia que foi sua viagem, a exploração a que foi submetido, a existência de funcionários corruptos que, mancomunados com comerciantes e fazendeiros inescrupulosos, submetem os imigrantes às mais tôrpes misérias. Sebastião, que ficou com a família em Monte Azul, trabalhando numa fazenda como verdadeiro escravo, pede às autoridades que tomem providências no sentido de impedir que continue a se submeter os pobres imigrantes às mesmas explorações que sofreu.

Maceió: Telefônica desvia dinheiro dos acionistas

Maceió, janeiro (do Correspondente) — O vereador Mironildes Peixoto apresentou denúncia na Câmara contra a «Cia. Telefônica de Alagoas», afirmando que se confirmavam os desvios de capital dos acionistas já noticiados e que provocaram a intervenção do govêrno estadual, e, o que é mais grave, que não se conseguira ainda apurar o destino dado ao dinheiro.

Festival da Primavera

No próximo dia 15 realizar-se-á em São Gonçalo, no salão da Praça Sargento Cibber Mendonça, 9 — sobrado, o Festival do Fim da Primavera, ato patrocinado por uma comissão popular. Como parte dos festejos, o dr. Armando Leão Ferreira pronunciará conferência tratando de problemas econômicos e sociais do município de São Gonçalo.

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DOS TÊXTEIS DE SÃO PAULO A NR:

Vi em Moscou um Povo Alegre, Simples, Saudável e Pacífico

«Foi com a maior satisfação e um grande interêsse que atendi ao convite do Sindicato da Indústria Têxtil e Ligeira da Cidade e Região de Moscou, para visitar a U.R.S.S. em novembro último, por ocasião de mais um aniversário da Revolução de Outubro. Para um homem do trabalho, com a responsabilidade de direção de organizações sindicais, há tantos anos, a oportunidade de conhecer a União Soviética mereceu a melhor acolhida, porquanto me permitiria examinar de perto, embora superficialmente, um grande país e a real situação de um povo sob o regime socialista. Sem vinculação às fileiras comunistas, isento de quaisquer paixões, acompanhado de Benedito Camargo e Francisco Moreno Ariza, diretores da Federação, e de Otávio Soares, associado do Sindicato da categoria, fui à União Soviética.»

Sem maiores formalidades, Artur Avalone, presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de São Paulo, começou a conversar com a reportagem de NR. A palestra correu rápida e a matéria colhida do encontro permitiria a elaboração de uma série de trabalhos sôbre a União Soviética, vista pelo presidente de uma corporação que representa em São Paulo os interêsses de cêrca de 200 mil trabalhadores.

Parada do progresso

«Na organização da parada de 7 de novembro, senti que uma preocupação tem o govêrno soviético: dar a todos uma demonstração de fôrça do poderio econômico e cultural da U.R.S.S. Esperava que desfilassem, perante representantes da maior parte dos países, inclusive os ocidentais, poderosos instrumentos bélicos, milhares e milhares de soldados. Mas, não. Houve de fato o desfile de contingentes representando as fôrças armadas, mas a parada de novembro caracterizou-se, principalmente, pela apresentação de numerosas delegações das 17 repúblicas socialistas que compõem a União, conduzindo, em clima de alegria, dísticos e flâmulas, estandartes e bandeiras e gráficos demonstrativos de tôdas as principais atividades do povo soviético.

A indústria e a lavoura, as universidades, as organizações esportivas, desfilando por muitas horas, deram-me uma primeira idéia do povo soviético: bem nutrido, alegre, empolgado pelo ideal da paz e da construção de um país rico, cada vez mais rico. O povo, nas ruas, acompanhou com prazer o desfilar interminável daqueles setores, aplaudindo ora umas, ora outras delegações, procedentes, muitas delas, de regiões distantes de Moscou. Foi assim, ao meu ver, uma autêntica parada do progresso cultural e econômico da URSS.»

Organização sindical

«Os sindicatos da URSS não lutam, como nós fazemos aqui, por aumento de salários ou pelo cumprimento das leis que asseguram aos trabalhadores os seus direitos. Lá êles se dedicam à assistência social, à administração das emprêsas, às tarefas de govêrno, pois são parte integrante do Poder Soviético. O nível do trabalhador soviético é elevado, quer econômico ou cultural. Antes dos 16 anos ninguém trabalha e o ensino secundário é obrigatório. A maioria, portanto, quando vai para a fábrica tem o curso de ginásio, podendo, se o desejar, continuar os estudos nas escolas superiores. É muito comum encontrar-se na URSS operário metalúrgico têxtil e de qualquer outra categoria freqüentando uma faculdade de medicina, de engenharia, ou outra de seu agrado. Os sindicatos, com filiados dêsse nível, têm diante de si um corpo associativo consciente de seus direitos — assegurados na legislação — e de seus deveres. Volta-se, portanto, o sindicato para os problemas da produção, da assistência e do cômputo salarial, à base de um teto salarial e da produção. Esta, por sua vez, se desenvolve em condições muito favoráveis para o operário. Visitei fábricas em Moscou, Leningrado e Kiev. Muita limpeza e ordem — embora os edifícios sejam antigos — e música para o deleite dos trabalhadores durante as suas tarefas. Perto das fábricas, bibliotecas, conjuntos residenciais, jardins-de-infância, salões para danças, creches etc. Usando máquinas modernas, os trabalhadores da URSS não são levados a tarefas estafantes. Com um horário de trabalho de sete horas, e para o ano, de seis horas, os trabalhadores na URSS, não se pode negar, realizam uma experiência social extraordinária. Para que fique clara, para os leitores de NR, a relação entre poder aquisitivo e salários, basta que se diga que um aparelho de televisão, na URSS, custa 800 rublos. E o salário mínimo, do trabalhador comum, não qualificado? [illegible] rublos. Se fôr de seu desejo, a compra de um aparelho pode ser feita em 10 prestações, sem juros. Eis a situação.

Produtividade e automatização

«Nos países capitalistas, prossegue Avalone, produtividade e automatização são sinônimos de maior exploração e também de desemprêgo. Na URSS não ocorre. É verdade que o trabalhador soviético quer sempre aumentar seus ganhos, como o trabalhador de qualquer país. Não havendo, porém, [illegible] dos capitalistas, êle produz mais e melhor, está barateando o preço dos gêneros, e ganhando muito mais, portanto. Quando a produção de um operário decresce, a direção da fábrica examina as causas. Ao invés de dispensá-lo, muda-o de seção ou o transfere para um setor de produção que melhor lhe convenha. Se uma seção é automatizada, não há desemprêgo. Os operários que sobram são aproveitados em novas secões ou fábricas que se criam. Tudo obedece a um plano. Nada ocorre, nesse setor, improvisadamente. Isso tem a virtude de dar tranqüilidade e segurança ao trabalhador. Não há falências, pois ao Estado, pertencem as fábricas. Tudo é realizado tendo em vista o interêsse social. Com a diminuição das horas de trabalho em 1961, o operário soviético terá mais tempo para o estudo, para as diversões, etc. A máquina, escrava do homem no regime socialista, cada vez desempenhará êsse papel, na medida em que as horas de trabalho forem diminuindo e novos avanços técnicos sejam registrados.»

Assistência médica

E Avalone, com as notas sôbre a mesa, vai falando: «Tome nota, amigo. Visitei uma fábrica de 10 mil operários, sendo 8.500 mulheres. Sabe quantos médicos de plantão? Quarenta. E note-se que na URSS há em cada bairro um pôsto de saúde, responsável pela população no local. Lá qualquer pessoa não pode aplicar injeção. Sòmente médicos e enfermeiros podem fazê-lo. Êles consideram a aplicação de injeção uma pequena intervenção cirúrgica, sujeita, às vêzes, a conseqüências desagradáveis. Daí não ser ali uma prática generalizada e aplicação refeita. A medicina na URSS é em grande escala preventiva. Lá encontrei, no Hotel, vários médicos estrangeiros fazendo cursos, inclusive dois brasileiros. Eles recebem uma bôlsa de 600 rublos, como ajuda do govêrno. Estão se especializando em moléstias da criação e cirurgia geral. Além disso êles escrevem nas revistas, fazem conferências, concedem entrevistas, e vão ganhando com isso, mantendo-se fàcilmente no país.»

Religião

«Observei — continua Avalone — a situação [illegible] na URSS. Há completa liberdade de culto. Visitei igrejas. [illegible] [illegible] também [illegible] [illegible] soviético [illegible]

Um balneário exemplar

«No Mar Negro, conheci o balneário de Sotche, destinado a operários em férias. Fica a 2.300 quilômetros de Moscou, numa cidade de 95 mil habitantes e clima tropical. Há cinqüenta hotéis destinados aos hóspedes. Vinte por cento dos trabalhadores não pagam nada. Estes são os que têm maiores encargos de família ou foram distinguidos com prêmios de produção. Os demais pagam 30% das despesas e o resto é pago pelo govêrno. Os preços são baixíssimos. Há próximo ao balneário uma terma para a cura de moléstias da pele, com poços artezianos de até 2.500 metros de profundidade. A água que dêles é extraída contém agentes minerais de grande valor. Dois excombatentes que encontramos, em descanso, em Sotche, nos disseram que o govêrno atualmente manda, por sua conta, os mutilados de guerra e aquêles ainda vítimas de distúrbios, provocados pelo último conflito, para a cidade balneária. Assim são tratados os ex-combatentes, na URSS.»

Um povo feliz e livre

Concluindo disse-nos o presidente Avalone: «Muito teríamos que conversar sôbre a visita que fiz a Moscou, Leningrado e Kiev. Veja as notas de viagem que tenho... Mas vamos ficar por aqui. Desejo, porém, acrescentar que conheci um povo livre do temor, da ignorância e da fome. Um povo alegre e simples, bem abrigado contra os rigores do clima, robusto, e ardentemente empenhado em manter e ampliar o clima de paz no mundo. Sempre que conversávamos com os soviéticos, trabalhadores ou intelectuais, êles manifestavam êsse sentimento e nos exortavam a que onde estivéssemos, trabalhássemos pela paz mundial. Na guerra, perderam milhares e milhares de seus concidadãos. Vimos em Moscou — apesar de enluvadas, de roupas próprias e instrumentos adequados para êsse trabalho — moças removendo pedras, em atividade de construção civil. Por quê? E a resposta, delas mesmas, foi simples. Disseram-nos: «trabalhando ganhamos mais e ajudamos o [illegible] milhões de homens na guerra...»

Foi, viu e gostou

Arthur Avalone, presidente da Federação dos Têxteis paulistas, visitou a União Soviética e voltou impressionado com as excelentes condições de vida que são [illegible]onadas a todos os cidadãos da URSS.

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves

Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior

Redator Chefe
Fragmon Borges

Secretário
Luiz Fernando Cardoso

Gerente
Guttemberg Cavalcanti

Redatores
Renato Arena, Paulo Motta Lima, Nilson Azevedo, Fausto Cupertino, Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar S/906

SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro, 228
8.º andar — s/827
Tel: 37-52 64

Endereço telegráfico — "NOVOS RUMOS"

ASSINATURAS

Anual	Cr$ 500,00
Semestral	" 250,00
Trimestral	" 130,00
Aérea anual, mais	" 200,00
Aérea semestral, mais	" 100,00
Aérea trimestral, mais	" 50,00
Número avulso	" 10,00
Número atrasado	" 16,00

Notas Sôbre Livros

Conforme ficou dito antes, o "Diário de uma experiência diplomática", que forma a primeira parte do livro de Alvaro Lins — Missão em Portugal, abrange o período janeiro-fevereiro de 1960, anunciando o autor a sua continuação num segundo volume da obra, a aparecer brevemente. Nessa ocasião voltaremos também ao assunto, isto é, aos episódios finais e subseqüentes do caso Delgado. Queremos por hoje reportar-nos à segunda parte do volume agora publicado — em que Alvaro Lins trata especialmente da chamada "política luso-brasileira", planejada por Salazar com o fim precípuo de atrelar o Brasil à política externa do colonialismo português, e com isto servir-se da democracia brasileira como ponto de apoio para o fascismo lusitano.

A viagem do Presidente Kubitschek a Portugal, por ocasião das comemorações henriquinas, em agôsto último, foi meticulosamente preparada pelo govêrno de Lisboa tendo em vista apertar os laços de dependência brasileira aos objetivos do colonialismo mascarado de "comunidade" luso-brasileira. Alvaro Lins denuncia tôda a trama arquitetada pelo torvo jesuíta Salazar, que explorou calculadamente a vaidade de Kubitschek, fazendo-o representar o vergonhoso papel de "co-anfitrião" do Presidente Tomás nos festejos portugueses. Festa para o fascismo português, vergonha para a democracia brasileira.

Com argumentação cerrada, veemente e irrespondível, Alvaro Lins mostrou em tempo o que tudo isso significava, e o fêz como um legítimo intérprete da opinião pública brasileira. Kubitschek a nada atendeu, todo derretido com a perspectiva dos aplausos e confetes com que lhe acenava Salazar, e todavia surdo, mudo e cego, insensibilidade coriácea em face do indignado clamor levantado no Brasil contra semelhante viagem na qualidade de "co-anfitrião" — ambígua honraria de ópera-bufa.

Transcreve-se no livro a Carta Aberta ao Presidente do Brasil, que um grupo de democratas portugueses lhe enviou de Portugal: é um grave e nobre documento, expressão dos verdadeiros sentimentos do povo português oprimido pelo regime salazarista. Parece que o Sr. Juscelino Kubitschek nem sequer tomou conhecimento dela, empolgado pelas brilhaturas que ia representar na Côrte da Comunidade.

Como estava previsto, Salazar explorou a fundo a vaidade do nosso Presidente, capitalizando em proveito da ditadura fascista o apoio oficial que tão graciosamente lhe prestou o govêrno brasileiro. O jesuítico Salazar queria, sobretudo, que o Presidente Kubitschek firmasse, lá na Côrte, solenemente, e à vista do mundo inteiro, os atos de regulamentação do incrível papel denominado Tratado de Amizade e Consulta. Juscelino assinou tudo, com mão eufórica e leviana de "co-anfitrião".

Alvaro Lins dedica vários capítulos à análise e ao comentário dêsse malfadado papel — sua exata significação, os têrmos em que foi elaborado por Salazar em pessoa, o quase nada que nos dá e o tudo a que nos obriga, quais os motivos de sua aceitação pelo Brasil, quais as pretensões do govêrno português ao levar o Presidente Kubitschek a assinar, em Lisboa e nesta hora, os atos de sua regulamentação, etc. O autor revela-nos ainda, com grande clareza e não menor coragem, que espécie de interêsses escondidos nas entrelinhas do Tratado — interêsses "maiores e mais fortes, porque não aparentes, estariam a impor-se na zona subterrânea das manobras de bastidores, tendo podêres e recursos para fazer de marionetes, tanto certos homens do Govêrno brasileiro como os do Govêrno português". E aqui Alvaro Lins nos aponta, entre tais interêsses escondidos, "certos conhecidos interêsses dos Estados Unidos, simultâneamente no Brasil e nos dois países da península ibérica, por efeito conseqüente da política norte-americana, posta na linha tão mais imperialista quanto mais reacionária dos republicanos".

Eis aí o fundo real de tôda a triste e feia história do Tratado de Amizade e Consulta, cujo objetivo máximo consiste em sustentar o domínio da ditadura fascista sôbre os territórios de Portugal e suas colônias. Portugal de Salazar como a Espanha de Franco são hoje territórios ocupados de fato pelos imperialistas ianques, que consideram os Pirineus como uma de suas fronteiras no Leste. Não há hoje sombra de dúvida que Salazar e Franco, podres por dentro e por fora, reduzidos a meros "gauleiters" a serviço do Departamento de Estado, só se agüentam no poder porque recebem apoio maciço dos Estados Unidos. Tudo se esclarece então para nós: a mão escondida do Departamento de Estado é que ditou o Tratado de Amizade e Consulta e conduziu o passivo Kubitschek à Côrte de Lisboa, como "co-anfitrião" do títere Tomás, para ali firmar, sob as luminárias das festas henriquinas, os papéis preparados por Salazar.

Com inexcedível bravura patriótica, Alvaro Lins revela e denuncia no seu livro os fios de ligação que funcionaram no jôgo político da viagem presidencial e do Tratado luso-brasileiro. Aqui está, em meia página o resumo de tudo:

"Revelamos e denunciamos, com a devida nitidez, que estávamos ante uma série de compromissos desdobrados em cadeia. Pelo Tratado de Amizade e Consulta, o Brasil se acorrentaria em compromissos com o Portugal Salazarista. Conseqüentemente, dados os compromissos equivalentes da ditadura salazarista com a Espanha de Franco, os nossos compromissos se prenderiam a êsse novo elo da corrente, que é o chamado Pacto Ibérico. Por fim, em terceiro grau, os nossos compromissos do Tratado com Portugal iriam prender-nos ao Departamento de Estado, em Washington, uma vez que o Pacto Ibérico está colocado a serviço dos Estados Unidos, sabendo-se que os norte-americanos fizeram dos Pirineus a sua principal fronteira na Europa e ocuparam, militarmente, a península, com os seus homens fardados, as suas armas de guerra e as suas bases de operações bélicas."

Haveria muita coisa mais a destacar e comentar, neste livro a todos os títulos admirável, que é Missão em Portugal. Por exemplo, o magistral retrato de Salazar (p. 439), figura anacrônica de inquisidor espanhol, feito ditador fascista no século XX. Mas o que deixei dito, em duas breves notas, creio que basta para patentear a importância excepcional dêste livro, que, a par de suas virtudes literárias, representa inestimável serviço político prestado ao povo brasileiro — e também ao povo português.

Astrojildo Pereira

O AUTOR DE "NOITE DE ESPERANÇA" PREPARA O ROMANCE DA REVOLUÇÃO DE 1935

M. Pedrosa: "Está na Hora de Dizer Alguma Coisa"

"1935, o romance em que já estou trabalhando e através do qual procuro relatar, como testemunha que fui, os acontecimentos daquele período dramático da vida brasileira. Pretendo que seja a cristalização de tôda minha experiência como escritor e homem ligado às lutas do nosso povo" — declarou à reportagem de NR o romancista Milton Pedrosa, em entrevista que concedeu a propósito dos seus planos de trabalho para 1961.

O autor, filho de Mossoró no Rio Grande do Norte, durante muitos anos militar, iniciou sua carreira literária em 1946 com o livro de contos "A face de Marta", tendo logo depois lançado um romance, "Passos cegos", em 1949, ambientado entre os trabalhadores da Estrada de Ferro Mossoró, sua primeira tentativa de romance popular com conteúdo social.

Dez anos depois de lançar o seu romance, Milton retornou com "O homem que não gostava de cães", coletânea de contos bem recebida pela crítica e pelo público, e recentemente editou a novela "Noite e esperança".

Orientação e planos

Primeiro com "Passos cegos" e, depois, com "Noite e Esperança", Milton procura situar a sua orientação como escritor.

"Quero fazer — afirma — literatura de sentido popular, compreensível para todos e abordando temas atuais que firam os problemas que interessam ao nosso povo. "Noite e esperança", acredito, marca a minha orientação como escritor. Se minhas obras anteriores procuravam refletir o meu sentimento em relação a isso, a novela lançada recentemente constitui um passo adiante na minha ambição de fazer uma literatura cada vez mais ligada ao povo."

O lançamento de "Noite e esperança" serviu de pretexto para os intelectuais e a crítica homenagearem o escritor Milton Pedrosa. Na tarde de autógrafos realizada na Editorial Vitória, um sucesso, compareceram, entre outros, Eneida, Astrojildo Pereira, Alex Viany, Djanira (foto) e o crítico cinematográfico Marcos Silveira de Farias.

Tarde de autógrafos

Se "1935" representa para o autor a concretização definitiva de suas aspirações como romancista, e apesar dêle já estar dedicando uma parte do seu tempo à elaboração da obra, outras estão no seu plano.

"Tenho planos, imediatos e remotos naturalmente. Claro que o centro de minha atividade como escritor é o romance de que já lhe falei e para o qual estou dedicando grande parte do meu trabalho, mas isso não quer dizer que não tenha outros em mira. Para 1961 mesmo, além da próxima publicação de uma peça teatral ("O diabo é meu amigo", farsa política), pretendo entregar aos editôres "Um segrêdo formidável", o desenvolvimento da novela "Noite e esperança", e estou trabalhando na novela "Américo em desenvolvimento", cujo título provisório diz bem o que é: o desenvolvimento do conto "Américo", de "O homem que não gostava de cães".

Em relação a "Um segrêdo formidável", já em adiantado estado de elaboração, Milton diz que foi levado a êle pelo desejo de levar até o fim natural a história de um operário dedicado à luta em prol dos seus companheiros.

"Era preciso mostrar — diz — que João Luiz havia compreendido que era preciso continuar a luta. "O segrêdo formidável" procurará mostrar isso, o caminho que João Luiz escolheu para prosseguir lutando por uma vida melhor e mais decente".

Uma viagem à terra natal

O potiguar Milton Pedrosa não esconde do repórter a emoção que o assoberbou quando, 29 anos depois, retornando à terra natal escritor consagrado, foi alvo de homenagens de todos os círculos.

"A emoção se justificava — afirma — mas, apesar dela, tive oportunidade de retomar contacto com uma realidade. Quando revi Mossoró, a Estrada de Ferro, percebi que tudo que dissera em "Passos Cegos" ainda tinha atualidade. Eis por que, além dos elementos que colhi para escrever sôbre meu povo, me convenci da utilidade de reeditar o meu romance".

Milton Pedrosa, que confessa claramente ao repórter que já atingiu a idade em que é preciso trabalhar muito para poder dizer alguma coisa (acha que se demorar mais um pouco será tarde), tem planos mais remotos, entre êles o de escrever um romance da zona sul e uma história sôbre os bastidores do mundo da imprensa e da publicidade.

ESTUDOS SOCIAIS PROMOVE CURSO: ÊXITO

Despertou enorme interêsse o curso de economia marxista promovido pela revista «Estudos Sociais», inaugurado na quinta-feira passada, dia 5. A aula inaugural foi ministrada por Apolônio de Carvalho, versando sôbre formas econômicas pré-capitalistas, tendo contado com o comparecimento de quase duzentas pessoas. Como as inscrições superassem em muito as previsões dos organizadores do curso, foi necessário criar turmas diferentes para não prejudicar o aproveitamento. O curso compreende dez conferências sôbre diversos aspectos da teoria econômica marxista, realizadas às terças, quintas e sextas-feiras, na sala 302 do Edifício Glória, na Cinelândia, e está aberto a todos os interessados.

«GREVISTA NÃO É COVARDE»

A notícia publicada no jornal "Última Hora" chegou a comover esta cronista. Foi assim: anda o governador da Guanabara a percorrer subúrbios querendo saber das necessidades individuais e coletivas, locais. Deu uma dessas chamadas "audiências públicas" em S. Cristóvão onde uma senhora chamada (vale a pena saber o seu nome) Maria Emília Lira: pediu-lhe um emprêgo para o filho e explicou que o rapaz fôra demitido do lugar que tinha por ter participado da greve dos aeroviários. O governador inimigo figadal das greves, ou seja, da única forma digna e honesta que tem um trabalhador para reivindicar aumento de salário, resolveu, ante o público presente, dar conselhos à mãe, considerar o filho um errado, etc. Um sermãozinho daqueles, pois como é do conhecimento geral o governador da Guanabara já faz até sermão em igreja (coisa que não entendi até hoje. Afinal os padres eram os únicos a fazer discursos nesse local. Por que então deixam atuar um leigo?)

Mas o diálogo que o mencionado jornal reproduziu, vale a pena ser lembrado:

Ele (com aquêle messiânico falar que todos conhecem): — Não estamos admitindo ninguém a não ser por concurso. Aconselhe seu filho a não pensar pela cabeça dos outros, pois se agisse assim não estaria hoje desempregado.

(Como o governador da Guanabara pode compreender solidariedade, fraternidade? O môço lutava pelos seus direitos e para tal tinha que lutar pelo direito da sua corporação.)

Ela (grande mãe, grande brasileira): — Meu filho, sr. governador, quando serviu ao Exército foi para ser homem. Jamais o acolheria em casa se êle não acompanhasse os seus colegas naquilo que consideravam justo. Acredito que o senhor mesmo, não agiria como diz se visse os seus amigos numa hora de dificuldades. Isto seria covardia e meu filho não é covarde.

Bendita seja ela, essa dona Maria Emília de fala clara, de coragem serena, de dignidade consciente. Bendita dona Emília que sabe que um grevista jamais será um covarde pois está lutando pelos seus direitos, que sabe que um traidor é, será sempre, um homem marcado pela sua traição.

Bendita seja essa mãe brasileira que pôde formar seu filho na escola da dignidade, que pode afirmar de cabeça erguida que seu filho jamais trairá: bendita seja dona Emília.

Olho seu retrato que "Última Hora" publicou e tenho orgulho de ser mulher brasileira e saber que existem muitas donas Emílias neste país. Quando acontece um caso assim como êsse, lembro principalmente minha mãe e nela saúdo tôdas as mães brasileiras, porque a minha também me ensinou que nunca se deve trair e sempre se deve lutar.

Um grande, comovido abraço, dona Maria Emília.

Eneida

UM LIVRO DE AMOR

DALCÍDIO JURANDIR

Principia com aquêle Hotel Leão do Norte, personagem de conto, cheio de castanheiros e seringueiros. Os "velhos casarões banais" da Rua da Indústria. Banais, ontem. Hoje, volvendo à Belém, nos parecem singulares, um tanto fantásticos na velha saudade. De vagar, saborosamente, é a nossa Belém do Pará, inteira no livro, com as suas mangas e suas ervas, aquêles extintos motorneiros de botões dourados batendo a campa para as janelas da São Jerônimo a chamar as caboclinhas de fogão e copa. Sinto-me menino nessa cidade, meio arisco e desorientado. Mas Peregrino Júnior me orienta e me fala em muquém, moruré, mixira, mama-em-onça, jirau, japá e jacumã. Um conto com um título de poesia: Totonho Cheira-Sovaco-de-Môça, e êste: Noturno das Águas Fundas ou Sobejo da Cobra Grande.

Caminhamos pela cidade, gente de nosso conhecimento e pegadio, curibocas no Círio, as festas de São João, ranchos do Umarizal, "o lombo preto do rio reluzia sob o luar que nem uma sucuri de papo pro ar". E de repente pelas páginas corre um vinho de cupuaçu. Um dum tudo. Um dum tudo neste "Mata Submersa e outras histórias da Amazônia", de Peregrino Junior. Temos poucos livros de ficção sôbre a Amazônia, poucos, quase nada. Quando vejo um, como êste, que leio como se fôsse meu, é certo, fico ainda mais junto daquele chão, pátria minha.

A velha Belém aqui está, a Belém nem sempre tão louvada porque merece sempre mais. A Belém de Aruanda que Eneida a todo instante evoca, violentamente, como se amassasse no algidar serenado, em Junho, as raízes cheirosas.

Lá vamos nós, na montaria, no "chaco-chaco", e por todo o livro as embarcações navegam: marés, igarapés, enchentes, nos dão a sua fôrça. Entramos no bamburral diante do esturro da anta, aquêle gole dágua na capara, a Florência como "areia gulosa de beira do igarapé". Ouvimos um velho atabaque morto, um velho tambor que perdeu a voz nestes tempos de agora: o carimbó. Zé Vicente, batendo o carimbó, nos leva ao mocambo do Trombetas, um reduto negro que sempre me deu, de tão longe, uma visão épica fabulosa. Embarcamos num navio-gaiola, o quadro é verídico, feito com um carinhoso respeito e uma solidariedade comovedora. Peregrino Junior não pinta a frio, participa do quadro, e nos mostra aquela terceira classe do gaiola: "as rêdes entrançadas num emaranhado estranho, umas por cima das outras, os retirantes — homens, mulheres e crianças — em promiscuidade imunda com os bichos que navegam a bordo — dormem o seu sono triste, e talvez também sem esperanças nem sonhos. Haverá maior injustiça social?"

Êle nos descreve as palhoças perdidas na solidão formidável, e aquêle grito do filho do gapuiador, lá dentro do charco e da selva, pedindo socôrro, é o grito mesmo da Amazônia que nos enche o coração. Um livro autêntico, entre os melhores na literatura amazônica.

Agora, uma pergunta ao autor: por que não incluiu, no seu excelente glossário, aquela palavra à pág. 278, segunda linha, do conto Mulher-terra ignota?

A palavra, não digo.

Tópicos Típicos

Na página literária com que O GLOBO semanalmente brinda os seus leitores, o Sr. Renato Bittencourt publicou, sábado último, um artigo sôbre Brecht e o Nazismo, artigo êste que o autor enviou diretamente de Paris para o vespertino dos irmãos Marinho.

Provocando o título nosso interêsse, não tivemos dúvida e empreendemos imediatamente a leitura, na esperança de enriquecer os nossos magros conhecimentos sôbre o assunto. Mas a verdade é que, ao acabar de lê-lo, um único proveito, aliás modesto, nos pareceu ter deixado o tal artigo: lembrou-nos, de forma assás viva, que a burrice não tem pátria.

* * *

Paris sempre foi célebre como centro cultural, e não é de hoje que se diz que o ambiente de lá exerce saudável influência sôbre o intelecto dos visitantes, alargando-lhes os horizontes. Se assim é, o Sr. Renato Bittencourt vai ficar conhecido como o homem que derrotou Paris.

* * *

Com a inteligência que a natureza lhe deu e Paris não consertou, o articulista de O GLOBO revela que viu duas peças do genial teatrólogo alemão Bertolt Brecht e considerou-as "enfadonhas". Afirma, ainda, com notável desenvoltura e tranquilidade, apoiado numa observação senil de Mauriac, que a segunda peça vista, "A Resistível Ascensão de Arturo Ui", encara de maneira simplista o nazismo. Chama-a de "bufonaria". E diz que ela "não chega a fazer rir, mas apenas deprime e entedia".

* * *

Sôbre "A alma boa de Setsuan", informa que o simples título da peça fêz um crítico bocejar. Sôbre o fato de Brecht caricaturar Hitler e os aspectos mais grotescos do nazismo, advertindo que ainda está fecundo o ventre que os gerou (isto é, o capitalismo), o Sr. Bittencourt avança: "há muita gente boa que não faz diferença entre nazismo e comunismo, considerando-os irmãos gêmeos. E quem julgue a gesticulação do Sr. Kruschiov tão grotesca quanto a de Hitler".

* * *

O papel suporta tudo, tem uma paciência infinita, justamente por ser inanimado. Se amanhã o cérebro impermeável do correspondente de O GLOBO em Paris der à luz um ensaio crítico em que Shakespeare venha a ser chamado de paspalhão, as laudas não oferecerão resistência.

Mas nem por isso o Sr. Bittencourt deve continuar a se exceder desta maneira, batucando em sua máquina de escrever barbaridades do quilate das que publicou sábado. Quem sabe se um dia o próprio papel, sùbitamente exasperado, não é capaz de saltar da máquina, embrulhar o articulista que o desacata e levá-lo ao lugar devido?

Se isso acontecesse, e considerando o sentido mesmo do gesto, proporíamos que se desse a um tão digno papel o nome de ...higiênico.

Pedro Severino

DEPUTADOS, LIDERES SINDICAIS E ESTUDANTIS DENUNCIAM LACERDA

Grupos Organizados à Sombra do Govêrno Ameaçam a Democracia

Como resposta à orientação reacionária e golpista que Lacerda e a camarilha que o apoia na Assembléia Constituinte vêm procurando imprimir ao govêrno da Guanabara, numerosos dirigentes de partidos, deputados, líderes sindicais e estudantis cariocas lançaram um manifesto ao povo de seu Estado, advertindo-o contra os perigos que se escondem por trás das manobras lacerdistas. O manifesto, em particular, conclama o povo carioca a defender os antigos vereadores, eleitos por êle, e cujos mandatos se acham ameaçados por Lacerda e seus cúmplices.

É a seguinte a íntegra do documento, assinado por líderes representativos das fôrças nacionalistas e populares da Guanabara:

"Os abaixo assinados dirigem-se ao povo carioca para alertá-lo sôbre a gravidade da situação política que se está criando no Estado da Guanabara.

"Depois de muitos anos de luta, foi conquistado pelo nosso povo o direito de eleger seus governantes. Essa vitória foi consubstanciada na Lei Santiago Dantas, aceita e aplaudida por tôdas as fôrças autonomistas, permitindo assim, que fôssem eleitos o Governador e a Assembléia Constituinte. Escassa maioria da Assembléia Constituinte, no entanto, estimulada pelo Poder Executivo, resolveu derrogar a referida lei mediante o chamado Ato Constitucional. Tal fato constitui ao mesmo tempo, golpe na Constituição da República, desrespeito à lei emanada do Congresso Nacional e acintosa violação da legalidade democrática existente no País.

"A decisão da maioria da Assembléia Constituinte torna-se ainda mais grave porque é seguida pelas ações de grupos organizados à sombra do próprio govêrno, contra a Câmara dos Vereadores, instituição que embora apresentando inegáveis defeitos, foi eleita pelo voto popular.

"Essas ações, que estão trazendo a intranqüilidade, o desassossêgo e a insegurança ao povo guanabarino, precisam ser enèrgicamente repelidas, pois do contrário veremos implantado em nosso Estado um regime antidemocrático contra os que não estiverem de acôrdo com o govêrno e seus adeptos.

"Defendemos o direito a livre manifestação da vontade popular, o direito de crítica e denúncia, o direito de exigir, inclusive, a punição dos que traem os interêsses do povo ou dilapidam seus bens, mas não podemos concordar em que grupos ou bandos açulados pelo próprio govêrno, criem uma situação de constrangimento contra qualquer instituição.

"Se não reagirmos prontamente em defesa das liberdades democráticas, amanhã serão assaltados as sedes dos Sindicatos, das organizações estudantis e populares, dos partidos políticos, os jornais e as emissoras e até os lares dos que discordam do govêrno.

"Conscientes das responsabilidades que nos cabem, conclamamos todos os cidadãos do nosso Estado, as organizações sindicais, estudantis e populares, partidos políticos e tôdas as organizações democráticas para que protestem contra os desmandos e as violências do govêrno e exijam da Assembléia Constituinte que cumpra o seu dever outorgando ao Estado da Guanabara uma Constituição democrática.

"Ao Poder Judiciário e aos seus dignos representantes apelamos para que assegurem, com a fôrça de suas investiduras, as liberdades democráticas e os direitos dos cidadãos do Estado da Guanabara.

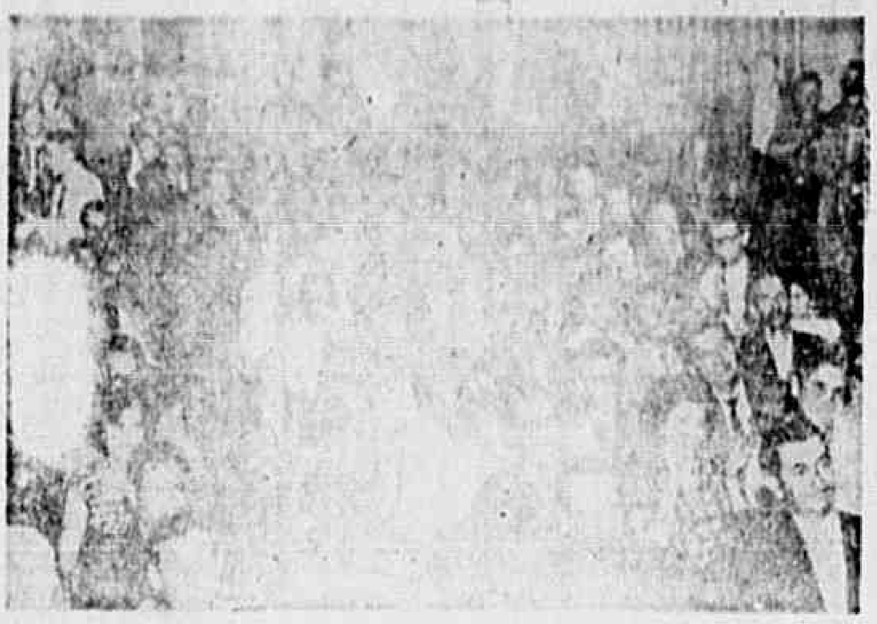
Rio de Janeiro, EG — Janeiro de 1961."

Sérgio Magalhães — Primeiro Vice-Presidente da Câmara dos Deputados; Tenório Cavalcanti, Deputado Federal; Breno da Silveira, Deputado Federal, Presidente do Diretório Regional do Partido Socialista Brasileiro; Lycio Hauer, Deputado Federal; Luthero Vargas, Deputado Constituinte, Presidente do Diretório Regional do Partido Trabalhista Brasileiro; Saldanha Coelho, Líder da Minoria na Assembléia Constituinte; Roland Corbisier, Deputado Constitutinte; Gerson Bergehr, Deputado Constituinte; Adalgisa Nery, Deputado Constituinte; Hércules Corrêa dos Reis, Deputado Constituinte; Gonzaga da Gama Filho, Deputado Constituinte; José de Amaral Menezes, Presidente do Sindicato dos Marceneiros; Felix Cardoso da Silva, Presidente dos Têxteis; Benedicto Cerqueira, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Milton Maia, Secretário Geral da Executiva Nacional da Mocidade Trabalhista; Antônio de Almeida, Tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos; Plínio Alves, Presidente do Sindicato dos Sapateiros; Nelson Mendonça, Secretário da Federação Nacional dos Marítimos; Waldir Gomes, Presidente do Sindicato Nacional dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; Adalto Rodrigues, Presidente do Sindicato dos Alfaiates; Orlando Scancetti, Presidente do Sindicato dos Eletricistas; José Vicente, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Cortumes; Sóstenes Freire de Barros, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Pedreiras; Odilo Borges, Presidente da Federação do Vestuário; Manoel dos Santos, Secretário do Sindicato dos Rodoviários; Hermes de Caires, Diretor do Sindicato dos Rodoviários; Paulo César Henriques, Secretário do Sindicato da Energia Elétrica; Geraldo Soares, Secretário do Sindicato de Carris Urbanos; Roberto Morena, Diretor do Sindicato dos Marceneiros; Armando Maia, Presidente do Sindicato de Pequena Cabotagem; Oduvaldo Viana Filho, Teatrólogo; Erico Figueiredo Alvares, Gráfico; J. M. Comellio, Vice-Presidente da União Nacional dos Estudantes, em exercício da Presidência; Nelson Vanuzzi, Vice-Presidente da União Nacional dos Estudantes; Herman Baeta, Secretário Geral da União Nacional dos Estudantes; Nei Scholevich, Presidente da Associação Metropolitana de Estudantes Secundários e Carlos Heitor Faria, Vice-Presidente da União Metropolitana de Estudantes.

Confraternização entre metalúrgicos

Promovido pelo «Grêmio dos Veteranos», realizou-se no dia 7 último, no Palácio dos Metalúrgicos, almôço de confraternização do qual participaram antigos e atuais dirigentes do sindicato. Mais de 100 pessoas compareceram ao ágape, dentre elas, como convidados, os dirigentes sindicais Figueiredo Alvarez, Roberto Morena, Euripides de Castro, Adalto Rodrigues, Plinio Alves, o escritor Astrojildo Pereira e o deputado Hercules Correia dos Reis. Estiveram também presentes os adidos cultural e comercial da Embaixada de Cuba, que foram alvo de numerosas manifestações de apreço e solidariedade.

Falaram na reunião, entre outros, o sr. Manoel Alves da Rocha, presidente do Grêmio, e o líder sindical Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos.



Camponeses de Cuba Saúdam Jofre

Mais de duzentos dirigentes sindicais paulistas homenagearam o líder camponês Jofre Correia Neto, recentemente libertado em virtude da campanha dos trabalhadores em [illegible] líder camponês e de seus companheiros processados pela polícia do governador Carvalho Pinto, em sessão realizada no Sindicato dos Metalúrgicos e presidida pelo sr. Lindolfo Silva, presidente da UTAB. Durante a solenidade falou o sr. Remo Forli, que expressou, em nome do Conselho Sindical de São Paulo, os sentimentos de solidariedade dos trabalhadores paulistas para com os camponeses que lutam pela posse da terra. Agradecendo, Jofre reafirmou sua disposição de continuar a trabalhar com mais ardor pela causa dos seus irmãos do campo, principalmente em virtude da demonstração de apoio que recebeu da classe operária. Durante a solenidade foi lido também, sob clamorosos aplausos dos presentes, um telegrama da associação dos camponeses de Havana saudando Jofre e exaltando a solidariedade dos trabalhadores e camponeses brasileiros à luta do povo cubano contra a intervenção dos imperialistas norte-americanos. Na foto, aspecto da grande assistência presente ao ato.

CONCORRENDO COM O DÓLAR, A LIBRA E O MARCO

Rublo Será em Breve Nova Moeda Conversível

Desde o dia 1º do corrente está circulando na URSS o novo rublo, equivalente a 10 rublos antigos. Do ponto de vista interno da economia soviética, houve uma alteração apenas na escala de preços. Assim, a um aumento de 10 vêzes no valor da moeda, correspondeu uma redução dos preços na mesma proporção. O que antes se pagava com 10 rublos, paga-se agora com 1 rublo; quem antes ganhava 1.000 rublos, agora ganha 100.

Entretanto, considerado o problema do ponto de vista da posição internacional da moeda soviética, as coisas se passam de outro modo. Até o dia 1º de janeiro, o rublo tinha um padrão-ouro fixado em 0,222168 gramas. De tal maneira, uma valorização da moeda em 10 vêzes, deveria aparentemente significar que o padrão-ouro do novo rublo seria de 2,22168 gramas. Do fato de que a nova moeda tenha tido seu padrão-ouro fixado em 0,987412 gramas, tiraram algumas publicações apressadas a falsa conclusão de que o rublo fôra desvalorizado.

A base da nova paridade

Em artigo publicado recentemente na revista «Tempos Novos», de Moscou, o economista A. Afanásiev, técnico do Departamento de Divisas do Ministério de Finanças da URSS, afirma o seguinte:

«A nova paridade do rublo com respeito às divisas dos países capitalistas foi estabelecida sôbre a base da verdadeira correlação da capacidade aquisitiva das moedas.»

Anteriormente, embora o padrão-ouro do rublo determinasse uma correlação de 4 para 1 entre o rublo e o dólar (1 dólar igual a 4 rublos, ou 1 dólar igual a 0,888671 gramas e 1 rublo igual a 0,222168 gramas), a prática mostrava que tal correlação era exagerada em favor do rublo, isto é, não existia equivalência entre o poder aquisitivo de 4 rublos e o poder aquisitivo de 1 dólar. Quando estêve em visita à União Soviética, o vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, estimou exageradamente o câmbio entre o rublo e o dólar na proporção de 1 dólar para 10 rublos. Na verdade, se aquela cotação oficial do rublo fixada pelo govêrno soviético revelava-se acima da realidade, também o cálculo de Nixon representava uma superestimação, mas aqui em favor do dólar.

De um modo geral, consideram os economistas que o cálculo comparativo do poder aquisitivo de duas moedas é tarefa extremamente complexa. Entretanto, um estudo criterioso realizado pelo economista soviético P. Mstislavski, à base de um quadro comparativo de uma série de elementos fundamentais do consumo popular na URSS e nos Estados Unidos, conclui por estabelecer uma correlação entre o dólar e o rublo de 1 para 6,5. Em outras palavras: o que podia ser comprado por 1 dólar nos Estados Unidos, custaria 6,5 rublos para ser adquirido na URSS.

A respeito do estudo de Mstislavski, o conhecido economista marxista norte-americano Victor Perlo afirma que «em geral, seus novos artigos (isto é, de Mstislavski) coincidem com as conclusões que se fixam no trabalho do economista norte-americano Lynn Turgeon, aparecido na coletânea de informes sôbre a comparação econômica entre os dois países (isto é, EUA e URSS), editada pela Comissão Econômica Unificada do Congresso norte-americano».

Repercussão na imprensa

O caráter realista do valor do novo rublo soviético é reconhecido pela própria imprensa dos países capitalistas. Assim, o jornal sueco [illegible] Dagbladet escreve: «É indubitável que a reforma monetária colocará o câmbio do rublo à altura de sua verdadeira capacidade [illegible] moeda conversível [illegible]

O semanário italiano «Punto», opina: «As medidas adotadas pelo govêrno soviético indicam que, segundo tôdas as probabilidades, o rublo será conversível dentro de muito pouco tempo. No momento, a nova paridade dólar-rublo equipara os preços da zona do rublo aos preços do mercado internacional e êste é um dos sintomas mais evidentes de que a URSS tem o propósito de transformar o novo rublo numa moeda internacional, que entrará em concorrência com o dólar, a libra esterlina e o marco alemão. Não há dúvida de que a URSS, com suas reservas de ouro pràticamente ilimitadas, poderá garantir a base áurea do novo rublo.»

Prepara-se a conversibilidade

Estas considerações, aliás, são confirmadas pelos próprios soviéticos. No mencionado artigo do economista A. Afanásiev, encontramos as seguintes afirmações: «Além do nivelamento dos preços por atacado segundo a nova cotação do rublo, também serão equiparados, no fundamental, os preços a varejo e as tarifas dos serviços dos países capitalistas expressos em rublos com o nível médio dos preços a varêjo e as tarifas da União Soviética. Por isso, agora já não é necessário manter, para certos pagamentos não comerciais, o câmbio de divisas, o acréscimo à cotação oficial das moedas dos países capitalistas em relação ao rublo. A partir de 1º de janeiro de 1961, tôdas as operações com os países capitalistas, tanto comerciais como não comerciais, inclusive as operações com os turistas dos países capitalistas, serão realizadas com a cotação oficial única».

Tal cotação, conforme já foi divulgado, é de 1 dólar para 90 copeques novos, ou 1 dólar igual 0,90 rublo.

Reverso da medalha

Quadro oposto passa-se no mundo capitalista. Ao contrário do rublo, que adquire um conteúdo-ouro mais forte, o dólar se enfraquece, sendo voz corrente nos Estados Unidos que dentro de um ano ou um ano e meio sobrevirá uma desvalorização do dólar que alguns estimam será da ordem de mais de 20 por cento.

O futuro que se abre diante dos povos dos dois países líderes do mundo de hoje é o reflexo do desenvolvimento econômico dos dois mundos. No capitalista, o agravamento das contradições, a perspectiva de dificuldades crescentes. No mundo socialista, a superação das contradições e a marcha para o cumprimento de grandiosos planos econômicos.

Boas Festas

Agradecemos e retribuímos os votos de Boas Festas que recebemos da Gráfica Martini S. A., do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico dos Municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, Ribeirão Pires e Mauá; da Agência Nova China, dos redatores de «L'Humanité», órgão central do Partido Comunista da França; da Federação Nacional dos Marítimos; do Partido Comunista de Israel; do sr. [illegible] Pais Ferraz, de Pernambuco; da redação da revista «Documentos da Política Mundial», do Partido Comunista do Japão, do sr. Pedro Américo de São Paulo; de Maria Dolores Machado, do Paraná; da Sociedade União Operária, do Rio Grande (RGS); da Organização das Juventudes Comunistas da URSS e do dirigente comunista Luiz Carlos Prestes.

Light no Brasil é Sinônimo de Fraude (II)

Nos Estados Unidos, Light quer dizer luz. No Brasil, porém, é sinônimo de fraude. Ramificando-se em nove emprêsas para facilitar as manobras de elevação artificial de despesas e dissimulação de lucros, a Light tem até hoje conseguido tirar grandes vantagens com a sua cantilena de que lhe faltam recursos e de que seus rendimentos são baixos. À custa de reavaliações de ativos, enormes empréstimos do govêrno brasileiro (alguns dos quais fraudulentos), de empréstimos externos igualmente fraudulentos e de tarifas elevadas, as emprêsas do Grupo Light em nosso país reunem hoje um capital de Cr$ .... 21 657 118 500,00, do qual nada menos de 98,7% estão em poder da Brazilian Traction Light and Power Co. Ltd., com sede em Toronto, Canadá.

Examinamos na reportagem passada a farsa do pagamento por "consultas técnicas" inexistentes — para inflar a despesa — e do "aumento" de capital — para escapar à lei que limita o lucro das concessionárias de energia elétrica em 10%. Mas há muitas outras fraudes.

Concessão sem capital

Mantendo com o govêrno brasileiro contratos de concessão de serviços, a Light está falsificando até mesmo a noção de concessão; é mundialmente aceito e é até uma evidência do bom senso que é um requisito básico da concessão a posse de capital por parte da concessionária; se o chamado Poder Concedente (no caso, o govêrno), além da concessão, ainda tem que dar o capital, esta perde inteiramente o sentido. Mas a Light exige do govêrno a concessão do serviço e os recursos para a sua realização.

Com efeito, do total dos empréstimos (2 bilhões e 75 milhões de cruzeiros) concedidos pelo Banco do Brasil à indústria de energia elétrica no período 1949-1959, o Grupo Light obteve mais de 85%, ou seja, um bilhão e 757 milhões. Igualmente o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE) tem dado créditos às concessionárias de nergia elétrica: a Light e a Bond & Share obtiveram dêsse estabelecimento, de 1952 a 1959, 1 bilhão e 861 milhões de cruzeiros.

Falsos empréstimos

Até ao obter empréstimos do govêrno a Light é fraudulenta. Primeiro, porque não tem sentido pleitear concessão de serviços sem entrar com o capital para sua realização. Segundo, porque os empréstimos são contabilizados como capital da concessionária, passando a servir de base para a fixação do teto de lucro de 10%. Terceiro, porque os empréstimos são geralmente obtidos à custa de chantagem, pelo atraso das obras e o déficit no fornecimento dos serviços. Diante da crise, o govêrno é levado a entregar dinheiro à concessionária. E, quarto, porque vários dêsses empréstimos são falsos, não passando, na realidade, de doações do govêrno, já que não têm nem juros nem prazo de pagamento.

A Rio Light obteve do Banco do Estado da Guanabara (então Banco da Prefeitura) dois dêsses falsos empréstimos (sem juros nem prazo de resgate), cada um no valor de 400 milhões de cruzeiros. A S. Paulo Light, em maio de 1959, obteve igualmente um empréstimo, no valor de 1 bilhão e 300 milhões de cruzeiros, concedido pelo BNDE.

Mistificação

Êsse empréstimo de 1 bilhão e 300 mil cruzeiros do BNDE à Light teve a forma de uma "tomada de ações" da Light pelo Banco. Segundo o contrato assinado entre a S. Paulo Light e o Banco, as ações deveriam render a êste dividendos de 10%. Contudo, como observou o Deputado Salvador Lossaco ao fazer a denúncia desta verdadeira doação do BNDE, na Câmara dos Deputados, "em nenhum item ou letra dos acôrdos BNDE-Light encontramos sequer a menção de uma exigência de devolução dêsses recursos do BNDE".

Essa vultosa doação do govêrno à Light, na forma de tomada de ações, tem sido freqüentemente embelezada pela imprensa de aluguel: o "Estado de S. Paulo" chegou a dizer que a tomada de ações concederia ao BNDE "o direito de exercer contrôle direto numa firma que tem sido freqüentemente atacada".

Incoerência

Na verdade, tal "contrôle direto", segundo o contrato BNDE-Light, consiste apenas no direito de eleger dois membros no Conselho de Administração da S. Paulo Light, o qual, estatutàriamente, tem 15 membros e apenas função consultiva. Quem tem poderes de administração e gestão dos negócios da emprêsa é sua Diretoria, e não o tal Conselho. O "contrôle direto" não passa, portanto, de cortina de fumaça para esconder a realidade de um empréstimo lesivo ao país.

Bastava para que desconfiássemos, como observou o Deputado Lossaco ao fazer sua denúncia, o fato de que precisamente os mais ferrenhos partidários da "livre emprêsa" mostravam-se repentinamente tão entusiasmados com o "contrôle direto".

Fraude Light-Bird

A Light faz fraude não só com os empréstimos internos, mas também com os empréstimos que levanta no estrangeiro. É o caso dos juros de 4,5% que a Light transformou em 8%, valendo-se de sua situação de «holding» multi-ramificado. A Light do Canadá (Brazilian Traction Light and Power Co. Ltd., que lá só existe juridicamente, pois foi organizada especificamente para explorar serviços públicos **no Brasil**) obteve do BIRD empréstimos totalizando US$ 108.790.000: US$ 75 milhões em 1949, a juros de 4 1/2%; US$ 15 milhões em 1951, a juros de 4 1/4%; e US$ 18.790.000 em 1951, a juros de 4 7/%. Êste montante foi reemprestado pela Brazilian Traction às suas subsidiárias, as emprêsas de grupo Light no Rio e São Paulo, a juros de 8%.

Como a Brazilian Traction controla absolutamente suas subsidiárias, sendo proprietário de 98,7% de seu capital, o que ocorre de fato é que a diferença de juros redunda em benefício do Grupo e em prejuízo do Brasil, constituindo-se numa remessa disfarçada de lucros acima do limite legal. Os juros de 8% que a Light de Toronto recebe da Light de S. Paulo e Rio, no prazo de amortização estabelecido pelo BIRD, são suficientes para que a canadense pague inteiramente o empréstimo sacado no BIRD, inclusive juros e ainda lhe sobrem vários milhões de dólares!

Light quer sigilo

Êste roubo já foi denunciado na Câmara pelo Deputado Danton Coelho, que pediu a suspensão das remessas de juros e lucros da Light até que fôsse coberta a diferença remetida acima dos juros de 4,5% do BIRD. Mais tarde o Engenheiro Noé de Freitas, fundador e dirigente por 14 anos da Comissão Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul, denunciou várias vêzes à imprensa êste roubo a que a SUMOC, ao aceitar os esquemas de empréstimo da Light e suas subsidiárias, estava submetendo o Brasil. E ainda recentemente, o Deputado Lycio Hauer, em documentado estudo sôbre a Light, feito na Câmara, protestava mais uma vez contra essa remessa ilegal de lucros através do ardil do juro duplo.

Mas o govêrno, particularmente a SUMOC, nem siquer tomou conhecimento da denúncia. Mais do que isso, tem se procurado manter rigoroso sigilo em tôrno do esquema contratual a que obedeceram êstes empréstimos do BIRD à Light e desta a suas subsidiárias.

Juro eterno

Sabe-se, entretanto, que, embora o BIRD tenha emprestado à Light canadense (com aval do govêrno brasileiro) com prazo determinado de amortização, esta reemprestou às suas subsidiárias sem prazo de amortização. Isto significa — uma vez que a Light, no Brasil e no Canadá, constitui uma só e única emprêsa do ponto de vista econômico — que as filiais poderão manter eternamente seu débito em relação à matriz canadense, débito que poderá render a esta, eternamente, juros de 8%, embora o empréstimo original do BIRD à Light já tenha sido amortizado.

Para coroar o roubo, êstes reempréstimos da Light (que na verdade não passam de investimentos com lucro mínimo de 8% da matriz em suas filiais, já que não existe prazo de amortização) estão registrados na SUMOC e recebem câmbio de custo para suas remessas de «juros». Dessa forma, a Light, não fugindo à sua principal regra de atividade, frauda o artigo da Lei 1 807 que determina que as remessas de lucros só podem ser efetuadas pelo mercado de câmbio livre.

Exército Ianque na Guatemala Preparado Para Invadir Cuba

Com o cinismo característico do imperialismo opressor, os Estados Unidos reconheceram tàcitamente que estão dirigindo preparativos militares na Guatemala para a invasão de Cuba. O porta-voz do Departamento de Estado, Lincoln White, declarou aos jornalistas que não podia desmentir as notícias publicadas nestes últimos dias pela imprensa norte-americana segundo as quais oficiais norte-americanos estão treinando mercenários com pistas à invasão de Cuba, em centros militares construídos com a ajuda dos EUA. Este «não desmentido» é, na realidade, uma forma «diplomática» de confessar a veracidade das informações.

O próprio embaixador da Guatemala nos Estados Unidos declarou à imprensa que seu govêrno está realmente fazendo um treinamento maciço, em particular na região da aldeia de Retalhuleu, supostamente para se defender de uma «agressão cubana». Segundo o mesmo embaixador, a presença de militares norte-americanos na região não deve constituir surpresa, uma vez que os Estados Unidos têm missões militares na Guatemala para instruir o exército do país. A existência de um grande aeroporto, também construído pelo exército norte-americano, a cinco quilômetros de um dos centros de treinamento militar também não apresenta qualquer surpresa para os empregados do Departamento de Estado e seus «auxiliares» latino-americanos como o embaixador guatemalteco, que se limitam a dizer que «possivelmente» o aeroporto não permite a aterrissagem de aviões a jato. É como se uma tropa de invasão não pudesse ser transportada por aviões comuns...

A história do aeroporto

O aeroporto de Retalhuleu foi construído numa fazenda de café de um latifundiário ligado à United Fruit e ao govêrno entreguista de Ydigoras Fuentes, um certo senhor Roberto Alejos. O campo de pouso foi feito por uma firma ianque e financiado pelo exército norte-americano, em sociedade com latifundiários guatemaltecos e a ditadura de Ydigoras. O sr. Alejos, que é irmão do embaixador da Guatemala nos Estados Unidos, também não teve escrúpulos em reconhecer publicamente que tinha assinado o contrato de construção do aeroporto como simples intermediário do imperialismo e seus agentes na Guatemala.

A pista de pouso, que tem cêrca de dois mil metros, e suficiente para ser utilizada por aviões poderosos, foi terminada em setembro do ano passado. Desde então, o aeroporto tem sido utilizado por cinco aviões pesados de transporte de tropas sem identificação de país de origem. Oficiais norte-americanos, vestindo uniformes da aeronáutica ianque foram vistos tanto no aeroporto como na região de Retalhuleu. Enquanto isto, as tropas a que se destinam os aviões e a própria pista, são treinados na fazenda Helvetia, de propriedade dos irmãos Alejos, por oficiais do exército norte-americano, também uniformizados, especialistas em desembarques e táticas contra guerrilhas.

As manobras navais

Em conexão com os preparativos bélicos na Guatemala, que também foram reconhecidos pelo ministro da Guerra e pelo Presidente «constitucional» do país, a marinha ianque intensifica suas manobras militares nas proximidades de Cuba. O porta-aviões Franklin Dellano Roosevelt, com sua escolta de destroieres e contratorpedeiros, foi enviado à base naval de Guantánamo, enquanto uma poderosa esquadra é colocada nas Caraíbas, com 150 navios e 45.000 homens, para «testar a capacidade defensiva» norte-americana, segundo o Departamento de Defesa ianque. Entretanto, segundo o próprio Departamento, os fuzileiros ianques terão treinados para o desembarque em praias defendidas por tropas de infantaria e pela artilharia, isto é, exatamente o que espera os ianques em Cuba.

Depois da decisão agressiva do govêrno Eisenhower de romper as relações diplomáticas entre os EUA e Cuba, a imprensa de todo o mundo condenou as manobras navais ianques às portas de Cuba como provocação declarada. Mesmo assim, a marinha e o Departamento de Defesa do govêrno Eisenhower persistiram em sua realização. A ida do «Roosevelt» e sua escolta a Guantánamo, depois de rompidas as relações diplomáticas e dentro da atual tensão entre os dois países só pode ser explicada dentro da mesma política de provocação e agressão.

Guerra também de nervos

Além dos objetivos pròpriamente militares da campanha agressiva do imperialismo ianque contra Cuba, ela visa também a criar dificuldades para o Govêrno Revolucionário. Como advertiu o comandante "Che" Guevera, a paralisação das atividades econômicas em Cuba poderá causar mais prejuízo ao país do que uma invasão de mercenários e contra-revolucionários. A mobilização de todo o povo cubano para combater uma agressão ianque impede a concentração de todos os esforços na produção pacífica, objetivo primordial da revolução.

O imperialismo norte-americano, com suas ameaças constantes e intensificadas contra a Revolução Cubana, procura exatamente impedir que o govêrno de Fidel Castro tenha tranqüilidade suficiente para resolver os problemas econômicos, políticos e sociais de Cuba de maneira mais rápida e eficiente. Para isso, inclusive, é que Eisenhower, os generais do Pentágono e os monopólios batem pé contra a devolução da base de Guantánamo ao povo cubano. A presença de navios e fuzileiros navais ianques em território cubano só pode criar atritos perigosos com a população e o Govêrno Revolucionário.

A guerra do imperialismo ianque contra Cuba não tem quartel e todos os meios são considerados "ótimos" pelo govêrno Eisenhower, desde que causem prejuízos ao Govêrno e ao povo de Cuba. Isolamento diplomático, campanha de imprensa, ameaças de invasão, financiamento e armamento de mercenários e contra-revolucionários pelo próprio govêrno ianque e pelos monopólios, provocações em Guantánamo... êstes são os métodos do "baluarte do mundo livre" contra Cuba independente.

Kruschiov Foi Festejar Revolução de Fidel Castro

Na URSS como em todos os países do mundo, o 2º aniversário da Revolução cubana foi festejado com manifestações espontâneas de solidariedade ao povo da ilha que luta contra a ameaça de intervenção armada dos Estados Unidos. Nos países da América Latina, a data foi marcada com atos públicos, realização de comícios e passeatas de trabalhadores e estudantes, durante os quais ficou patenteado o sentimento de solidariedade dos povos latino-americanos aos seus irmãos cubanos. Na Europa e nos países socialistas às recepções oferecidas pelos embaixadores de Fidel compareceram ministros de Estado, intelectuais, representantes das organizações sindicais e populares. À festa oferecida pelo embaixador cubano em Moscou estêve presente o primeiro-ministro Nikita Kruschiov (foto) que, assediado pelos jornalistas, não perdeu a oportunidade de reafirmar os sentimentos dos povos da URSS para com o povo cubano e a disposição do govêrno soviético de utilizar os foguetes para defender Cuba contra qualquer tentativa de agressão por parte dos Estados Unidos.

UME solidária a Cuba

A União Metropolitana dos Estudantes, que congrega os universitários da Guanabara, deu a público uma nota oficial de solidariedade à Revolução Cubana, ao mesmo tempo que condenando as manobras do imperialismo norte-americano contra Cuba e a subserviência do Itamarati. «A mensagem renovadora de esperança e progresso que a Revolução Cubana levou a todos os países do mundo e principalmente àqueles que viviam e vivem sob o jugo do capitalismo de povos estranhos que, à semelhança de polvos, suga a seiva do progresso. «Diante disto, conclui a nota, os estudantes só podem admitir uma política de defesa e apoio em relação a Cuba, por parte do Govêrno brasileiro.

Nota Internacional

Cuba na Ordem do Dia

O "New York Times", órgão da grande burguesia norte-americana, veio confirmar nos últimos dias as informações alarmantes que chegavam da Guatemala dando conta da grande mobilização militar organizada pelo exército norte-americano com vistas a uma invasão de Cuba. O jornal novaiorquino publicou uma matéria enviada por seu correspondente na Guatemala sôbre os preparativos militares dirigidos por oficiais ianques. Em particular, confirma a existência de aeródromos, fortificações e pontos de recrutamento de mercenários e contra-revolucionários na região de Retalhuleu. Já há algum tempo ninguém mais, nos círculos diplomáticos latino-americanos põe em dúvida a formação, com assistência técnica e financeira dos Estados Unidos, de um exército de invasão na Guatemala. Sòmente os governos implicados na conspiração contra Cuba ainda mantêm silêncio sôbre o assunto, como é perfeitamente compreensível. Ao mesmo tempo, o Departamento de Defesa ianque envia à região das Caraíbas, meramente "por coincidência", uma esquadra de 150 navios de guerra, com 40 mil homens a bordo, para fazer "manobras", em um porta-aviões é enviado à base naval de Guatánamo, em Cuba.

Tôda a política dos Estados Unidos, principalmente com o rompimento das relações entre os dois países, tem como objetivo a criação de um conflito com o Govêrno Revolucionário, inclusive tendo como centro a base de Guantánamo. A manutenção de uma base militar norte-americana em Cuba, depois do rompimento de relações e diante da política agressiva dos Estados Unidos, e o reforçamento dos contingentes de Guantánamo só podem ter como objetivo a criação de condições favoráveis a um incidente militar — pretexto para uma guerra contra Cuba. Para preparar ambiente diplomático favorável, o Departamento de Estado vem pressionando as chancelarias latino-americanas para que decidam também romper relações com Cuba, ou, pelo menos (diante do descontentamento popular contra a política de subserviência das sardinhas latino-americanas ao tubarão ianque) se prestem ao papel de elementos de provocação contra a Revolução Cubana.

E' exatamente neste caso que se encontra o govêrno brasileiro, como o demonstram o discurso do Presidente Kubitschek a 31 de dezembro e as declarações do chanceler Horácio Lafer. Em ambos os pronunciamentos, o espírito de subserviência se alterna com a mentalidade provocativa dita de "defesa do mundo livro contra a ameaça do comunismo internacional". A Revolução Cubana representa uma perspectiva e uma esperança para os povos latino-americanos em sua luta pela democracia e contra o imperialismo. Suas realizações, em apenas dois anos, dão uma mostra do que pode realizar um govêrno independente e popular no sentido de resolver os problemas do país e elevar o nível de vida do povo, defendendo os interêsses e a soberania nacional contra as investidas dos trustes imperialistas. Por isso, ela é combatida pelo govêrno dos Estados Unidos e, também por isso, tem sido e continuará sendo defendida pelo povos latino-americanos e todos os povos e países livres do mundo, a começar pelo campo socialista.

INTERINO

Paraenses Afirmam: Cuba é o Exemplo

Um vigoroso manifesto de solidariedade à Revolução Cubana contra as ameaças e pressões do imperialismo norte-americano e ressaltando a sua importância para tôda a América Latina foi assinado por grande número de professôres universitários e secundários, deputados federais e estaduais, membros do govêrno estadual e do fôro, líderes estudantis, intelectuais e profissionais liberais do Pará. A íntegra do manifesto, que analisa o processo de desenvolvimento econômico, político e social de Cuba, antes e depois da revolução, é a seguinte:

"Os signatários dêste documento vêm juntar-se a todos aquêles que, em nosso país, solidários com o Govêrno de Fidel Castro, acompanham o desenrolar da luta do povo cubano contra as fôrças que pretendem restabelecer o regime iníquo anterior à Revolução.

Essa Revolução, que traduziu e concretizou as reais aspirações do povo cubano, possui um alto significado histórico para a América Latina.

Em primeiro lugar ela tem um sentido político. Os rebeldes que se congregaram nos ermos da Sierra Maestra depuseram um govêrno corrompido, opressor, verdadeiramente imoral, que se mantinha no poder com o apoio do Exército e da classe dos proprietários rurais aliados aos interêsses de grandes emprêsas estrangeiras. — A Revolução depôs a ditadura de Fulgêncio Batista; puniu os corruptos, os criminosos de guerra e os técnicos da tortura policial. E não se limitou a paralisar o funcionamento da velha máquina política. Os insurrectos compreenderam que se a organização da sociedade não fôsse mudada, se os camponeses continuassem a viver sob o regime da servidão feudal, sem terras e instrumentos de trabalho, se Cuba não diversificasse a sua produção agrícola, abandonando a monocultura da cana-de-açúcar, e se não pudesse ter indústrias, a miséria continuaria a lavrar no país. Ora, a luta contra Batista alcançou êxito porque dela participaram os elementos mais sacrificados da população. Movimento essencialmente popular, que mobilizou os que vegetavam nas plantações, a Revolução infundiu nos camponeses a consciência plena de seus direitos. Conduzida em nome do povo, ela só poderia instituir, como veio a fazê-lo, um govêrno popular e democrático.

O significado social do movimento fidelista advém das modificações básicas da sociedade, levadas a efeito pelo govêrno revolucionário, para libertar da miséria a maioria do povo cubano. O instrumento necessário dessas mudanças — a reforma agrária — transformou os camponeses indigentes em proprietários da terra. Extinguindo o latifúndio, por meio do recurso jurídico da desapropriação, a reforma agrária foi um autêntico ato de recuperação democrática. A liberdade em nome da qual os rebeldes haviam lutado, não tinha sido uma palavra ornamental e vã. O camponês passou da condição de servo à condição de homem livre: é agora proprietário e pode dispor dos frutos de seu trabalho.

A reforma agrária, porém despertou a reação gigantesca a que estamos assistindo, dos interêsses econômicos por ela contrariados. A Revolução teria que enfrentar o colonialismo e lutar pela completa libertação econômica do país.

É a primeira vez, desde o começo do século, na história da América Latina, que uma insurreição armada não substituiu uma oligarquia por outra. Prêsa, durante tantos anos, ao poderio dos latifundiários e ao domínio dos capitais estrangeiros; oprimida pelos caprichos mórbidos de uma ditadura que era tolerada dentro da comunidade pan-americana, Cuba rebelou-se contra o jugo interno e externo. Teòricamente, nada mais simples de compreender: um povo, afirmando sua soberania nacional, decide enfrentar e solucionar os problemas que o afligem. Mas, êsse princípio de soberania leva na prática, à inevitável rutura com o sistema colonialista, causa da opressão econômica. Por isso, o sistema repudiado está tentando reprimir a revolução dos cubanos.

Cuba é, no momento, uma nação que constrói o seu destino. Nenhum interêsse econômico, nenhum pretexto ideológico pode sacrificar êsse destino e fazer com que os camponeses voltem à sua antiga miséria, ou que o país abandone os seus projetos de desenvolvimento agrícola e industrial.

E a Revolução cubana, defendendo-se para subsistir, constitui, na América Latina, a mais legítima e sagrada afirmação do princípio de soberania nacional. Decisiva para os países que, no continente americano, estão a caminho da maturidade política e econômica, ela inspirou uma nova forma de solidariedade, alicerçada na comunhão dos povos subdesenvolvidos das Américas. É uma parcela dessa solidariedade que oferecemos ao povo heróico de Cuba e a seu líder Fidel Castro.

Belém, 11 de novembro de 1960.

Rui Guilherme Barata, prof. de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará — **Benedito Nunes**, prof. de Filosofia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará — **Arthur Napoleão Figueiredo**, prof. de Etnografia da Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará — **F. Paulo Mendes**, prof. de Literatura Portuguêsa da Faculdade de Filosofia da Universidade do Pará — **Joaquim Lemos Gomes de Souza**, prof. cat. de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade do Pará — **Ruy Romariz**, prof. de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade do Pará — **Camilo Montenegro Duarte**, prof. de Política Financeira da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Pará — **Benedito de Abreu Sá**, prof. de Química do Colégio Estadual Paes de Carvalho — **Manoel Ayres**, médico — **Julio Alencar**, advogado — **Otávio Avertano Rocha**, prof. de Filosofia — **Carlos Mendonça**, prof. de História Geral do Colégio Estadual Paes de Carvalho — **José de Ribamar Darwich**, prof. de Geografia do Colégio Estadual Paes de Carvalho — **Eduardo Galvão** (Ph. D.) Chefe da Divisão de Antropologia do Museo Goeldi — **Iravaldir Rocha**, prof. de História Geral do Colégio Estadual Paes de Carvalho — **Silvio Braga**, deputado federal — **Benedito Monteiro**, Secretário de Estado de Obras Terras e Viação — **Silvio Hall de Moura**, Juiz de Direito — **Wilson Araujo Souza**, Juiz de Direito — **Jair Albano Loureiro**, pretor criminal — **Levy Hall de Moura**, Juiz de Direito, membro da Academia Paraense de Letras — **Cléo Bernardo**, deputado estadual — **Dario Dias**, deputado estadual — **Haroldo Maranhão**, advogado e jornalista — **Max Martins**, poeta — **José Augusto Pontes Moraes**, universitário, presidente da União Acadêmica Paraense — **Irapuan Sales Filho**, advogado e jornalista — **Ajax de Carvalho Oliveira**, advogado — **João Batista Klautau de Araujo**, advogado — **Ruy Condurú**, advogado — **Arthur Claudio Melo**, advogado — **João Batista Figueira Marques**, advogado — **Ruy Gonçlaves da Silva**, advogado — **Ramiro Jayme Bentes**, universitário, ex-presidente da União Acadêmica Paraense — **Sergio Sobrinho**, advogado — **Otávio Simões**, advogado — **Sirotheau Correa**, advogado — **Jayme Barcessat**, advogado — **Francisco Meireles**, Inspetor do Serviço de Índios — **Felipe Condurú**, engenheiro — **Mário Araujo**, engenheiro — **Carlos Platilha**, jornalista — **Mário Tasso Ferreira**, universitário — **Agostinho Ribeiro Barros** químico industrial — **Nazareno Tourinho**, teatrólogo — **Ronaldo Barata**, universitário de Direito — **Luiz Frazão Alvim**, universitário de engenharia — **Acyr Castro**, jornalista — **Agildo Alfredo Oliveira**, médico — **Orlando dos Anjos Silva**, agrimensor — **Ronaldo Fontelles Lima**, universitário de Medicina — **José Maria Platilha**, contador — **Manoel Wilson Pena**, universitário de Medicina — **Carlos Amilcar Pinheiro** — universitário de Engenharia — **Pedro Paulo Machado Silva**, universitário de Engenharia — **Adelino Cerqueira**, universitário de Economia — **Pedro Galvão de Lima**, estudante secundarista — **Otávio Marcelino Maciel**, jornalista e acadêmico de Direito. — **Elston Malheiros Altmann**, jornalista e poeta — **José Ubiratan Rosário da Silva**, jornalista — **Manoel Pompeu Filho**, jornalista.

ASSINATURAS

"China Ilustrada" para 1961

Assinatura anual (12 números)	330,00
Assinatura semestral (6 números)	170,00
Número avulso	30,00

Concedemos 30% de comissão aos agenciadores de assinaturas dessa revista.

Faça seu pedido enviando o valor correspondente à assinatura em cheque ou vale postal para

Editorial Vitória Ltda.

Caixa Postal 165 / Tel. 22-1613
Rio de Janeiro / E. Guanabara

Julião a Fidel: Revolução é para tôda a América

Em nome das Ligas Camponesas, o deputado Francisco Julião enviou ao chefe do govêrno cubano, Fidel Castro, uma carta de agradecimento pela manifestação de solidariedade da Revolução Cubana à luta das Ligas, especialmente no caso do Engenho Camaçari. O conhecido líder camponês pernambucano dá conta também das grandiosas manifestações que presenciou em Pequim, quando da visita do dirigente revolucionário cubano «Che» Guevara à China Popular. Numa saudação a Fidel, diz Julião que êle é «a viva encarnação da revolução que precisamos estender por tôda a América, sem excetuar os Estados Unidos, não os Estados Unidos de Eisenhower que sufoca com a fôrça das armas e sanções econômicas a liberdade e o progresso de outros povos, mas os Estados Unidos de Abraham Lincoln, que luta pela independência e contra o colonialismo.»

FIZERAM GREVE, GANHARAM E NÃO FORAM PUNIDOS

Barnabés de Minas Derrotaram a Lei de Segurança

«Pela primeira vez funcionários públicos de tôdas as categorias deixam de comparecer ao trabalho. Estão fechadas as Secretarias e tôdas as repartições onde a paralisação do serviço não provoque uma calamidade pública» — os jornais de Minas Gerais noticiavam em grandes manchetes, no dia 17 de dezembro, a eclosão do movimento paredista do funcionalismo público estadual mineiro, fato inédito no Brasil, acompanhado pela unanimidade dos barnabés numa demonstração inequívoca de unidade e firmeza.

O movimento, decidido em virtude da intransigência dos podêres oficiais em atender às justas reivindicações da categoria, expandiu-se ràpidamente, logo recebeu as mais diversas manifestações de solidariedade de entidades de trabalhadores, estudantis e outras organizações, e dois dias depois encontrava-se pràticamente vitorioso. O funcionalismo mineiro, indo à greve, rompeu, com um movimento de proporções imensas, a discriminação inconstitucional que proíbe o empregado do Estado de paralisar o trabalho em defesa dos seus direitos. Só voltaram ao trabalho, depois da proposta de reajustamento de vencimentos feita pelo governador Bias Fortes e da garantia dada pelas autoridades de que nenhuma punição seria aplicada aos grevistas.

Razões da greve

Dois dias antes da realização da Assembléia que decidiu levar os barnabés à greve, a «Coligação de Associações de Servidores Públicos», que comandava a luta pela revisão de vencimentos da categoria, deu a público um comunicado através do qual expunha a situação do funcionalismo, partindo da proposta orçamentária apresentada ao Legislativo para 1961.

Por ela, dava-se a conhecer o seguinte quadro de vencimentos: 38.000 funcionários ganham menos de 7 mil cruzeiros, sendo que, dentre êles, alguns milhares percebendo 5 mil; 25.000 ganhando de 7 a 10 mil cruzeiros; 4.000 com vencimento de 10 a 15 mil cruzeiros; 1.800 ganhando de 15 a 20 mil cruzeiros e, por fim, 600 recebendo vencimento de 20.000 cruzeiros.

Tendo em vista o fato de o govêrno federal ter avaliado, quando procedeu à revisão do salário mínimo, em 68% o aumento do custo de vida, vê-se em que situação se encontrava o funcionalismo estadual de Minas Gerais, com 63 mil funcionários recebendo vencimentos inferiores a 10 mil cruzeiros.

Apresentada a proposta orçamentária à Assembléia Legislativa, as entidades do funcionalismo unificaram sua ação e propuseram um reajustamento de vencimento da ordem de 50% (abaixo portanto do nível reconhecido pelo govêrno de elevação do custo de vida), com um mínimo de 5 e um máximo de 10 mil cruzeiros.

Preparando a ação

A proposta, entretanto, foi rejeitada pela Assembléia Legislativa, isso apesar do exaustivo trabalho de esclarecimento realizado pelos líderes do funcionalismo. A maioria dos deputados considerou mais apropriado aprovar um abono fixo de Cr$ 3.180,00, mais uma melhoria de 500 cruzeiros no salário-família, melhoria essa que não foi estendida aos assalariados, como pretendiam as entidades do funcionalismo.

Durante o período da greve, os barnabés reuniam-se nas sedes das diversas associações de funcionalismo público estadual para preparar a ação dos piquetes

A pretensão dos deputados foi rejeitada pela classe, principalmente porque sôbre o abono que se pretendia conceder não incidia nenhuma vantagem, tais como qüinqüênios, salário-família, etc. E, mais, a concessão do abono deixaria a classe por muito tempo desarmada para reivindicar qualquer melhoria.

Para se ter uma idéia da situação do funcionalismo público em Minas Gerais, é bastante verificar-se o quadro abaixo, elaborado pelas associações de servidores do Estado, comparativo com a situação do funcionalismo federal.

PADRÕES DE VENCIMENTOS	CLASSES FUNCIONAIS NO ESTADO	FEDERAL
menos de Cr$ 10.000,00	professôres, guardas civis, investigadores, técnicos agrícolas, fiscal de trânsito	servente de pedreiro, mensageiro, trabalhador rural.
Cr$ 13.000,00	médicos, engenheiros, dentistas, diretores de grupo, técnicos em geral	auxiliar de garção, aux. de padeiro, ajudante de pintor, aux. artífice costureira.
Cr$ 15.000,00 a Cr$ 21.000,00	chefes de seção, diretores de colégios, chefes de serviço, assistentes jurídicos, capitães, majores, tenentes-coronéis.	estafeta, garção, aux. bibliotecário, motorista, auxiliar de enfermagem, auxiliar de necropsia, operador radiofônico.
Cr$ 25.000.00	chefes de departamento, Diretores de repartição, tesoureiro geral do Estado.	Postalista, desenhista, assistente sindical, inspetor de índios
Cr$ 36.000,00	secretários de Estado, advogado geral do Estado, procurador do Tribunal de Contas, consultor Chefe da Assessoria	contador, químico, médico, comissário de polícia, inspetor de seguros, veterinário, ag. ônomo.

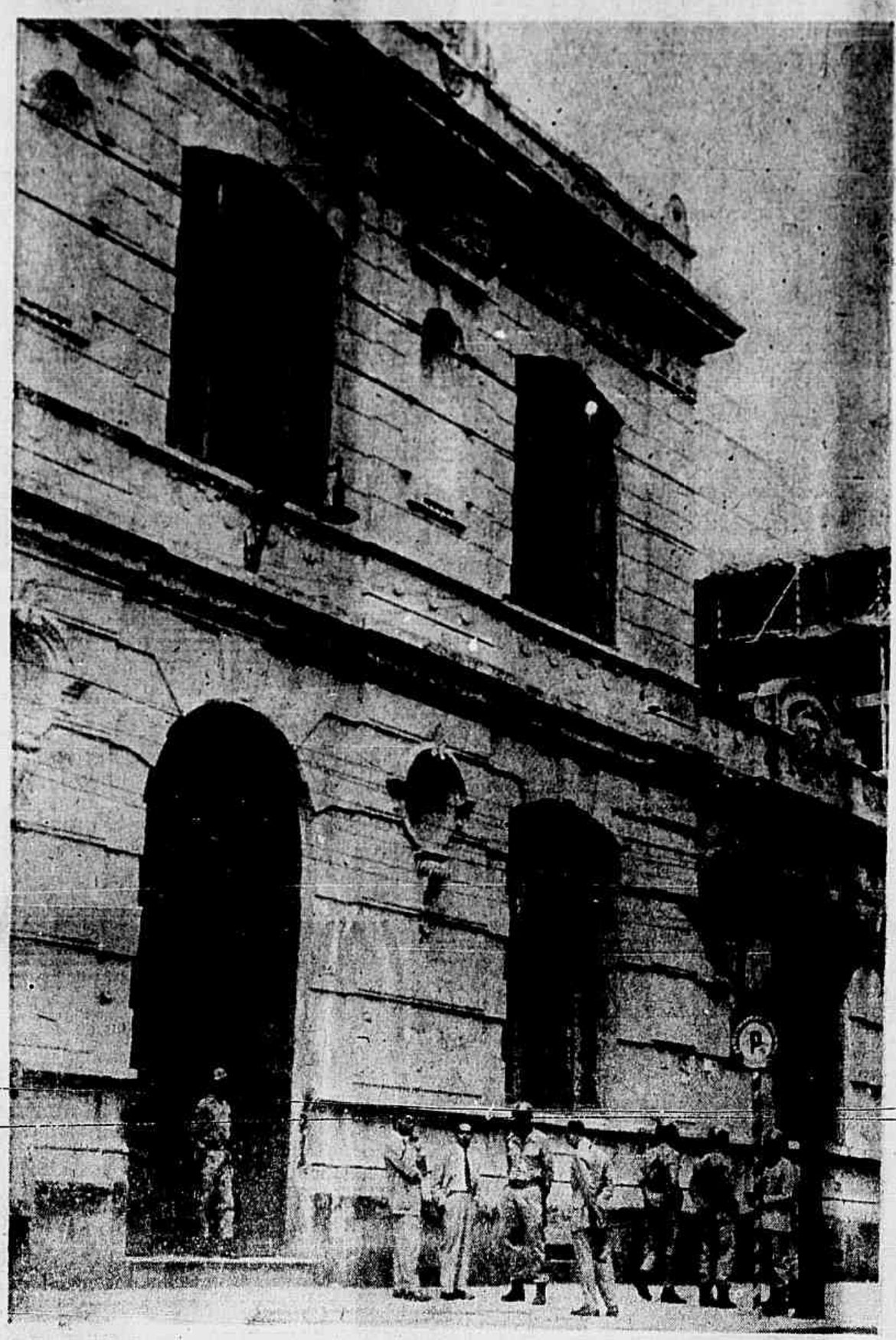
A decisão

A intransigência do govêrno em primeiro lugar e, depois, a consciência unitária que marcou a luta dos barnabés mineiros, levaram as entidades coligadas, com o apoio maciço da classe, a ordenar a greve.

Quando o movimento eclodiu, as autoridades pensaram que as ameaças da Lei de Segurança, as advertências sôbre a violação do Estatuto do funcionálismo levariam o movimento ao fracasso. Ao fim do primeiro dia, essas esperanças se desvaneceram. Os piquetes se organizaram ràpidamente e foram as ruas. Postaram-se em frente às repartições para convencer os vacilantes a apoiar o movimento. O trabalho deu seus frutos e, já no segundo dia a greve era total.

O govêrno, impotente para deter o movimento, viu-se obrigado a negociar com os grevistas. Sòmente na véspera de Natal, após o sr. Bias Fortes ter prometido atender às reivindicações do funcionalismo, desde que contasse com a equiescência do futuro governador, e depois de ter afirmado que nenhum grevista seria punido, a Comissão Central da Greve, após a realização de uma assembléia, divulgou um manifesto aprovado pelo plenário, conclamando o funcionalismo a retornar ao trabalho.

Os têrmos do manifesto revelam a importância da vitória conquistada pelos funcionários: o governador se comprometeu a enviar mensagem ao Legislativo contendo as principais reivindicações do funcionalismo; prometeu fazer sancionar o projeto 1124/60, que efetiva os servidores instáveis e se comprometeu expressamente a não tomar quaisquer medidas de represália contra os grevistas e a abonar as faltas ao serviço durante os dias de greve.



O «Minas Gerais» não circulou

Durante o período da greve, o "Minas Gerais", diário oficial do Estado, não circulou. Gráficos e redatores paralisaram completamente o trabalho, fazendo com que, pela primeira vez na sua história, o velho órgão do Estado não aparecesse nas bancas da cidade, além das repartições e entidades oficiais e particulares.

Piquete na porta da polícia

O movimento grevista do funcionalismo estadual mineiro mobilizou a totalidade da classe. Médicos, lixeiros, professôras, contínuos, todos participaram ativamente da luta comparecendo às assembléias, quer participando de comissões e piquetes. As mulheres se destacaram em todos os momentos, se oferecendo para figurar nos piquetes de ação mais difícil, como o da foto, por exemplo, que teve a incumbência de se postar diante do prédio onde está instalada a Secretaria de Segurança para impedir a entrada em serviço dos homens da polícia civil mineira

NOVOS RUMOS

Sem Cansaço

Muitas pessoas não entendem as razões da onda de assassínios, suicídios, atentados sexuais e assaltos sucedidos entre o ano que acabou e o que vai começando. É o fim do mundo, dizem. Mas não é. São as garras da sociedade em que vivemos, marcando, violentamente, a face do mundo, que oferece, sempre, beleza, tranqüilidade e fartura para os que distribuem êsses bens sem a injustiça dos privilégios. E como há privilégios há miséria, incompreensão e desespero. Há mulheres mortas nos apartamentos. Crianças enterradas na lama da favela Canindé, em São Paulo. Outras morrendo de desidratação. E a causa principal da desidratação, diz o Dr. João Longo, da clínica infantil da Santa Casa de Misericórdia, naquela Capital, "é a fome reinante no seio das famílias pobres". Jovens que se juntam para roubar. Outros para violentar môças. Um homem que morreu de fome, numa das ruas mais centrais e mais movimentadas do Rio de Janeiro, a rua da Alfândega, onde os comerciantes morrem de indigestão. Uma viúva de capitão do exército que ameaça suicidar-se, porque o govêrno não lhe paga a pensão, e ela não tem meios de sustentar os filhos. Trabalhadores que não recebem salários. Famílias desesperadas com o aumento escandaloso e ilegal das anuidades escolares. Filmes com aspectos imorais do tipo de vida que os americanos desejam exportar. Programas de televisão que deseducam. Crianças pedindo esmolas, abandonadas, nas calçadas as casas noturnas, onde uns poucos gastam o que roubaram do bem-estar dessas crianças. Crianças descalças ao lado de vitrinas, onde ó par de sapatos custa uma pequena fortuna, mas nem por isso deixa de ser vendido. Mas não é o fim do mundo.

O mundo não se limita às paredes dos apartamentos. Não está abandonado às portas das casas de diversões. E nem caminha faminto pelas ruas da cidade. Não morre de desidratação em São Paulo, e, também, vive fora das favelas. Não comete violências e nem deseja suicidar-se. Não exporta um tipo de vida imoral e nem perverte a juventude. Não pede esmolas e nem anda de pés descalços. Constrói creches, escolas, palácios de cultura, na China. Constrói naves espaciais na União Soviética. Luta no Laos. Luta na Argélia. No Congo. Faz greve na Bélgica. Resiste em Cuba. Faz denúncias de dentro das prisões na Espanha e Portugal. Protesta, aqui, por tôda a parte, contra os crimes causados pela injustiça dos privilégios.

Diz Augusto dos Anjos em um de seus versos: "O vento continuava sem cansaço"... E o mundo é como o vento: continuará sem cansaço, até salvar as crianças, ressuscitar as mulheres assassinadas e os homens que morrem de fome, devolver os jovens ao estudo e às alegrias sadias. Não é o fim do mundo, pois o mundo, tal como o vento, continuará sem cansaço.

Ana Montenegro

O tratado que o imperialismo ianque impôs a Cuba para a instalação da base de Guantánamo é tão desigual que não prevê forma pela qual o govêrno cubano poderá denunciá-lo. O tratado alienaria a soberania nacional cubana para sempre, o que é um absurdo político e jurídico. Foi assinado quando os E.U.A. gozavam a condição de potência ocupante de Cuba. Depois da guerra entre Cuba e a Espanha, quando os cubanos se aproximavam da vitória, os E.U.A. entraram na guerra e forçaram a Espanha a assinar a rendição com êles e não com os cubanos. Então, os E.U.A. ficaram como "tutores" de Cuba e impuseram a concessão de uma base militar e a inscrição na Constituição cubana da "emenda Platt", que dava o "direito" de intervir política e militarmente em Cuba, tôda vez que entendessem que havia um "perigo externo" ou que o govêrno cubano não fôsse "adequado".

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE GUATANAMO

EUA Impuseram Duas Vêzes a Cuba: a Base, ou a Dependência Total

JUAN MARRERO
(Serviço Especial de PRENSA LATINA, exclusivo para NR

HÁ DIAS o presidente dos Estados Unidos, Dwight Eisenhower, declarou em Washington que os «direitos» norte-americanos na base naval de Guantánamo «estão baseados em acôrdos internacionais com Cuba e incluem o exercício, por parte dos Estados Unidos, de uma completa jurisdição e contrôle sôbre a área».

Aparentemente Eisenhower esqueceu-se de que a base naval — convertida, com o correr dos anos, em base militar e aérea, não obstante o contrato de arrendamento feito em 2 de julho de 1903 esclarecer que só deveria ser usada como estação carvoeira ou naval «e para nenhum outro objetivo» — foi imposta pelo govêrno de Washington ao povo cubano em duas ocasiões diferentes: em 1901 e em 1934.

Essa é, num primeiro exame, uma das razões pelas quais o govêrno revolucionário, encabeçado pelo Dr. Fidel Castro, ao fixar sua posição em relação à base naval, reiterou que se propõe reivindicar «o direito inalienável do povo cubano a exercer plena jurisdição e soberania na base naval de Guantánamo», embora esclareça que não o fará pela fôrça, mas por intermédio do direito internacional.

Ou vigora a Emenda Platt, ou não há república..

Quando o generalíssimo Máximo Gómez, ao fim da segunda guerra de independência contra a Espanha, entrou em Havana à frente dos aguerridos tropas mambisas, em 1899, não tremulava no tôpo do mastro do Castillo del Morro a bandeira cubana, mas sim a bandeira dos Estados Unidos.

A partir dêsse momento, era evidente para todos os cubanos a triste realidade de que não se havia conseguido plenamente a liberdade da pátria e que o govêrno norte-americano, em novo poder colonialista, havia substituído a Espanha imperial.

Logo depois, em 27 de fevereiro de 1901, quando o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Emenda Platt ou Tratado Permanente, a ser imposta pela fôrça ao povo cubano, fizeram-se já brutalmente indisfarçáveis os desígnios dominadores do interventor estrangeiro.

Com efeito, segundo o Artigo 7.º da odiosa emenda, Cuba ficaria «obrigada» a ceder terra e águas em «arrendamento» para nelas se estabelecerem estações navais ou «carvoeiras». Foi essa a origem da famosa base naval norte-americana de Guantánamo.

Nessa ocasião, o secretário da Guerra dos Estados Unidos, Elihu Root, a quem se atribue a paternidade da Lei Platt, admitia que era preciso impô-la, uma vez que «a nova Cuba tem que estar necessàriamente ligada a nós por vínculos de especial intimidade e fôrça, se quiser assegurar seu perdurável bem-estar».

Mas antes que os Estados Unidos conseguissem colocar a Emenda como apêndice à constituição cubana de 1901, tropeçaram com a oposição de congressistas norte-americanos e os protestos furiosos dos cubanos.

Um velho amigo dos independentistas cubanos, o senador Morgan, disse que essa lei «era um ato de despotismo que nunca nos atrevemos a realizar com uma tribo de índios nos Estados Unidos» e denunciava ao mesmo tempo que o congresso dizia aos cubanos: «Aceitem isso ou a morte, porque Cuba não pode resistir; aceitem isso e abandonem tôda esperança de um govêrno independente, soberano, autônomo; aceitem isso e deponham seu orgulho nacional e de raça aos pés do anglo-saxão e deixem que os espezinhemos.»

Mal se tornou do conhecimento público, em Cuba, a resolução do congresso, produziu-se em tôda a ilha um vigoroso movimento contra o govêrno dos Estados Unidos que, com a Lei Platt, impunha — como disse o historiador de Havana, Dr. Emilio Roig de Leuchsenring — limitações à soberania, cessão de terras, enfim peias e restrições ao exercício do govêrno próprio, para que a República pudesse se constituir.

O primeiro protesto popular contra a Emenda Platt e os «carboneros» realizou-se a 2 de março de 1901 em Havana. Cêrca de 30 mil cubanos carregando bandeiras, galhardetes e estandartes, aos gritos de Viva Cuba Livre! percorreram as ruas da cidade, concentrando-se em frente do teatro Martí, sede da assembléia constituinte. Depois de vários constituintes haverem dirigido a palavra aos manifestantes, êsses marcharam sôbre a casa do governador militar norte-americano, Leonardo Wood, na Praça de Armas, a fim de entregar-lhe algumas declarações consignando que a Emenda Platt «contraria, desvirtua e aniquila a situação de direito criada para Cuba pelo próprio govêrno norte-americano», com a Resolução Conjunta (Joint Resolution) e o Tratado de Paris sôbre o direito de soberania e independência de Cuba.

Como mencionam os historiadores da época, manifestações de adesão à

Tratado é desigual e absurdo

obra da assembléia constituinte e de protesto contra a Emenda Platt realizaram-se em quase tôdas as cidades e povoados da ilha.

Na assembléia também reinou indignação. O delegado Juan Gualberto Gómez condenou enèrgicamente a cláusula VII da Emenda sôbre o arrendamento de territórios aos Estados Unidos, salientando que essa pretensão atentava contra o «princípio da independência e soberania do povo de Cuba, a par de que mutila injustificadamente o território da pátria».

Gómez, que por encargo da assembléia redigiu um relatório crítico sôbre a Emenda Platt, disse nêsse documento histórico que «sob qualquer ponto-de-vista, sua finalidade outra não é que o cerceamento do poder dos futuros governos de Cuba e da soberania de nossa república».

Em sua primeira sessão a assembléia constituinte aprovou a emenda, mas com a condição de que o govêrno dos Estados Unidos modificasse três de seus artigos. A decisão foi comunicada a Washington e a resposta incisiva não se fez esperar: «Sendo um estatuto aprovado pelo poder executivo, o presidente dos Estados Unidos está obrigado a executá-lo e executá-lo tal como é...

Não pode trocá-lo nem modificá-lo, não pode acrescentar ou retirar nada. Era o ultimatum da grande potência em possessão da ilha, uma imposição clara e terminante. A Emenda Platt era o alto preço exigido pela América do Norte para retirar de Cuba suas tropas de ocupação.

Ante essa dura e ultrajante realidade, os cubanos só tinham dois caminhos: aceitar a Emenda Platt, isto é, uma «independência» limitada, ou reiniciar a luta armada contra os Estados Unidos.

A maioria da assembléia constituinte optou pelo que considerava o mal menor e, numa nova sessão, aprovou a odiosa emenda e sua incorporação como apêndice à constituição que estava redigindo. Um dos delegados, o patriota Manuel Sanguily, ao explicar seu voto a favor do apêndice, disse: «E' uma imposição dos Estados Unidos contra a qual tôda resistência seria fatalmente funesta às aspirações dos cubanos».

Dêsse grosseiro ato de fôrça nasceu a Base Naval de Guantánamo, que é atualmente centro de atenção mundial, por motivo da denúncia feita pelo primeiro ministro Fidel Castro na Assembléia Geral das Nações Unidas de que os Estados Unidos preparam uma auto-agressão nêsse território para culpar o govêrno revolucionário e intervir novamente na política cubana.

A segunda imposição

Em 1934, por ocasião da sétima Conferência Panamericana de Montevidéu, e para propiciar com fatos a nova doutrina de Franklyn D. Roosevelt da boa Vizinhança, foi derrogada a Emenda Platt, mas foi substituída por um novo tratado permanente entre Cuba e Estados Unidos, que permaneceram, entretanto, na posse da base naval de Guantánamo.

O novo tratado, segundo o historiador Emilio Roig de Leuchsenring, foi outra «imposição» exercida desta vez pelo govêrno do Presidente Roosevelt sôbre Cuba, a despeito de suas promessas de bom vizinho e de seus compromissos internacionais, e realizada por meio de coação militar e diplomática.

Depois de salientar que os Estados Unidos violaram os acôrdos da Conferência Panamericana ao permanecerem em Guantánamo, Roig de Lenchsenring conta que, quando se firmou o novo tratado em Washington, várias unidades da marinha de guerra dos Estados Unidos encontravam-se no pôrto de Havana e não se retiraram até que fôsse concluído o oneroso convênio.

Um jornal cubano «Ahora», que então se publicava, promoveu uma campanha antiimperialista com o lema «que se vayan los cruceros yanquis!» referindo-se à esquadra norte-americana do Atlântico que estêve diante do pôrto de Havana durante o tempo transcorrido desde a derrogação da Emenda Platt até a assinatura do novo tratado que permitia a Washington continuar em Guantánamo.

«Navios e estação naval devem mostrar aos cubanos o que já deviam ter aprendido: que jamais poderão esperar nada do Estado Norte-americano, como não obtiveram nunca, nem na colônia nem na república, justiça nem liberdade; que, da mesma forma que em 1901 os Estados Unidos violaram, com a imposição da Emenda Platt, os primeiros compromissos da **Joint Resolution** de 1898, agora também, com a manutenção da estação naval de Guantánamo e a permanência de navios de guerra no pôrto de Havana, violaram suas promessas de bom vizinhos e seus compromissos antiintervencionistas de Montevidéu.

«Essa estação naval, êsses navios de guerra, e essa embaixada estão aí vigilantes para impedir que as massas oprimidas de operários e camponeses possam realizar, com garantias de êxito, seus protestos e suas rebeldias contra a exploração de que são vítimas pelas emprêsas capitalistas». Isso, como já se terá advertido, não pode ter sido dito por Lenin ou Karl Marx; foi o jornal «Ahora» quem fêz o comentário, jornal que começou a ser publicado depois da queda da ditadura de Gerardo Machado na década dos 30.

Roig de Leuchsenring assinala também que o tratado se «negociou» entre os Estados Unidos e um govêrno instalado pelo embaixador ianque Mr. Jefferson Caffery.

Guantánamo, entrementes, cresceu tanto que hoje é considerado pelos Estados Unidos a «grande base estratégica do Caribe». Para conseguí-lo, o poderoso vizinho violou inclusive os «convênios» que impôs a Cuba. Os Estados Unidos inverteram 75 milhões de dólares na base, que conta com uma área militar de considerável capacidade e com dois aeroportos, um dêles adaptado às necessidades dos modernos aparelhos de reação.

Quando Manuel Sanguily foi informado, a 28 de março de 1903, que pela primeira vez a esquadra norte-americana entrava na grande baía oriental, exclamou:

— A baía de Guantánamo já é dos Estados Unidos. Viram a baía de Guantánamo, jamais renunciarão a possuí-la.

Esta é a verdadeira história dos «direitos» que o Presidente Eisenhower invocou para dizer que **defenderá a base «custe o que custar» de um «ataque» que ninguém em Cuba pensou em realizar.**

Humilhação vai acabar

Diàriamente, cubanos que trabalham na base naval de Guantánamo sofrem a humilhação de ter os bolsos passados em revista por um esbirro ianque. Com o rompimento, essas violências vão acabar.

NOVOS RUMOS

ANO II — Rio de Janeiro, semana de 13 a 19 de janeiro de 1961 — Nº 98

E DEPOIS DIZEM QUE NÃO HÁ PETRÓLEO...

Na Bahia: Americano Abandonou a Sonda Para ir Jogar Golfe

Uma série de irregularidades que vem sendo praticadas contra a Petrobrás deverão ser apuradas pela Comissão Parlamentar de Inquérito, cujo início de funcionamento foi adiado para a presente sessão extraordinária do Congresso. Entre tais irregularidades figuram a questão da pesquisa de petróleo no Brasil e a política que vem sendo posta em prática de estrangulamento financeiro da emprêsa estatal.

A partida de mr. Walter Link para os Estados Unidos, a 30 de dezembro último, está longe de haver encerrado as sérias duvidas criadas entre os patriotas defensores do monopólio estatal relativamente ao problema de se houve ou não o propósito de não se descobrir mais petróleo no Brasil. E isto por uma série de razões. Em primeiro lugar, a atitude de mr. Walter Link negando a existência de óleo (em quantidade comerciável — acrescenta êle para abrandar o efeito brutal de suas palavras) não resiste à menor análise e carece de tôda seriedade. Se uma porção de outros motivos não houvesse, bastaria a circunstância de ser a geologia do petróleo uma ciência ainda em formação, de eficiência relativa, a ponto de que, em face dos mesmos dados, geólogos diferentes podem ter opiniões distintas. É o caso, por exemplo, dos elementos fornecidos por alguns estudos iniciais — os únicos até aqui realizados — na bacia do Rio Paraná. Em face dos elementos apresentados, mr. Link e sua equipe (da qual um ou dois membros são brasileiros) concluiram pela negativa da existência provável de óleo. Opinião oposta, entretanto, foi manifestada por técnicos franceses que examinaram os mesmos elementos.

O exemplo de Catu

Catu é um dos melhores campos petrolíferos do Recôncavo baiano, um dos mais produtivos. Vejamos, porém, a história de sua descoberta. A equipe encarregada da perfuração recebeu do Departamento de Geologia um mapa do local onde deveria funcionar a sonda. Geralmente, a indicação sôbre o local a ser perfurado não é feita no mapa com precisão absoluta. De tal maneira, o engenheiro encarregado de fazer funcionar a sonda tem uma margem de escolha do ponto de perfuração no terreno que pode variar até algumas centenas de metros. No caso de Catu, o pessoal da perfuração devia fazer a pesquisa num local por onde passava uma estrada. De preferência, deveria perfurar numa margem ou na outra da estrada, a fim de poupá-la. Escolheu a margem direita. Os resultados foram magníficos e o excelente campo de Catu foi descoberto. Realizando outras perfurações no campo, a Petrobrás pesquisou também na margem esquerda da estrada. O resultado foi êste: não havia petróleo naquele local. Suponhamos que, ao realizar a primeira perfuração, o engenheiro se tivesse decidido pela margem esquerda. Não teria, obviamente, encontrado petróleo e, pelo menos de imediato, as pesquisas teriam sido abandonadas no local. Na melhor das hipóteses, no caso de que outras perfurações viessem a ser feitas posteriormente, só muito mais tarde o campo de Catu teria sido descoberto... Isto não é uma fantasia, mas um fato conhecido pelos engenheiros da Petrobrás do setor das pesquisas.

Como, pois, pode o sr. Link afirmar, como o fêz, que neste vasto país, cercado de petróleo por todos os lados, não exista óleo cru econômicamente explorável? Só mesmo o interêsse em desviar para a Bolívia, para companhias particulares ligadas aos trustes, os recursos ora postos à disposição da Petrobrás para pesquisas poderiam ter levado aquêle técnico da Standard Oil a fazer semelhante proposta. Aliás, a sugestão não ficou implícita no seu famoso relatório, mas foi feita ali abertamens? E até que ponto?

As possibilidades da Bahia

O fato de que o Departamento de Pesquisas da emprêsa estatal tenha sido entregue, durante tantos anos, a um elemento tão ligado à Standard Oil, como o sr. Link, faz com que sejam pràticamente desconhecidas tôdas as possibilidades petrolíferas do próprio Recôncavo baiano. Pois quem é que decidia, em última análise, se as perfurações deviam ou não ser feitas? Quem é que determinava se esta ou aquela sonda deveria continuar furando, ou se deveria cessar de funcionar em tal ou qual lugar? Precisamente mr. Link, ou os técnicos americanos que trouxe, ou os poucos brasileiros que reuniu em tôrno de si. Merecerão confiança êsses homens? E até que ponto?

Não tem maior valor a alegação de que era impossível a mr. Link ocultar, de um modo absoluto, a existência de petróleo, uma vez que os elementos fornecidos para a análise eram objeto de exame por vários técnicos. Isso porque êsses vários técnicos constituem de fato uma pequena equipe cuja maneira de encarar os problemas é idêntica à de mr. Link. É o caso, por exemplo, do sr. Lange, geólogo brasileiro, posto pela diretoria da Petrobrás à frente do Departamento de Pesquisas com a saída de mr. Link. Conforme mostramos recentemente, (ver NR n.º 92) as opiniões do sr. Lange são quase absolutamente idênticas às do sr. Link.

O trabalho de perfuração é duro e difícil, mas os seus resultados têm sido compensadores, particularmente na Bahia. A Petrobrás avança, apesar daqueles que trabalham contra ela.

Duro e difícil

Na Bahia, única região produtora e onde é natural que haja concentração das pesquisas, para plena delimitação dos reservatórios de óleo, o homem que dá a última palavra é outro americano, mr. Kerr. É êle quem diz se os elementos fornecidos pela geologia são promissores ou não, ou as sondas devem continuar operando nesse ou naquele poço.

Americanos na Petrobrás

A situação dos americanos contratados pela Petrobrás para a zona do Recôncavo é de molde a causar as mais sérias apreensões entre os brasileiros interessados na preservação da emprêsa estatal. Em geral, êles não escondem sua oposição à solução imposta pelo povo brasileiro para o problema do petróleo, isto é, o monopólio estatal. Manifestam-se abertamente no sentido de que seja franqueada às companhias estrangeiras a possibilidade de explorar a indústria petrolífera no Brasil. Gabam as excelências da atuação da Standard Oil no Oriente Médio, afirmando que o truste americano, na verdade um dos responsáveis pela situação de miséria, opressão e instabilidade política naquela região do mundo, tem trazido muitos benefícios aos povos do Oriente Médio.

Essas opiniões êles as expendem sem maiores precauções, livremente, até mesmo dentro da sede da Petrobrás na Bahia, na avenida Jequitaia. E dado o clima criado por certos elementos que ocupam postos de chefia na emprêsa, sucede até que brasileiros patriotas, defensores do monopólio estatal, se retraem para evitar choques que poderiam ocasionar maiores prejuízos à emprêsa.

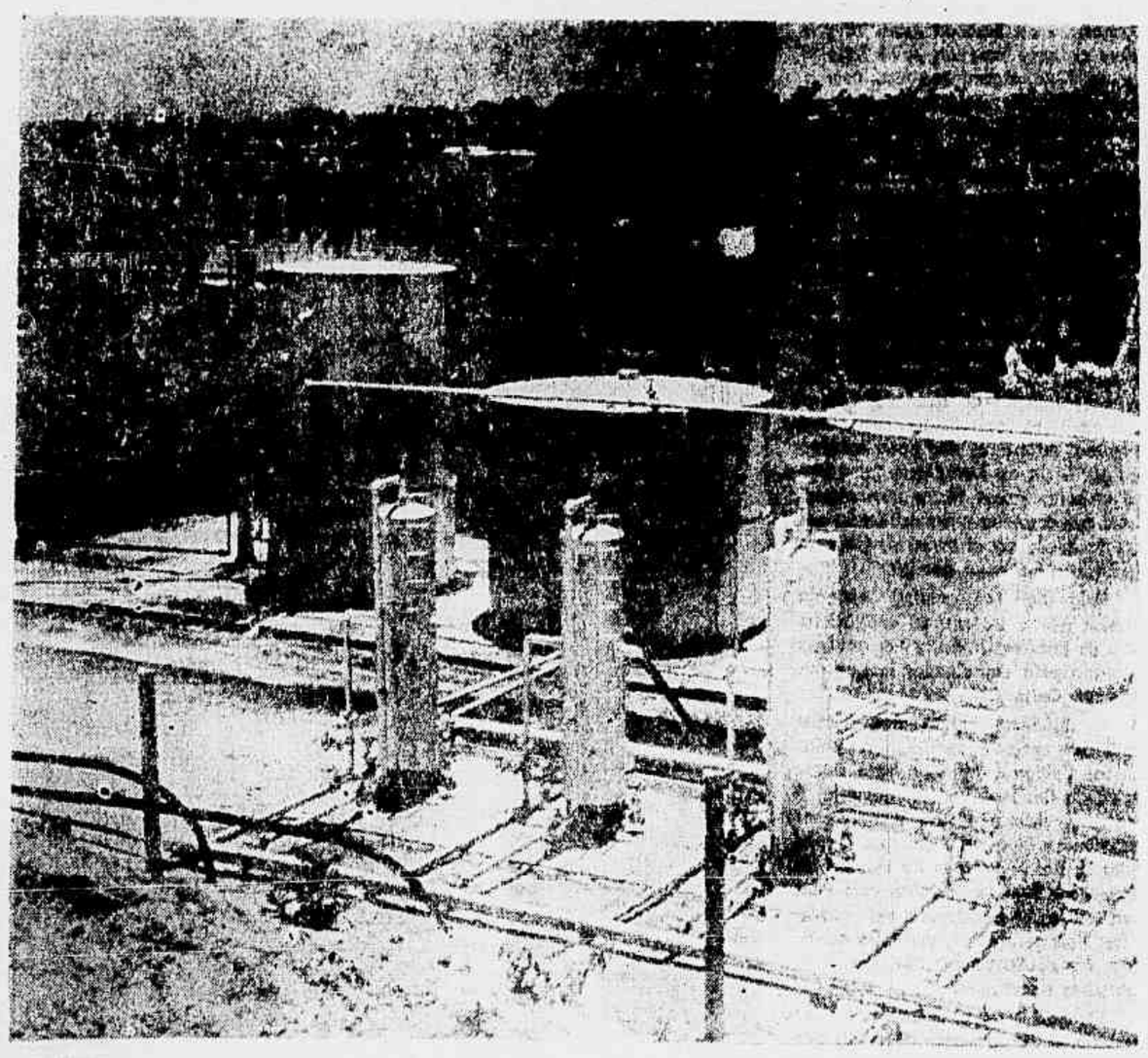
Uma partida de golfe

À medida que a sonda vai penetrando no terreno, o geólogo que funciona junto a ela (a equipe de operação de cada sonda inclui um geólogo) recolhe os elementos das diversas camadas do subsolo, submetendo-os a um exame. Diàriamente, elabora um relatório que é enviado à seção de geologia, onde pontifica, como já dissemos, o americano mr. Kerr.

Pois na Bahia deu-se o seguinte fato: o geólogo destacado para uma dessas sondas era americano. Sem esperar que o material lhe fôsse fornecido pela marcha dos trabalhos da perfuração, elaborou antecipadamente seu "relatório" para ser enviado a mr. Kerr e largou-se para Salvador, deixando a sonda sem assistência geológica. A razão alegada para a atitude foi a de que não podia perder uma partida de golfe naquele dia, na capital baiana.

No mesmo campo funcionavam outras sondas, cujo chefe é um geólogo brasileiro. Indignado com a atitude do técnico alienígena, exigiu providências dos seus superiores hierárquicos. E a providência tomada consistiu em transferir para outro campo êsse mesmo geólogo norte-americano, cujo salário mensal é de cêrca de 2.000 dólares, isto é, 400 mil cruzeiros, ou umas oito vêzes superiores ao do técnico brasileiro a quem estava subordinado...

Certamente a Comissão Parlamentar da Inquérito apurará fatos como êste e outros de gravidade igual ou maior, que estão pondo em perigo a existência da Petrobrás.



Petrobrás bate recorde

Apesar de os técnicos americanos que trabalham na Petrobrás, ganharem 2.000 dólares mensais e tudo fazerem para não encontrar petróleo, a Petrobrás bateu novo recorde no ano passado. O recôncavo baiano continua sendo a base mais importante de operações daquela importante emprêsa estatal. Na foto, a refinaria de Mataripe.

Dicionário

Surgimento do Regime Feudal

A conquista do Império Romano acelerou a desagregação do regime gentílico das tribos conquistadoras. Para manter e reforçar o domínio sôbre os camponeses dependentes e sôbre os grandes proprietários de terras, era preciso reforçar os órgãos do Poder estatal. Os chefes militares, apoiando-se na nobreza gentílica e nos seus guerreiros, começaram a concentrar o Poder em suas mãos, transformando-se em reis. Êsses reis, colocados à frente dos numerosos Estados que sucederam aos Império Romano, distribuíam generosamente as terras por êles conquistadas aos membros de suas famílias, que, em troca, assumiam a obrigação de prestar serviço militar ao rei. Também a Igreja, forte apoio do Poder real, recebeu extensas terras.

As terras assim distribuídas e nas quais trabalhavam os camponeses, mediante uma série de obrigações para com os seus senhores, receberam o nome de feudos. Daqui a denominação do regime: feudalismo.

Se bem que o feudalismo se tenha formado nos diferentes países com características próprias, sua essência é a mesma por tôda parte: os camponeses, antes livres, caíam sob a dependência dos senhores feudais, que se haviam apoderado das terras. Tal dependência era, às vêzes, mais branda, às vêzes mais dura. Com o correr do tempo, apagou-se a diferença de origem entre os antigos escravos, colonos e camponeses livres, passando todos a constituir a massa do campesinato dependente. Pouco a pouco, foi-se compondo uma situação bem caracterizada por um aforisma medieval: "Não há terra sem senhor" (isto é, sem senhor feudal). Quem trabalhasse na terra, pois, tinha que pagar tributos ao senhor.

No feudalismo, a principal atividade econômica era a agropecuária, principalmente a agricultura. Com o tempo, foram sendo aperfeiçoados os métodos de cultivo do trigo, desenvolveram-se a horticultura, a pomicultura, a vinicultura e a produção de óleos alimentícios. No princípio do regime feudal, os instrumentos de trabalho usados ainda eram o arado com grade de ferro, a foice, a gadanha, enfim, instrumentos rudimentares. A moagem dos cereais era feita a mão, até que se difundiu o emprêgo dos moinhos de vento e de água.

A característica essencial do regime feudal é a exploração dos camponeses pelos senhores feudais, donos das terras. O domínio dos senhores feudais apoiava-se sôbre duas condições: a grande propriedade feudal da terra e a dependência pessoal do camponês ao seu senhor. Entretanto, mesmo nas condições da servidão, o camponês dependente não era um escravo, pois possuía sua própria economia baseada no trabalho pessoal.

A terra do senhor feudal era em parte ocupada pela economia pertencente ao próprio dono, enquanto outra parte era entregue pelo proprietário ao camponês, para que nela trabalhasse, segundo condições leoninas. Quem quer que vivesse na terra do senhor feudal achava-se sob a dependência pessoal dêste. Dessa ou daquela forma, os camponeses estavam incorporados à terra. A parcela da terra do latifundiário entregue ao camponês era uma condição para assegurar ao primeiro a mão-de-obra, pois o camponês era obrigado a trabalhar para o latifundiário, cultivar-lhe as terras, empregando seus próprios implementos, gado de tração, etc., ou, então, dar ao latifundiário uma parte do produto do seu trabalho na terra que lhe havia sido entregue.

Nota Econômica

Por Que Brizola Disse Não a Urubupungá

Realizou-se em S. Paulo, na semana passada, a assembléia de constituição das "Centrais Elétricas de Urubupungá S. A." (CELUSA), destinadas a iniciar o aproveitamento energético do rio Paraná. O programa completo de Urubupungá prevê a construção de duas barragens e usinas no rio Paraná — Jupiá e Ilha Solteira — com uma potência instalada total de 3 milhões de kw. A usina de Jupiá, cuja construção merecerá prioridade, terá uma potência instalada total de 1 milhão e 250 mil kw.

Inicialmente, foi prevista a participação do empreendimento dos Estados membros da Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai, isto é, os Estados de S. Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Entretanto, quando da constituição da nova emprêsa, o governador do Rio Grande do Sul, sr. Leonel Brizola, fêz uma declaração no sentido de que não poderia aprovar o projeto de estatutos, se nêle não figurasse uma cláusula expressa no sentido de que a energia a ser produzida em Urubupungá não será entregue para distribuição por grupos estrangeiros ou controlados por capitais estrangeiros. Além disso, conclamou os membros da CELUSA a vedarem a participação de capitais estrangeiros no aproveitamento da energia do rio Paraná.

É evidente que as ponderações do governador Brizola não foram levadas em conta e, em conseqüência, o Rio Grande do Sul ficou fora do empreendimento.

A iniciativa da construção da hidrelétrica de Urubupungá partiu do govêrno paulista, cuja política de energia elétrica é orientada por homens sàbidamente ligados aos trustes estrangeiros de eletricidade. É o caso, por exemplo, dos srs. Mário Lopes Leão e Otávio Marcondes Ferraz, o primeiro presidente da USELPA e da CHERP e ambos membros do Conselho de Administração da S. Paulo Light. O próprio governador Carvalho Pinto, através do Banco Comercial de S. Paulo, também é vinculado ao truste estrangeiro, que tem no sr. José Maria Whitaker — diretor do mencionado Banco — um dos seus diretores.

Em tal meio, a posição nacionalista do sr. Brizola não podia encontrar repercussão entre os demais governadores e representantes dos outros acionistas da CELUSA. O máximo efeito que surtiram as palavras do governador gaúcho foi uma vaga promessa do sr. Carvalho Pinto no sentido de que o problema da distribuição seria discutido posteriormente, em outra assembléia da emprêsa. Por fim, os estatutos foram aprovados com a redação original, sem a cláusula acauteladora proposta pelo sr. Brizola e com as assinaturas dos representantes da Light e da Bond & Share, na qualidade de acionistas da CELUSA.

Por que é agora iniciada a construção de Urubupungá, enorme investimento de capital no interior do país, quando nas proximidades dos grandes centros consumidores ricos potenciais jazem inaproveitados? Qualquer programa sério de eletrificação na área centro-sul do país teria que tomar como ponto de partida a construção da usina de Caraguatatuba, com 750.000 kw, num ponto do litoral paulista situado entre o Rio e S. Paulo. No entanto, os projetos vão surgindo — Furnas, Funil, Piratininga, etc. — e Urubupungá vai ficando. Por que? Porque contraria os interêsses da Light. Assim, a construção de Urubupungá neste momento é, antes de tudo, uma manobra diversionista, que beneficia a Light.

Mas, não é apenas pela escolha da hidrelétrica a ser construída que a Light é beneficiada. Ela se beneficia, igualmente, como também a Bond & Share, ao ser convidada para participar de um empreendimento com uma parcela mínima de capital, como se fôsse essencial ou mesmo aconselhável tal participação. De fato, para um capital de 2 bilhões de cruzeiros da CELUSA, a Light e a Bond & Share juntas entrarão com apenas 25 milhões de cruzeiros, isto é, pouco mais de 1 por cento. Não é evidente que a participação dos dois trustes, ainda que olhada sob um prisma puramente financeiro, seria de tipo dispensável? Entretanto, não é apenas dispensável: é prejudicial ao Brasil. Com efeito, a cada dia que passa, vai tomando corpo a consciência de que é necessário rever as relações entre o Poder Público e essas emprêsas estrangeiras que aqui se instalaram no passado, graças à condição de quase colônia em que vivia o Brasil e que hoje constituem um estôrvo ao progresso do país. O que os interêsses nacionais estão a indicar é precisamente o oposto do que vem de ser feito em S. Paulo: em vez de associar aos novos empreendimentos essas emprêsas decadentes e obsoletas, o que é preciso é ir-lhes cortando as asas, se não fôr possível aplicar o remédio radical e eficiente de que lançaram mão Fidel Castro e Brizola transferindo-as de uma vez para o poder do Estado.

Josué Almeida

PELOTAS É A ÚLTIMA VÍTIMA DA LIGHT NO RIO GRANDE DO SUL

Povo Unido Luta Contra Exploração e Pela Encampação

EDGAR CURVELO
(Vereador em Pelotas)

Tarifas escorchantes, as mais caras do Brasil, impossibilidade de fornecimento de energia para a criação de novas indústrias, com o agravante de grande número das existentes disporem de geradores para assegurar um pleno rendimento de trabalho, fato que possibilita a existência, em Pelotas, de mais de 5 mil desempregados, levaram a que se organizasse na cidade um amplo movimento do qual participam representantes de tôdas as camadas da população no sentido de exigir do govêrno do Estado a liquidação do monopólio da Light na região e a encampação dos serviços de energia elétrica.

A batalha contra o truste americano-canadense cresceu na medida em que se agravava a crise de energia elétrica e seus fundamentos se tornaram mais sólidos depois da decisão do governador Brizola, resolvendo com a encampação dos serviços em Pôrto Alegre. O movimento nacionalista de Pelotas e a Câmara de Vereadores estão à frente da campanha e, no recente II Congresso Estadual de Vereadores, a solidariedade à luta dos pelotenses se manifestou através a aprovação unânime da tese que advoga a encampação imediata dos serviços da Light, o único que resta no Estado em mãos do truste.

O que é a Light de Pelotas

Dona da distribuição de fôrça e luz para o município em virtude de um contrato infame, maliciosamente elaborado, que inclusive deixa o poder municipal desarmado para exigir da emprêsa a melhoria dos serviços, a Light os explora há longos anos visando ùnicamente seus interêsses, o lucro fácil e sem outra preocupação.

No momento, embora violando flagrantemente a Cláusula 16 do Contrato, a Light está não apenas sem a mínima reserva para fazer frente a qualquer eventualidade, como também está incapacitada para fornecer energia elétrica a cidade com o concurso cada vez maior da Usina de Emergência do Estado, que vem fornecendo até 15.900 quilovates diários, ao preço de Cr$ 1,50 para a concessionária revender a preços que atingem até Cr$ 11,00 por quilovate.

Tal fato se torna mais grave ainda em virtude das garantias de que dispõe a emprêsa que, além de ter se descartado, em virtude de falha contratual, com vantagens, da exploração dos serviços de transporte coletivo da cidade, está pràticamente isenta da obrigação de estender novas rêdes por sua conta, a não ser mediante a garantia de que lhe «será assegurada por dez anos uma receita anual bruta sôbre a extensão ou ampliação em apreço nunca inferior a um têrço do respectivo custo (cláusula 49 do contrato).

Assim, as poucas extensões, tanto para iluminação pública como particular, feitas nos últimos anos, embora règiamente pagas pelos interessados, estão servindo de fonte de renda para a Light e ainda lhe serão indenizadas no caso da transferência dos serviços para o Estado ou outra emprêsa que venha a assumir o encargo por encampação ou término do contrato.

Perigo de colapso

A existência dessa situação, agravada ainda pelo fato de que a Light está com um dos seus geradores de 1.000 kws pràticamente paralisado desde fevereiro de 1960, cria o perigo iminente de maiores restrições no fornecimento de energia, mesmo de colapso no serviço, o que já está se verificando com graves prejuízos para a cidade, principalmente no que se refere à indústria. O quadro se apresenta de tal maneira que é bastante o desarranjo de uma das máquinas, tanto da Light como da Usina de Emergência, para que a cidade fique sem fôrça e luz.

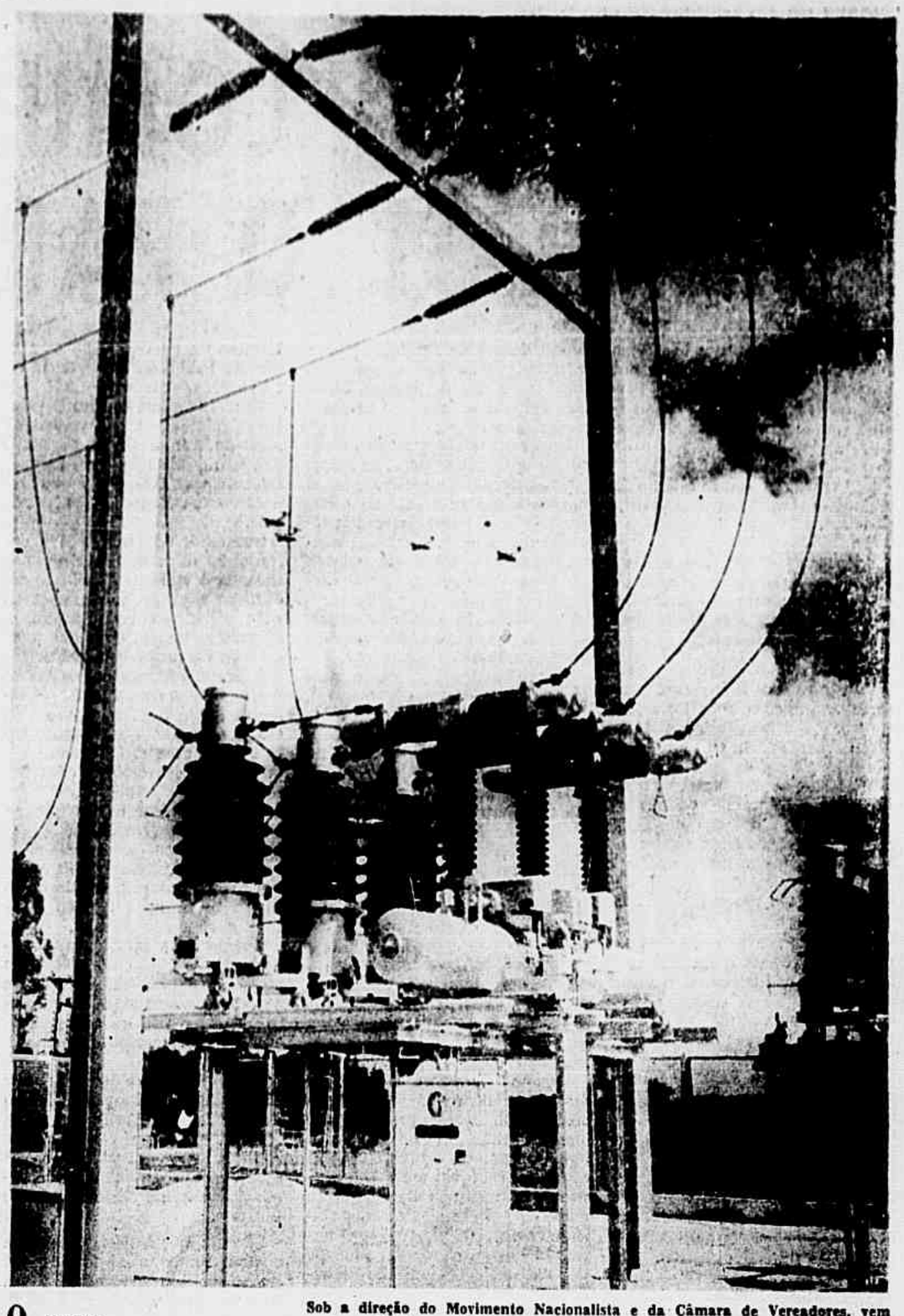
Em virtude disso a emprêsa vem se negando sistemàticamente, há já alguns anos, a instalar lâmpadas de iluminação pública solicitadas pela Prefeitura, limitando-se apenas a atender a pedidos de particulares, que representam muito maior lucro. Outro aspecto do problema é a redução constante da voltagem, em virtude da falta de potencial suficiente para atender à rêde já instalada, processo que leva o consumidor a gastar mais corrente e fazendo aumentar, artificialmente, o número de quilovates consumidos.

Mobilização

Essa situação insustentável levou a Câmara de Vereadores e os sindicatos e operários a promoverem e liderarem memoráveis campanhas pela encampação que, indo ao encontro dos anseios populares, contaram desde o início com o apoio de tôdas as classes sociais, mobilizando estudantes, trabalhadores, intelectuais, industriais e comerciantes.

Como resultado dessa patriótica iniciativa, mil pessoas subscreveram uma proclamação da Comissão Central pela Encampação da Light, constituída em ampla reunião realizada na sala de sessões da Câmara Municipal. O legislativo, por sua vez, aprovou inúmeras moções endereçadas às autoridades estaduais e ao próprio presidente da República, denunciando os abusos e a exploração a que vinha sendo submetida a população de Pelotas pelo truste da energia elétrica.

O problema foi levantado com vigor na Convenção Nacionalista realizada no Palácio Tiradentes, ocasião em que foram denunciados os lucros abusivos e lesivos aos interêsses nacionais, que a emprêsa vem auferindo. No recente Congresso dos Vereadores do Rio Grande do Sul, a tese aprovada por unanimidade, ao recomendar a encampação da Light como única medida que atende aos mais altos interêsses da população de Pelotas e aos interêsses do desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, ressaltava declarações do deputado Wilson Vargas que afirmou ser possível, além das outras vantagens, uma rebaixa nas tarifas de energia elétrica em Pelotas com a encampação.



Sob a direção do Movimento Nacionalista e da Câmara de Vereadores, vem sendo realizado na cidade de Pelotas um grande movimento de massas contra a Light que explora muito e serve pouco aquela cidade. Os moradores de Pelotas desejam que seja dada à emprêsa da Light o mesmo destino que teve sua similar que explorava o serviço de luz e fôrça em Pôrto Alegre.

Em Manaus o Próximo Conselho da UNE

Reunir-se-á no dia 14 do corrente, na capital amazonense, o 1º Conselho dêste ano da União Nacional de Estudantes.

É também o primeiro que se realiza sob a gestão da atual diretoria e após a vitória eleitoral do Sr. Jânio Quadros, fatos êsses que ressaltam ainda mais a sua importância.

Cuidadosamente elaborado, o anteprojeto de Temário inclui pontos de grande interêsse para todo o movimento estudantil universitário do país, tais como: Seminário sôbre a Reforma Universitária, Seminário sôbre problemas do nordeste, Criação das Universidades Federais, etc.

A solidariedade à revolução cubana será o principal ponto do tema «Problemas Internacionais».

Pelo trabalho que desenvolveu na primeira fase de sua gestão, dando contribuição efetiva para a solução dos diferentes movimentos grevistas que eclodiram em todo o país visando à reforma universitária, conquistando diversas verbas para a entidade e publicando a revista Movimento, a diretoria presidida por Oliveiros Guanais contará, por certo, com o apoio e a colaboração ativa da maioria esmagadora das Uniões Estaduais presentes ao Conselho.

A reunião universitária do Amazonas será, por todos êsses motivos, um novo passo no processo da unificação do movimento estudantil brasileiro.

O povo quer

II Conferência Pró-Anistia Dos Presos Políticos Ibéricos

Será realizada, em Montevidéu, nos dias 27, 28 e 29 de janeiro, a II Conferência Latino-Americana de Solidariedade aos Presos e Exilados Políticos da Espanha e Portugal. A I Conferência, como se recorda, realizou-se no início do ano passado, em São Paulo, depois de uma vitória contra as medidas pró-fascistas do govêrno brasileiro, e se constituiu num grande sucesso, dentro da luta de nossos povos contra os regimes reacionários da península ibérica.

Grande número de personalidades políticas, literárias e sociais do Brasil, Argentina, Chile e Uruguai já anunciaram seu apoio à II Conferência à Comissão Coordenadora Pró-Anistia para os Presos e Exilados Políticos da Espanha e Portugal. Em nosso país, contam-se até o momento as seguintes adesões: governadores, Moisés Lupion (Paraná) e Gilberto Mestrinho (Amazonas); vice-governador Porfírio da Paz (São Paulo); deputados federais, Ranieri Mazzili (presidente da Câmara), Sérgio Magalhães (1º vice-presidente), Raul Pilla, Campos Vergal, Aderbal Jurema, Nelson Omegna e muitos outros; senadores, Camillo Nogueira da Gama, Antonio Baltar e Mem de Sá; inúmeros deputados estaduais e vereadores de todo o país; União Nacional dos Estudantes e União Brasileira dos Estudantes Secundários; entidades sindicais e estudantis de todo o Brasil; os religiosos, arcebispo de Ribeirão Preto e o sacerdote local, José Pinto Ribeiro. A comissão recebeu também a adesão dos filósofos e escritores franceses Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoirx e dos escritores brasileiros Jorge Amado, Erico Veríssimo, Jamil Halmansur Haddad, Mário Donato e Paulo Duarte.

A ordem-do-dia da II Conferência constará dos seguintes pontos: 1 — Informe da Comissão Executiva Permanente sôbre os trabalhos realizados desde a I Conferência de São Paulo; 2 — gestões junto à ONU para interessá-la no clamor universal pró-anistia e em defesa dos direitos humanos na Península Ibérica; e 3 — Medidas para o desenvolvimento posterior do movimento: a) criação de um Conselho Ibero-Americano pró-anistia e em defesa dos direitos humanos na Espanha e em Portugal, e b) convocatória da III Conferência pela cessação das perseguições político-sociais na Espanha e em Portugal.

DIEESE: 5 Anos de Atividade

O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos de São Paulo, comemorou em dezembro último cinco anos de atividades de pesquisa e estudo dos problemas sociais e econômicos dos trabalhadores. Uma série de atos e manifestações marcou o evento, destacando-se entre êles a realização da 1ª Semana de Estudos de Problemas do Trabalho, de 19 a 22 de dezembro; a inauguração, no salão de festas do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, da 1ª Exposição Sôbre Problemas do Trabalho, da qual participaram, além dos sindicatos paulistas, a Delegacia Regional do Trabalho, a Secretaria do Trabalho, SENAI, Departamento de Estatística do Estado e IBGE, e, no dia 19, a realização de uma conferência proferida pelo professor Assis Simão, (foto) assistente da cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que falou sôbre os Aspectos Sociais e Políticos da Organização do Trabalho no Brasil. Dentro do programa de festejos, realizaram-se também conferências da dra. Celeste de Souza Andrade, diretora do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, e do dr. José Albertino Rodrigues, Diretor Técnico do DIEESE. Finalmente, no dia 22 teve lugar, no auditório do Sindicato dos Metalúrgicos, sessão solene comemorativa do aniversário do DIEESE, presidida pelo sindicalista Remo Forli e que contou com a presença de personalidades e numeroso público.

Estudantes Brasileiros Ensinarão a Língua Portuguêsa Aos Russos

Em nome dos estudantes brasileiros da Universidade da Amizade dos Povos, o aluno Waldemar Santiago Filho escreveu ao Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS para informar que aquêles estudantes reuniram-se numa associação com a finalidade de propiciar aos seus membros um apoio recíproco e também cuidar da divulgação da cultura brasileira, dos nossos costumes e da nossa língua.

Como lhes faltam os livros especializados, principalmente gramáticas, modernas e atualizadas, e dicionários, e, além disso, como professôres russos pretendem escrever um manual de língua russa em português e lhes pediram auxílio, pede o Waldemar, a todos os que estejam em condições de atendê-lo, para que enviem os materiais necessários ou sugestões para o seguinte endereço:

UNIVERSIDADE DA AMIZADE DOS POVOS
3a. Kabielnaia g 1
Moscou E-24 URSS
Waldemar Santiago Filho.

Pretendem também os jovens organizar um «stand» nacional para o que desejam receber os materiais necessários.

O Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS informa que já providenciou o envio de alguns materiais, entre os quais o «Idioma Nacional», de Antenor Nascentes, e um grande mapa do Brasil, edição atualizada, do IBGE.

THOREZ NO 40º ANIVERSÁRIO DO PCF:

O PARTIDO COMUNISTA FRANCÊS TORNOU-SE O PARTIDO DA NAÇÃO

Por ocasião do quadragésimo aniversário do Partido Comunista Francês, o secretário-geral do Partido, Maurice Thorez, foi entrevistado por representantes da televisão soviética e da televisão da República Democrática Alemã.

Reproduzimos abaixo o texto da entrevista concedida à televisão soviética.

Pergunta — Quais são, em sua opinião, os principais resultados de 40 anos de lutas do Partido Comunista Francês e as tarefas que lhe cabem atualmente?

RESPOSTA — A primeira vitória dos operários franceses durante êstes quarenta anos foi a formação, sob a influência da Revolução Socialista de Outubro e do apêlo de Lenin, de nosso Partido Comunista — um partido de tipo novo, fora do lodaçal social-democrata. Esforçamo-nos por assumir a posição leninista em relação ao conjunto dos problemas e por abrir uma perspectiva socialista para a classe trabalhadora da França.

Após quarenta anos de esforços e de lutas contra a exploração e a opressão capitalista, a maioria da classe operária de nosso país colocou-se sob a influência do Partido Comunista. Êle congrega em tôrno de si o maior número de trabalhadores em todos os principais centros proletários. Nos sindicatos operários, outrora dirigidos pelos reformistas, exercem hoje os comunistas uma influência preponderante.

Desde o início, nosso Partido se tem preocupado com a aliança entre a classe operária e o campesinato trabalhador. Adotou, em 1921, um programa agrário cujos pontos capitais foram aprovados por Lenin. Nosso Partido adquiriu uma influência determinante em muitas regiões agrícolas, sobretudo ao sul do rio Loire.

O Partido viu sua propagação e sua autoridade crescerem sem cessar. Conta em seus quadros com muitos intelectuais eminentes, os maiores sábios e os maiores artistas. Exerce uma influência crescente sôbre a juventude.

O Partido Comunista Francês tornou-se o partido da nação.

Ao mesmo tempo, êle tem sempre se colocado em posições do internacionalismo proletário. Ao seu apêlo, a classe operária da França apoiou a Revolução Russa e combateu os intervencionistas.

Em 1923, quando da ocupação do Ruhr pelo imperialismo francês, conclamamos os soldados e os trabalhadores franceses à confraternização com os operários alemães. Permanecemos sempre amigos e irmãos dos trabalhadores da Alemanha.

Dois anos mais tarde, em 1925, adotando uma política leninista, apoiamos o povo marroquino na luta pela sua liberdade e sua independência.

Defendendo os interêsses da nação e da paz, nosso Partido combateu em 1938 a política nefasta de Munique. Colocou-se à frente da luta contra a quinta-coluna de Hitler, e, depois, contra o invasor nazista. Sua ação e seus sacrifícios valeram-lhe ser denominado pelo povo, de Partido dos Fuzilados. Ao término da guerra, nosso Partido consagrou todos os seus esforços na reconstrução do país arruinado.

Atualmente, uma das tarefas mais importantes do Partido é a de mobilizar cada vez mais o povo, a fim de pôr têrmo à guerra da Argélia. Reclamamos que se efetue com o govêrno provisório da República argelina a negociação de cessar fogo e de garantir a aplicação da autodeterminação.

Lutamos para implantar a coexistência pacífica entre Estados de diferentes regimes, pelo desarmamento geral, simultâneo e controlado, para impedir novas guerras imperialistas, para evitar ou sustar tôdas as agressões locais.

Lutamos por uma verdadeira reconciliação dos povos alemão e francês, contra o rearmamento da Alemanha revanchista do Ocidente, contra a implantação de bases militares alemães no solo da França, pela conclusão de um tratado de paz com a Alemanha, pela concessão à Berlim Ocidental de um estatuto de cidade livre e desmilitarizada.

Nosso Partido ensina ao povo da França que a guerra, em nossa época, deixou de ser fatal, que a manutenção da paz depende da luta de milhões de pessoas. Lutamos por um mundo sem armas e sem guerras.

No plano interno, nosso objetivo é o de agrupar tôdas as fôrças trabalhadoras e democráticas a fim de abolir o regime do poder pessoal, para restabelecer e renovar a democracia. No ano passado, nosso XV Congresso adotou um programa de ampla união destinado a facilitar o reagrupamento de tôdas as camadas sociais hostis à política dos monopólios e do govêrno que os representa.

Nosso Partido tem consciência que se trata de uma luta difícil, árdua, contra um poder antidemocrático, o qual dispõe de todos os recursos do Estado autoritário e que se apóia na burocracia militar e nos elementos mais reacionários. Contra isso não há outro meio senão a mobilização e ação das massas preparada pelo nosso Partido em qualquer eventualidade.

É bastante evidente que o restabelecimento de um regime democrático que conceda um lugar importante à classe operária e a seu Partido levaria a um enfraquecimento sensível das posições dos monopólios, e, portanto, a um reforçamento da luta pelo socialismo.

Vivemos na época em que as fôrças socialistas crescem impetuosamente no mundo, enquanto que o imperialismo declina dia a dia. O poder do campo socialista afirma-se cada vez mais. Um irrefreável movimento de libertação nacional levanta os povos dos países coloniais e dependentes. O fortalecimento, a coesão da unidade do movimento comunista internacional manifesta-se com esplendor. É possível que, nessas condições, a passagem ao socialismo se faça por meios pacíficos.

Pergunta — Como encara as perspectivas das relações amistosas entre o povo francês e o povo soviético?

RESPOSTA — A classe operária de nosso país tem grande admiração pelos trabalhadores da URSS, edificadores do comunismo.

Os franceses, em seu conjunto, têm os mais fortes sentimentos de gratidão e de afeição para com o povo soviético que constituiu a fôrça decisiva para derrotar o fascismo hitlerista. O nome de Stalingrado é caro a todos os franceses ciosos dos interêsses nacionais. Os governantes de nosso país tomaram uma outra orientação. Procederam êles a uma cínica inversão de alianças. Colocaram sob a direção dos Estados Unidos a organização agressiva do Pacto do Atlântico. Nossos governantes levaram à ruptura do recente acôrdo franco-soviético concluído ao término da guerra, como se a lição de 1939 não tivesse sido suficientemente severa!

Ora, o interêsse da França exige boas relações, uma verdadeira amizade com a União Soviética. Era isto o que pensavam as multidões entusiastas que acolheram o camarada Kruschiov em nosso país.

Aos olhos das francesas e dos franceses o camarada Kruschiov encarna a fôrça tranqüila do socialismo vitorioso, a confiança do povo soviético em seu futuro, e, ao mesmo tempo, o grande ideal da paz, da amizade entre nossos dois povos. Os franceses aplaudem o intercâmbio com a URSS, as relações econômicas e culturais, os esforços tendentes ao conhecimento e à compreensão mútuos, e aspiram a desenvolvê-los cada vez mais.

Constatam que as posições da URSS na Organização das Nações Unidas atendem aos interêsses de seu país. Compreendem que os povos ameaçados pelo ressurgimento do militarismo alemão deveriam entender-se entre si.

Apenas uma minoria de grandes proprietários opõe obstáculos a essas boas relações. A vontade e a ação populares imporão em nosso país uma política conseqüente de amizade com o povo soviético.

Pergunta — Que desejaria dizer aos ouvintes e aos espectadores do rádio e da televisão soviética?

RESPOSTA — Pertenço àquela geração cujo caminho foi iluminado pelo brilho da Revolução de Outubro.

Por isso, que felicidade a minha quando há 36 anos anos travei conhecimento pela primeira vez com vosso país.

Da mesma forma que hoje, os trabalhadores da URSS encontravam-se cheios de entusiasmo revolucionário e de ardor pelo trabalho. A União Soviética, contudo, não era o que é agora. O povo passava ainda muitas dificuldades, a vida era dura. Meu pensamento comovido dirige-se para todos aquêles que há 43 anos vêm lutando sem poupar sacrifícios e a vida a fim de transformar seu país, a fim de torná-lo um grande Estado socialista, e a fim de defendê-lo contra todos seus inimigos.

Caros amigos, tenho visto vossa pátria crescer ano a ano, dia a dia. Apesar das provações, dos ataques, da guerra cruel, ela tem trilhado com passo seguro o caminho ascendente ousadamente traçado por vosso glorioso Partido Comunista.

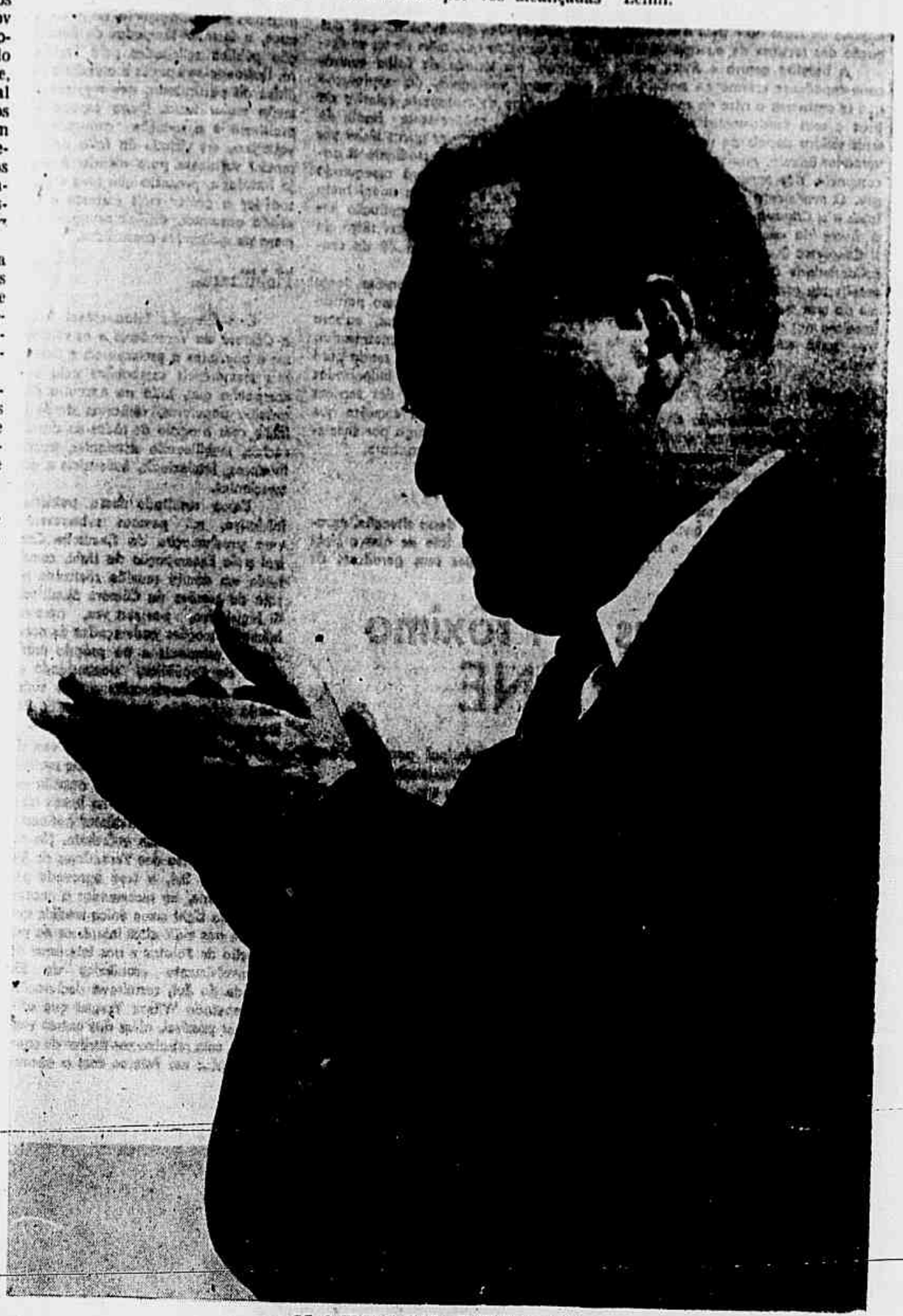
E hoje, vosso Partido alcança imensos êxitos em todos os domínios: industrial, agrário, cultural e social. É o primeiro no mundo na técnica e na ciência. Suas naves cósmicas sulcam os espaços. Forma muito mais engenheiros que os países capitalistas mais desenvolvidos. Introduziu o dia e a semana de trabalho mais curtos do mundo. É o florescimento da mais autêntica democracia.

A União Soviética marcha à frente de tôdas as fôrças da paz no mundo. Sua política corajosa de luta contra a guerra atrai para si a simpatia e o respeito de todos os povos.

Todos êsses progressos grandiosos regozijam-nos profundamente. Nós vos felicitamos de todo o coração, e nós vos desejamos novos êxitos brilhantes em vossa marcha para o comunismo.

As vitórias por vós alcançadas são igualmente nossas. Elas contribuem não apenas para a felicidade de vosso país, mas também para a propagação do comunismo no mundo inteiro.

Permiti-me reafirmar minha alegria e minha satisfação de ter há 40 anos lutado ao vosso lado, lutado convosco sob a bandeira de Lenin.



MAURICE THOREZ

Bulgária de Ontem e de Hoje

Durante vários dias, uma vitrine da Avenida Copacabana chamou a atenção dos passantes. A riqueza de côres e traços fazia com que grupos de pessoas parassem para ver do que se tratava. A exposição (foto), foi feita por iniciativa da Associação de Intercâmbio Cultural Brasil-Bulgária, na sucursal de Copacabana do «Jornal do Brasil». Fotografias, objetos de arte popular, mapas, lenços, mantas, artigos de porcelana e madeira, encontravam-se expostos, dando uma idéia geral do que foi a antiga Bulgária, berço de uma civilização tradicional, e o que é a Bulgária de hoje, país industrial-agrário avançado, que termina com êxito a construção do socialismo.

O Terraço de Flôres da China

SINVAL PALMEIRA

Nanquim, a bela capital de seis dinastias, rasgando largas avenidas em meio a crisantemos e rosas, foi palco de grandes acontecimentos na longa história da China. Dela ouvimos referência por suas tintas na escola de nossa meninice e dela nos falaram depois como capital do grande país. Aqui, o dr. Sun-Yat-Sen, fundador da República instalou sua capital e entre suas árvores quiz ser enterrado, na Montanha de Púrpura, onde seu Mausoléu é altar de reverência do povo que libertou da tirania mandchú. Aqui se levantaram de Taiping Tienkuo (O Reino Celeste) contra o feudalismo milenar e contra a dominação estrangeira. Durante dezoito anos Nanquim foi sua capital e daqui expediram normas sôbre o regime da terra, baseadas num socialismo utópico de conteúdo agrário. Depois de longas e duras batalhas os Taipings foram esmagados pelas fôrças estrangeiras aliadas ao feudalismo, mas naquele ano de 1851 começava a grande Revolução Chinesa que levaria ao poder a classe operária e o campesinato em 1949.

Nessa grande cidade de quase dois milhões a ditadura do Kumitang teve seu govêrno durante muitos anos e aqui fêz alarde de um terror sem precedentes, só comparável à fúria nazista. Milhares de intelectuais, operários, estudantes, homens e mulheres, foram decapitados ou fuzilados, por ordem de Chiang Kai-Chek, nos arredores de Nanquim, no «Terraço da China de Flôres", hoje monumento nacional à memória dêsses heróis martirizados.

Bela colina de onde se avista ao longe o Yang-Tse e mais próximo a Montanha de Púrpura, onde repousa Sun-Yat-Sen. Daqui se tem uma vista geral da grande cidade, com suas chaminés e tetos coloridos. Conta uma velha lenda budista que do alto dessa colina, orou um **bonzo** certa vez com tal fervor que os deuses fizeram cair sôbre a terra uma chuva de flôres. Nossa bela paisagem, de tão poética reminiscência, a traição de Chiang Kai-Chek, sacrificava os inconformados, com sua tirania. Aqui está memória de milhares de mártires como Tun Tchang-sia, Lo Deng-hsien, Sun Tsing-tsuan e tantos outros conhecidos e anônimos, assassinados pelo Kumitang, com os olhos na sua cidade, sua velha e bela cidade de Nanquim e com os olhos no futuro e na libertação da China. Sun Tsin-tchuan, ao ser fuzilado, com a serenidade e a grandeza do herói do povo imortal, dirigiu aos algozes essas palavras imorredoras: "Fuzilai-me, dez outros vos surgirão; fuzilai os dez e tereis mais cem. Jamais chegareis a extinguir os revolucionários, que são centenas de milhares". Essa frase derradeira do grande chinês deveria chamar à meditação os governos reacionários que pensam parar a roda da história encarcerando e matando os líderes populares, esquecidos de que são apenas a voz do povo, e essa ninguém silencia, porque é de milhões. Desaparecido um surgem dez, cem, mil, como bradou Sun, na hora final.

Quando em Nanquim não mais se falar nos crimes e na brutalidade do Kumitang, quando o fausto dos Mings e as glórias das seis dinastias constituirem ligeira reminiscência do passado, a colina da "Chuva de Flôres" se erguerá sôbre os parques e tetos de Nanquim, levando ao homem livre, de um mundo inteiramente livre, lembrança imorredora dos milhares de heróis que ali morreram para que florescessem os crisantemos nos jardins da gente simples, da gente que ama e trabalha, sem pretender ser dono da vida, porque entende que a vida deve ser de todos.

«A Tática do Avestruz»

ALMIR MATOS

Esperamos em vão o editorial do dr. João Neves e as verrinas da 6ª página do «Correio da Manhã». Se de outras vêzes êles dizem as mesmas coisas ao mesmo tempo, como os artistas que capricham no ensaio, desta vez, com a mesma unanimidade, preferiram o silêncio. De fato, preferiram não é bem o têrmo, pois as preferências nunca são dêles mesmos, e sim dos que lhes pagam as opiniões a tanto por centímetro de altura, e escolhem por êles. O certo, porém, é que nada disseram.

Como compreender o silêncio do dr. João Neves e dos editorialistas do «Correio da Manhã» ou do «Jornal do Brasil» quando se reunem em Moscou os representantes de 81 partidos marxistas de todo o mundo, entre êles Luís Carlos Prestes, em nome dos comunistas brasileiros? Não viram então os intrépidos defensores da «dolce vita» que tal conferência constituia um tremendo perigo e que era necessário pedir mais uma vez a cabeça de Prestes por ter participado nessa «conspiração» e, ainda por cima, ter palestrado por mais de três horas com Nikita Kruschiov?

Êsses cavalheiros — e, mais do que êles, os donos de suas opiniões — vêem sempre o que lhes interessa ver, sem que ninguém precise adverti-los. Se, muitas vêzes, não conseguem o que pretendem não é a vigilância que lhes falta; é a vitalidade, cada dia mais arruinada.

Não foi por tolerância nem por negligência que os porta-vozes da reação imperialista emudeceram a propósito da recente Conferência de Moscou e da participação que nela tiveram os representantes da classe operária brasileira. Silenciaram por manobra, por tática: a tática do avestruz.

Antes de realizar-se o encontro dos partidos comunistas dizia um editorial de «O Globo» que em Moscou seriam decididos os destinos da Humanidade. Lamentava, é evidente, que a sorte do mundo dependesse das decisões do proletariado internacional, mas reconhecia um fato incontestável. Êsse poder de decisão — um dos mais belos sinais de nossa época — foi aliás solenemente proclamado pela própria Conferência: «O conteúdo principal, a direção principal e as principais peculiaridades do desenvolvimento histórico da sociedade humana são determinados, hoje, pelo sistema socialista mundial e pelas fôrças que lutam contra o imperialismo, pela reorganização socialista da sociedade». E êle se exerce, antes de tudo, no sentido de assegurar a paz no mundo, a liberdade e a independência dos povos.

Vêem-se os inimigos do proletariado diante da alternativa: refutar essa tese, tendo que debatê-la, ou procurar ocultá-la, diminuindo a sua difusão, na esperança de que assim sejam menos intensos ou mais remotos os seus efeitos. Não havendo um terceiro caminho, preferem o segundo. Silenciam, então. E quando quebram o silêncio não é para discutir, mas para caluniar.

Em nosso caso particular, êsse silêncio é bastante significativo. Através dêle visa a reação um objetivo determinado: encobrir o fato de que a classe operária brasileira, como vanguarda de tôdas as fôrças progressistas do País, se projeta no cenário internacional e influi, concretamente, em decisões que se destinam a garantir a paz mundial e o florescimento de tôdas as nações. Isso é o que Prestes e seus companheiros foram fazer na Conferência de Moscou.

A idéia de um confronto se impõe, naturalmente: o confronto entre as posições dos representantes do proletariado e de outras fôrças progressistas em reuniões internacionais como a de Moscou e as posições dos porta-vozes do imperialismo nas conferências promovidas ou apoiadas pelo Departamento de Estado norte-americano. Em ambos os casos são os interêsses dos povo que estão em jôgo: a paz, o progresso, a independência. Se as reuniões se realizam em Moscou, em Pequim ou em Varsóvia o que se discute são os meios de defender melhor êsses interêsses. Ao contrário, se a Conferência é, por exemplo, em São José da Costa Rica os delegados dos trustes e do latifúndio nela reunidos o que fazem é procurar as maneiras de defender com mais eficiência os interêsses rapaces do imperialismo, traindo a sua nação e o seu povo. Se em Moscou se diz que «o essencial é refrear a tempo os agressores, evitar a guerra, impedir a sua eclosão», ou que «os países socialistas consideram como seu dever internacionalista colaborar com os povos em sua luta pela consolidação da independência nacional» ou que «é assunto interno de cada povo escolher o caminho de desenvolvimento que melhor lhe convém», nas reuniões promovidas pelo imperialismo o que se decide é o rearmamento da Alemanha, o apoio à selvageria francesa na Argélia e os meios de esmagar a luta libertadora do povo cubano.

E o que mostra um tal confronto é insofismável: Prestes, na reunião de Moscou, falando em nome do proletariado e de todos os patriotas brasileiros, serve à causa da paz e aos interêsses do nosso povo, enquanto Lafer em Costa Rica ou Schmidt na OEA, falando pela reação traem o Brasil e servem ao imperialismo, a cuja causa criminosa se entregam.

Quando o inimigo adota a tática do avestruz, em lugar do ataque, é porque isso é o que mais lhe convém. O episódio da participação dos comunistas brasileiros na conferência de Moscou é um exemplo. A atitude mais prudente para os entreguistas era encolher-se. Pois fazer alarde, no caso, seria chamar a atenção das massas para uma realidade que lhes é tão incômoda como o sol para os boêmios da «dolce vita»: é nas mãos da classe operária, como dirigente de tôdas as demais fôrças patrióticas e progressistas, que se acham as bandeiras da paz, da democracia e da independência, é a classe operária que representa com tôda autenticidade os interêsses da Nação.

Quanto ao avestruz, é inútil, dr. João Neves, proteger a cabeça contra a tempestade: ela sòmente cessará quando não existirem mais detritos como o nosso caro doutor.

LEIA A NOVA

HISTORIA DEL PARTIDO COMUNISTA DE LA UNION SOVIETICA

Edição 1956
921 páginas, encadernado.

Apenas Cr$ 400,00

Pedidos a:

Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
Rua dos Estudantes, 81 s/ 28
Telefone: 37-4983 — São Paulo

Comissão Brasileira contra intervenção em Cuba

Em solenidade a se realizar no próximo dia 20, às 20 horas, no auditório do 9.º andar da ABI, será instalada a Comissão Brasileira Contra a Intervenção em Cuba. O presidente da comissão é o deputado Josué de Castro, vice-presidente o deputado Sérgio Magalhães e fazem parte da mesma, entre outros, os deputados Barbosa Lima Sobrinho, Eloy Dutra e Vasconcelos Tôrres.

Deverão participar do ato, além de representantes da Guanabara, delegações de São Paulo, do Estado do Rio, de Minas Gerais e do Espírito Santo. A Comissão organizadora enviou também convite ao "Movimento 26 de Julho".

Ajuda a NOVOS RUMOS

Recebemos e agradecemos as seguintes importâncias de ajuda ao nosso jornal:

	CR$
Comissão Tiradentes de São Gonçalo	1.480,00
Comissão 23 de Maio de São Gonçalo	250,00
Comissão 3 de Janeiro de S. Gonçalo	1.000,00
Comissão Luiz França de S. Gonçalo	750,00
Comissão 1.º de Maio de S. Gonçalo	200,00
Amigos do Leme	3.000,00
De um amigo de Laranjeiras	100,00
De amigos do Icaraí	400,00
De operários do Arsenal de Marinha	400,00
De amigos de Curitiba	7.500,00
De amigos da Leopoldina	350,00
De amigos de Cavaleiros	915,00
De trabalhadores da Energia Elétrica	2.000,00
De José Fonseca	250,00
De um amigo de Campo Mourão	250,00
De amigos do Gambeta	11.200,00
Trabalhadores da E. Elétrica do E. do Rio	11.100,00
De um amigo de Niterói	1.000,00
De um amigo petroleiro	200,00
Amigos do centro de Niterói	500,00

Teoria e Prática

O Que é o Marxismo? (Continuação)

O Materialismo Histórico é a aplicação do materialismo Dialético ao estudo do surgimento e da transformação da sociedade. Como concepção materialista, parte da realidade social, tal qual ela é: parte dos homens e das condições de sua vida material, de suas necessidades e dos meios de que se servem para satisfazê-las; de suas relações com o meio que os cerca e das relações que, através do trabalho, estabelecem também entre si. Parte de que nenhuma sociedade pode existir sem produzir bens materiais: a produção material é, pois, a base da vida e do desenvolvimento da sociedade.

Marx e Engels mostraram, apoiados nas ciências, que o trabalho criou o homem, como ser biológico e como ser social, e determina os caminhos e as etapas de sua ação e de sua cultura: "O homem — escreve Marx — é o animal que produz instrumentos de trabalho".

Daí, porque o trabalho, a produção social marcam tôda a história da sociedade. O nível da técnica — o alcance dos conhecimentos do homem e o tipo de instrumentos que emprega — isto é, as fôrças produtivas; e as relações que decorrem entre êles da própria produção social e do nível técnico em que esta se realiza — isto é, as relações de produção — são os elementos fundamentais que definem as diferentes etapas da história da humanidade. Essas etapas se distinguem — não pelo que se produz, mas pela maneira como se produz, pelos instrumentos de produção utilizados — isto é, segundo o modo de produção dos bens materiais. Cada modo de produção é, assim, um todo que engloba, numa unidade dialética as fôrças produtivas e as relações de produção correspondentes. São estas, agindo umas sôbre as outras, que determinam todo o movimento social: a cada etapa do crescimento das fôrças produtivas correspondem relações de produção determinadas. Essa correspondência, no entanto, marca apenas um momento histórico de cada etapa ou modo de produção, visto que o crescimento das fôrças produtivas é constante, mais rápido e mais dinâmico. A um grau determinado de desenvolvimento das fôrças produtivas, as relações de produção lhes correspondem como forma dêste desenvolvimento. Assim, por exemplo, quando surgiram as relações de produção capitalistas, elas possibilitaram a aplicação da iniciativa privada capitalista, o aumento do número de fábricas e o crescimento da produtividade do trabalho. Como se vê, no período inicial de sua existência, as relações de produção correspondem às fôrças produtivas e abrem caminho ao seu desenvolvimento. Já no período posterior, as coisas passam-se de outra maneira: as fôrças produtivas desenvolvem-se ininterruptamente, como novos inventos, inovações e conhecimentos. As relações de produção, porém, permanecem as mesmas, por anos e dezenas de anos a fio. De estímulo que eram antes, passam a ser entraves ao avanço da produção. Daí, o conflito inevitável, que se traduz, nas sociedades de classes antagônicas, no acirramento da luta de classes. As classes novas de cada sociedade estão sempre ligadas às formas mais avançadas da produção — e por isso lutam por relações de produção novas, indispensáveis à continuidade do desenvolvimento social. Enquanto isso, as classes caducas donas dos meios de produção e do Poder político, lutam por conservar, com as relações de produção velhas e superadas, seu domínio e seus privilégios. Êsse conflito é a base econômica de tôda revolução social. A revolução social é, pois, a lei da passagem do velho modo de produção a um novo modo de produção; é a lei da passagem ao poder de uma nova classe, em substituição à classe antiga, superada.

Nas sociedades de classes antagônicas como a nossa, a luta de classes reflete o conflito entre as relações de produção e as fôrças produtivas. Por sua vez, as idéias e teorias sociais avançadas refletem as exigências da produção social e os interêsses das classes que lutam pelo desenvolvimento social. Não por acaso o marxismo — teoria justa, avançada, libertadora — surgiu no momento histórico em que amadurecia e tomava consciência de si — mesma a classe operária, cuja missão histórica é libertar da exploração não só a si mesma — mas a tôda a população explorada. Assim, a ciência social que visa — não apenas interpretar o mundo, mas transformá-lo, surgia das entranhas e das lutas de sua portadora material, da classe capaz de transformá-la em fôrça material e de encarná-la, como vem encarnando, na vida, através da consciência, das aspirações e das lutas de tôda a humanidade trabalhadora.

A PODRIDÃO FUGIU PARA FORMOSA

Nos últimos dias de dezembro a Sociedade Cultural Sino-Brasileira, com sede à Av. 9 de Julho, 40, 12.º and., s/F-G, São Paulo, patrocinou uma importante conferência que foi pronunciada pela escritora Helena Silveira.

A ilustre conferencista, discorrendo sôbre o que observou em sua recente viagem à República Popular da China, abordou os problemas da mulher e da criança chinesas. Há um grande contraste, disse, entre a mulher do passado e do presente. A mulher do presente lançou-se ombro a ombro com os homens na batalha da produção e ocupa importante papel na administração da Nova China. Citando o nome da Madame Sun Yat-Sen, que é vice-presidenta da República Popular da China, a escritora Helena Silveira, lembrando que atualmente encontramos mulheres que são ministros de Estado e generais do Exército Popular.

Discorrendo sôbre a criança chinesa, a conferencista lembrou o fato de que há onze anos passados abundavam as notícias afirmando que anualmente centenas de milhares de crianças chinesas eram sacrificadas pelas próprias mães por lhes faltarem os meios mais primitivos para darem subsistência às pequeninas vítimas. Hoje, continuou, nada pode ser mais lindo neste mundo do que ver as multidões enormes de crianças chinesas, sorridentes, aparentando boa nutrição e saúde, e bem vestidas que comumente brincam nos jardins públicos e de quando em quando seguem o viajante estrangeiro.

Concluindo sua conferência, ela afirmou que os traficantes de ópio, "gangsters", ladrões, assassinos, exploradores, etc. haviam desaparecido da Nova China e apontou a razão: "... porque a podridão fugiu para Formosa"

Na foto vemos a mesa que presidiu os trabalhos: Da esquerda para a direita a conferencista, o professor Ariovaldo de Carvalho, o engenheiro Maurilo Novo Pacheco e o advogado Ruy Maciel, respectivamente, presidente, vice-presidente e secretário geral da Sociedade Cultural Sino-Brasileira.

Já está nas livrarias:

BRASIL SÉCULO XX

Rui Facó

«...um livro já agora indispensável a leitores brasileiros e estrangeiros que desejam adquirir um conhecimento panorâmico exato, traçado com a melhor orientação científica, do Brasil e das lutas do povo brasileiro no século presente.»

(de Astrojildo Pereira)

Preço Cr$ 350,00

Pedidos pelo reembôlso para

Editorial Vitória Ltda.

Caixa Postal, 165 / Tel. 22-1613
Rio de Janeiro / E. da Guanabara

História do Movimento Operário (LXII)

Ivan Ramos Ribeiro

Amadurece a Revolução Democrático-Burguesa na Rússia

O século XIX encerrou-se na Europa com uma crise industrial que logo se estendeu à Rússia militar-feudal imperialista. Nos primeiros anos de nosso século, milhares de emprêsas se tinham fechado. Mais de cem mil operários viram-se atirados ao desemprêgo, e os salários, de si já tão miseráveis, foram sendo mais e mais rebaixados. A situação se agravou com a grande sêca que então atingiu vastas zonas do agro russo. Os flagelados camponeses tinham que enganar o estômago com fôlhas e cascas de árvores. Escassearam nos grandes centros populosos os cereais, desatou-se a especulação, a fome se tornou aguda nos sombrios e imundos bairros proletários.

A aristocracia latifundiária e os patrões tripudiavam, fartos, sôbre a miséria inaudita das massas trabalhadoras, a burocracia, empedernida e atrabiliária, sufocava como nunca tôda a vida social, o tzarismo punha à mostra, em plena nudez, o seu caráter reacionário, opressivo, despótico.

O descontentamento e a revolta se alastraram por tôda parte com rapidez. O movimento operário entrou em franca ascensão. Na greve de 1º de maio de 1901, os metalúrgicos do arsenal de guerra de Obukhov, em Petersburgo, resistem heròicamente aos assaltos brutais das tropas do tzar, defendendo-se com pedras e pedaços de ferro. São afinal vencidos, mais de 800 trabalhadores são jogados nos cárceres. Mas a desde então famosa "defesa de Obukhov" ecôa como um vibrante chamamento de combate aos operários de tôda a Rússia.

Em 1902, eclodem grandes greves e manifestações em Batum e em Rostov-sôbre-o-Don, pondo em movimento as massas operárias e camponesas de tôda a Transcaucásia. As lutas do proletariado se estendem, no ano seguinte, a Baku e a Tiflis e às maiores cidades da Ucrânia — ao pôrto de Odessa, a Kiev, a Iecaterinoslav. Em várias províncias da Ucrânia e na bacia do Volga, os camponeses se revoltam, incendiando as propriedades dos grandes senhores, apoderando-se à fôrça das terras, matando os nobres mais odiados, os "zêmskie natchálniki", chefetes locais investidos de funções administrativas, judiciárias e policiais.

As lutas da classe operária, iniciadas em tôrno de reivindicações de caráter econômico, logo se encaminham para o terreno político, tornam-se lutas em prol das liberdades democráticas. Elas se ferem, por tôda parte, com a ativa participação dos social-democratas e vai avultando o número das que são dirigidas pelos Comitês locais do Partido Operário Social-Democrata Russo. Acentua-se o conteúdo revolucionário das greves e manifestações proletárias e não tarda em corporificar-se na palavra-de-ordem geral "Abaixo a autocracia tzarista!", que se vai convertendo em clamor das massas oprimidas de tôda a Rússia.

Sob a influência do movimento operário, põem-se também em marcha outras classes e camadas da população urbana. Agita-se a intelectualidade, — os engenheiros, os advogados, os artistas, os estudantes. Estes últimos lançam-se a greves e demonstrações de caráter democrático, que o govêrno reprime com prisões e convocação militar, com o fechamento de universidades. Os estudantes reagem à repressão com uma greve geral, no inverno de 1901-1902.

Os burgueses liberais e com êles os proprietários de terras liberais dos "zemstvos" (tratava-se, em geral, de latifundiários aburguesados), protestam, à sua maneira, contra os "excessos" do tzar. O "zemstvo", instituído em 1864, era um sistema de instituições de administração local autônoma integradas por nobres e burgueses. Os liberais dos "zemstvos" apoiavam-se principalmente na instituição denominada "zêmskaia uprava", que tinha que ver com a conservação das estradas, a construção de hospitais e escolas, etc. O movimento dêsses liberais agrários deu lugar ao surgimento, em 1902, do grupo burguês "Osvobojdiênie" ("Libertação"), núcleo do que seria mais tarde o principal partido da burguesia russa, o Partido Kadete (constitucional-democrata).

Em fins de 1904, realizou-se em Petersburgo um congresso dos "zemstvos", que Lênin chamou irônicamente de "secreto", porque, depois de já iniciado, foi adiado por um ano pelo tzar, transformando-se, graças aos bons ofícios do ministro do Interior tzarista simpático aos liberais, em "conversa em tôrno duma chávena de chá, em aposentos particulares"... Os originais congressistas concordaram todos em que, se o tzar não fizesse em curto prazo algumas concessões e se não se verificassem reformas "de cima", então seria inevitável uma explosão revolucionária, contra a qual seria impotente qualquer repressão do govêrno. No memorial enviado a êste, através do ministro amigo Sviatopolsk-Mirski, diziam, servilmente: "Que essa futura libertação não se realize sem o poder supremo e além de sua vontade"... Assim, temendo a revolução mais que os "excessos" do tzar, os liberais procuravam, de um lado, chamá-lo "à razão" e, de outro, ganhar a confiança popular, apresentando-se como homens "descontentes" com o tzarismo. Em seguida, — como ocorrera, aliás, em certa época, com os burgueses da França (Ver Cap. XII, em NOVOS RUMOS nº 12), — os liberais russos organizaram valentemente a sua campanha de... banquetes, na qual teve destacada participação a intelectualidade burguesa.

Quanto ao govêrno tzarista, usava de violência cada vez maior contra o movimento revolucionário, que continuava a estender-se e a ganhar vigor. As tropas do império crescentemente convulsionado dissolviam a sabre, a pata de cavalo, a chicote e a bala as greves e as manifestações de rua. Ao mesmo tempo, o govêrno começou a lançar mão de umas ditas "organizações operárias" forjadas pela polícia. Essas entidades ficaram conhecidas como organizações do "socialismo policial" ou organizações "Zubatóv" (nome do coronel de polícia que as criou), e tinham em vista tentar dissuadir os trabalhadores da luta, com argumentos do tipo do seguinte: "Pra que meter-se em política, pra que organizar a revolução, se o tzar em pessoa está ao lado dos operários?"

Em 1904, um padre metido a esperto chamado Gapone fundou uma organização modêlo-Zubatóv. Chamava-se "Reunião dos Operários de Usina Russos de Petersburgo". Sôbre ela voltaremos ainda a falar com o leitor.

Grodotzki
(Furacão da RDA)
Brilhou na S. Silvestre

Ganhando a classificação

Em Leipzig, nas eliminatórias disputadas entre os representantes das duas Alemanhas para a escolha da equipe olímpica, Grodotzki venceu os 5 e 10 mil metros.

NAS RUAS de São Paulo, um jovem louro, pràticamente desconhecido da grande multidão que acompanhava os lances da tradicional corrida de São Silvestre, despontava no grupo vanguardeiro e ameaçava perigosamente a supremacia do argentino Oswaldo Suarez, vencedor das duas provas anteriores. A corrida, na sua parte final, foi repleta de momentos emocionantes. A maior experiência do percurso a garra e a capacidade de Oswaldo levaram-no finalmente ao tricampeonato. O louro chegou em segundo e logo foi alvo das atenções de todos. Quem é? O que faz? — perguntavam muitos.

Seu nome ficou logo conhecido: Grodotzki. Veio da Alemanha Democrática, representando as duas Alemanhas. Seu passado esportivo não é longínquo, pelo contrário, começou sua carreira de atleta há bem pouco tempo, despontando nas eliminatórias para a Olimpíada quando venceu e foi incluído na equipe unificada alemã. Na competição máxima do esporte mundial conquistou duas medalhas de prata para os 10 mil e os 5 mil metros, sendo que na primeira bateu o recorde do seu país.

Nascido em 4 de abril de 1936, mineiro de profissão, começou sua vida esportiva como jogador de futebol. Um dia dispôs-se, instado pelos companheiros, a correr numa pista. Foi então que o descobriram. Na época, já oficial do Exército Popular da República Democrática Alemã, foi estimulado a prosseguir na carreira pelos seus treinadores, entre os quais o fabuloso Zatopeck. Estimado pela sua modéstia, atleta compenetrado de suas funções, se dedica com grande entusiasmo e dedicação aos treinos, o que lhe valeu a invejável posição que desfruta entre os competidores das provas de fundo. Grodotzki, que ganhou também a prova dos 10 mil metros disputada no Pacaembú dois dias após a São Silvestre, permaneceu durante alguns dias no Brasil, tendo visitado também o Rio de Janeiro.

O esporte unifica

Grodotzki (RDA) e Flossbach (RFA), atletas das duas Alemanhas se classificaram para a Olimpíada. Os dois simbolizam a vontade de reunificção do povo alemão, mostram através do esporte a artificialidade de uma Alemanha dividida. Esporte é sinônimo de paz e fraternidade, e com elas o povo alemão poderá viver sem as fronteiras que o dividem.

O número 16 avança

Em seu país, a República Democrática Alemã, Grodotzki tem vencido inúmeras competições. Apesar de especialista nas provas de fundo, os 5 e 10 mil metros, disputa com sucesso provas de meio-fundo, tendo obtido excelentes classificações em muitas corridas. No recente campeonato atlético da RDA, além de ter vencido as suas provas favoritas, o louro Grodotzki conquistou o segundo lugar na prova dos 1.500 metros, um aspecto da qual apresentamos na foto acima. Grodotzki é o atleta que leva o número 16.

Vencendo um «rei»

Roma—1960, disputa-se a carreira dos 5.000 metros. Grandes nomes na especialidade competem. Apesar disso, entretanto, o jovem Grodotzk ganhou o 2.º lugar.